



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Câmpus de São José do Rio Preto

Fernanda Teresinha Udinal

**A tradução técnica e o ato performativo da recriação de marcas
socioculturais na tradução voltada à educação médica**

São José do Rio Preto
2022

Fernanda Teresinha Udinal

**A tradução técnica e o ato performativo da recriação de marcas
socioculturais na tradução voltada à educação médica**

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Orientador: Prof. Dr. Lauro Maia Amorim

São José do Rio Preto
2022

U21t

Udinal, Fernanda Teresinha

A tradução técnica e o ato performativo da recriação de marcas socioculturais na tradução voltada à educação médica / Fernanda Teresinha Udinal. -- São José do Rio Preto, 2022

120 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto

Orientador: Lauro Maia Amorim

1. Tradução técnica. 2. Ato performativo. 3. Condicionantes culturais. 4. Pierre Bourdieu. 5. Educação médica. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Fernanda Teresinha Udinal

**A tradução técnica e o ato performativo da recriação de marcas
socioculturais na tradução voltada à educação médica**

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Comissão Examinadora

Prof. Dr. Lauro Maia Amorim
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto
Orientador

Profa. Dra. Maria Viviane do Amaral Veras
UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas

Profa. Dra. Maria Angélica Deângeli
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto

São José do Rio Preto
12 de dezembro de 2022

Ao Luiz que acaba de chegar e ao Luiz que,
aos poucos, nos esquece
e ao Tonhão que concluiu sua missão aqui.

AGRADECIMENTOS

Às mulheres da minha vida, Helena, Giovana e Vitória, que me mantiveram em pé até aqui.

Ao meu esposo Carlos pelo incentivo e paciência incondicional.

Ao meu orientador Lauro por toda dedicação, por sua empatia e humanidade e pelos grandes ensinamentos compartilhados.

Às estimadas docentes que gentilmente aceitaram participar da minha banca.

Ao Conselho do PPGEL pela flexibilidade e sensibilidade diante das minhas solicitações e à Seção de Pós pelo apoio e orientações.

Ao Prof. Dr. Dimas Covas e Elaine Faria pelas oportunidades. Aos colegas Luís, Vinicius e João Pedro por toda assistência em tantos projetos e a todos os colegas do Hemocentro RP.

À minha amiga e parceira Suely, sem ela nada seria possível. Aos editores do DocCom, em especial, Prof. Dr. Dennis Novack e Prof. Dr. Christof Daetwyler (*in memoriam*).

“Whenever people are deprived of direct access to a language,
translations offer the possibility of indirect access.”

Mona Baker (1998)

RESUMO

A tradução é um processo mental que não está restrito a fatores linguísticos. Vários outros fatores atravessam a tradução e norteiam as escolhas dos tradutores, como aspectos sociais, históricos e culturais. Embora a contribuição dos tradutores e da tradução no conhecimento e no avanço da humanidade seja incontestável, ela ainda não tem o devido reconhecimento, particularmente a tradução técnica e de textos especializados, que por muito tempo esteve à margem das pesquisas acadêmicas dada a crença equivocada de que os textos técnicos envolveriam apenas questões de terminologia. À luz da necessidade de se conhecer melhor o processo tradutório e a figura do tradutor, o presente estudo foi concebido a partir de uma experiência prática relacionada à tradução de uma plataforma educacional on-line voltada à tradução médica e tem como objetivo apresentar aspectos teóricos da tradução a partir da abordagem funcionalista e das condicionantes culturais e discutir o processo tradutório como uma ação na prática, com base na abordagem performativa da linguagem e na abordagem sociológica proposta por Pierre Bourdieu para unir a teoria à prática e refletir sobre as características dos textos especializados e suas relações com aspectos de cultura, língua e sociedade. Para tanto, buscou-se empregar uma metodologia qualitativa narrativa, fazendo uso de exemplos para demonstrar que o tradutor técnico não é um mero reproduzidor de sentidos estáticos, mas sim um agente ativo no campo científico, médico e educacional e que seu trabalho, suas escolhas, suas estratégias, reflexões e conhecimentos não podem ser vistos como um processo automático, desprovido de criatividade ou subjetividade, uma vez que sua ação está sempre pautada em seu compromisso com o texto de partida e com o receptor do texto de chegada, nas relações linguísticas, culturais e sociológicas do texto de chegada e no que se espera ou pretende com o texto de chegada, para que este de fato transforme-se em conhecimento e cumpra com a sua finalidade. Dessa forma, nosso estudo possibilitou reflexões que podem contribuir com o avanço da área da tradução, como atividade prática, e também com seu ensino na formação de futuros tradutores e mostrou a importância de incluir a tradução técnica e de textos especializados no rol dos Estudos da Tradução para entender melhor a figura do tradutor, a tradução como ação e seu impacto nas áreas do conhecimento.

Palavras-chave: Estudos da Tradução. Tradução técnica. Teoria do Escopo. Ato performativo. Condicionantes culturais. Pierre Bourdieu. Educação médica.

ABSTRACT

Translating is not a mental process restricted to linguistic factors. Several other factors permeate translation and guide the choices of translators, such as social, historical, and cultural aspects. Although the contribution of translation and translators towards knowledge and advance of humanity is unquestionable, it has not gained due recognition, especially, when it comes to technical and specialized translation, which for a long time has been on the fringes of academic research given the misguided belief that technical texts would only involve terminology issues. In the light of the need of learning more about the translation process and the translator's figure, this study was conceived from a practical experience related to the translation of an online educational platform designed to medical education and it aims to bring the aspects of theoretical translation, from the functionalist and cultural mark approaches, and to discuss the translation process as an action in practice, based on the performative approach and on the sociological approach proposed by Pierre Bourdieu to join theory and practice and to ponder on the features of specialized texts and their relationships with aspects of culture, language and society. For this purpose, we adopted a qualitative narrative methodology, using examples, to show that technical translators are not mere reproducers of statistical senses, but they are active agents in the scientific, medical, and educational field, and their work, choices, strategies, reflections, and knowledge cannot be regarded as an automatic process, free of creativity or subjectivity, once their action is always grounded on their commitment to the source text and to the receptor of the target text, on the linguistic, cultural, and sociological relationships of the target text and on what is expected from the target text, so it can indeed turn into knowledge and accomplish its purpose. Thus, our study offered reflections that might contribute to the advance of the field of translation, as a practical activity, and also to the education of translators to be, it showed as well the importance of including technical and specialized translation in the agenda of Translation Studies to understand better the translator's figure, the translation as an action and its impact on the fields of knowledge.

Key words: Translation Studies. Technical translation. *Skopos* theory. Performativity. Cultural marks. Pierre Bourdieu. Medical Education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Processo da ação tradutória proposto por Nord.	26
Figura 2. Relação entre fatores extra e intratextuais.	31
Figura 3. Sobreposição das abordagens do estudo.	39
Figura 4. Exemplos de interface do DocCom Brasil.	72
Figura 5. Fotos do estúdio de gravação dos vídeos do DocCom.	75
Figura 6. Interface do site para criação de conta e página inicial.	77
Figura 7. Exemplo de um vídeo comentado (<i>annotated video</i>).	82
Figura 8. Exemplo de legenda com uso de gíria.	92
Figura 9. Exemplos do corpus sobre a forma de dispensação de fármacos nos EUA.	96
Figura 10. Exemplo retirado do Módulo 18 sobre a questão sexual.	105
Figura 11. Exemplo de uso do pronome do caso reto no vídeo do Módulo 6.	106
Figura 12. Exemplo da natureza performativa da plataforma.	107

LISTA DE TABELAS E QUADROS

Quadro 1. Tipos de texto e métodos de tradução, propostos por Reiss, de acordo com as características.	23
Tabela 1. Exemplos de expressões retirados do corpus.	93

SUMÁRIO

1	Introdução	12
2	Tradução e Função	19
2.1	Visão geral	19
2.2	A visão funcionalista da tradução	21
2.3	As condicionantes culturais na tradução	32
3	Tradução para o Campo da Medicina	41
3.1	Visão geral	41
3.2	A Sociologia de Bourdieu e sua aplicação nos Estudos da Tradução	43
3.3	O campo da educação médica e a formação do habitus médico	53
3.4	Traduzindo para o campo da medicina	60
4	Tradução e Ação	62
4.1	Uma virada performativa	62
5	Cenas de análise	71
5.1	O <i>DocCom</i>	71
5.2	A metodologia do projeto de tradução	73
5.3	A tradução audiovisual	80
5.4	Problemas terminológicos, de linguagem e de adequação cultural	83
5.4.1	Questões de terminologia	85
5.4.2	Gírias e expressões	91
5.4.3	Marcas culturais	93
5.4.3.1	Nomes de sistemas, organizações e grupos vinculados à saúde	94
5.4.3.2	Itens e produtos alimentícios	98
5.4.3.3	Formas de tratamento	99
5.4.3.4	Nomes e usos de medicamentos	100
5.4.3.5	Nomes de programas e personagens televisivos	100
5.4.3.6	Sistema de ensino	101
5.4.4	Questões sociológicas	102
5.5	O carácter performativo da plataforma	106
5.6	O papel do tradutor e sua contribuição para a formação do habitus médico	108
6	Considerações finais	110
	Referências	114
	Anexo A - Autorização para uso do <i>DocCom</i> no estudo	119

1. Introdução

Por que a galinha atravessou a rua? Certamente, não se imagina encontrar uma das piadas mais clássicas do mundo em um texto de especialidade, mais especificamente na área de medicina. Mas sim, isso é possível e de fato ocorreu em nossa experiência prática em tradução, justamente porque língua e cultura seguem atreladas em todos os níveis da existência humana. Nada está separado e estanque na linguagem oral e escrita: à medida que os falantes mudam e evoluem, a linguagem também, cada uma com suas regras e características peculiares, uma vez que fazem intrinsecamente parte da cultura de um povo. Ao se referir especialmente aos textos técnicos, Azenha Junior (1999, p. 11) explica que “são formas híbridas expostas à ação de um número elevadíssimo de variáveis e a terminologia, longe de ser estática, é dinâmica e admite uma margem de subjetividade no tratamento de seu objeto”.

A afirmação de Johan Heilbron (1999), feita há duas décadas, de que embora um número crescente de pessoas aprenda uma língua estrangeira e o inglês tenha se tornado a língua franca das trocas internacionais, muito da comunicação entre os grupos linguísticos ainda depende da tradução e dos tradutores, ainda parece válida na atualidade. Para esse autor, os processos de tradução representam um objeto de estudo intrigante para as ciências sociais. Talvez pelo fato de lidarem com tantas instâncias humanas, de natureza social, cultural e linguística.

De forma que, seja técnica ou literária, a tradução é um fenômeno indispensável para o contato entre as culturas e para o desenvolvimento da humanidade em todos os âmbitos, arte, educação, cultura, sociedade, economia, meio ambiente, tecnologia, entre tantos outros.

Desde Cícero, as traduções têm sido comentadas pelos próprios tradutores (HEILBRON, 1999, p. 430). Ao longo do tempo, as investigações sobre as traduções foram ganhando espaço dentre os estudos linguísticos até que se instituisse uma disciplina específica, os Estudos da Tradução. Dentro do espaço acadêmico, a pesquisa em tradução estava mais voltada à tradução literária, enquanto pouco se explorava a tradução dos textos de especialidade ou textos técnicos. Contudo, a partir um ponto de vista integrado entre linguagem, cultura e sociedade, que vai além do âmbito da terminologia, “a tradução técnica deixa de ser um universo à parte, marcado pela preocupação em se preservar uma informação referencial [...] e vem integrar-se à reflexão sobre o processo de tradução” (AZENHA JUNIOR, 1999, p. 14). Assim, com base nessa reflexão, a tradução de textos especializados reivindica seu lugar como objeto de estudo dentro da disciplina dos Estudos da Tradução.

Ainda sobre a inserção e o pertencimento da tradução técnica à área dos Estudos da Tradução, Azenha Junior reforça:

A inclusão dos textos de especialidade na agenda das questões de transferência cultural não é apenas decorrência natural da evolução dos Estudos da Tradução, mas uma reivindicação pertinente. Fala a seu favor, para começar, a sucessão de eventos históricos que marcaram o séc. XX – as duas grandes guerras, a fundação de organismos internacionais e o aumento na circulação de pessoas, só para citar alguns exemplos –, bem como o intercâmbio de informações veiculadas no ambiente de espaços interculturais nas áreas da ciência e da tecnologia, do comércio e do mundo das finanças. Tais fatos geraram um aumento considerável no volume de traduções desses tipos de texto, que em muito suplanta o volume de traduções literárias, e levaram a uma reflexão mais sistematizada sobre a tradução de linguagens de especialidade associada ao conceito de transferência cultural, seja pela sua importância mesma para o desenvolvimento de setores fundamentais da existência humana, seja por força de situações de desconforto, por falhas na comunicação e por malentendidos, muitas vezes de consequências imprevisíveis. (AZENHA JUNIOR, 2010, p. 43).

À luz das justificativas e argumentos apresentados, o objetivo primário do presente trabalho é apresentar os aspectos teóricos da tradução a partir dos fundamentos da abordagem funcionalista e discutir a tradução como uma ação na prática com base na abordagem performativa e nos pressupostos da sociologia proposta por Pierre Bourdieu para unir a teoria à prática e refletir sobre as características dos textos especializados e suas relações com aspectos de cultura, língua e sociedade. Para tanto, buscou-se empregar uma metodologia qualitativa narrativa, fazendo uso de exemplos de uma experiência empírica, a partir de uma análise de um corpus amplo, com intuito de mostrar que o tradutor técnico não é um mero reproduzidor de sentidos estáticos, mas sim um agente ativo no campo científico, médico e educacional e que seu trabalho e suas escolhas, suas estratégias, reflexões, conhecimento, não podem ser vistos como um processo automático, desprovido de criatividade ou subjetividade, uma vez que durante o processo da tradução do texto de partida, mesmo que em um nível inconsciente, sua ação está sempre pautada em seu contato com o texto de partida e nas relações linguísticas, culturais e sociológicas do texto de chegada e no que se espera ou pretende com o texto de chegada, para que este de fato transforme-se em conhecimento e atenda seu objetivo junto ao receptor.

Já como objetivo secundário, nossa proposta visa demonstrar os efeitos impactantes da ação do tradutor técnico dentro da área educacional, aqui especificamente, dentro da educação na área médica, promovendo-o como um agente importante do processo e por fim, como um último objetivo, pretende-se contribuir com os estudos na área da tradução, dentro da academia, especialmente no que tange à tradução técnica na tentativa de desmitificar as características a ela antes atribuídas e oferecer reflexões quanto a sua complexidade, não só para o meio

acadêmico, como também, e talvez principalmente, para os tradutores profissionais e aqueles ainda formação.

A relevância da presente proposta reside na necessidade de se reconhecer os atributos da tradução técnica e romper com o senso comum da suposta secundariedade da tradução, ou seja, como se o conhecimento apenas fosse transmitido sem que fosse necessário um processo de tradução e, desse modo, destituindo o tradutor de seu papel central e digno de reconhecimento na transmissão do conhecimento.

A concepção deste estudo deu-se a partir da prática tradutória. Primeiro, nasceu o objeto de estudo, o corpus de exemplos, e depois se ajustaram as teorias e todas as reflexões sobre a tradução e o processo tradutório. Para tanto, adotou-se uma metodologia de pesquisa narrativa, pois prevê uma proposta qualitativa com interesse na experiência, aqui especificamente, da própria autora/tradutora/pesquisadora, nos desdobramentos de sua experiência para contribuir com o desenvolvimento dos Estudos da Tradução, em especial, no que tange à investigação da prática tradutória e figura do tradutor.

Segundo Clandinin e Connely (2011), a narrativa é o melhor recurso a se empregar quando se busca representar e entender a experiência e o desenvolvimento humano. Tais autores em seus estudos sobre Educação se depararam com um problema de pesquisa como uma tentativa de pensar sobre a continuidade e integralidade da experiência de vida e encontraram na pesquisa narrativa o melhor caminho para representar a experiência dos pesquisadores e dos participantes da pesquisa no âmbito educacional. Eles explicam que “experiência é o que estudamos, e estudamos a experiência de forma narrativa porque o pensamento narrativo é uma forma-chave de experiência e um modo-chave de escrever e pensar sobre ela” (CLANDININ, CONNELLY, 2011, p. 48).

À guisa de uma definição do que seria a pesquisa narrativa, Oliveira e Paiva (2008) explica que:

A pesquisa narrativa mais comum pode ser descrita como uma metodologia que consiste na coleta de histórias sobre determinado tema onde o investigador encontrará informações para entender determinado fenômeno. As histórias podem ser obtidas por meio de vários métodos: entrevistas, diários, autobiografias, gravação de narrativas orais, narrativas escritas, e notas de campo. Outra forma de fazer pesquisa narrativa é descrita por Polkinghorne (1995, p. 1) como análise narrativa, um tipo de estudo que reúne eventos e acontecimentos e produz uma história explicativa (OLIVEIRA E PAIVA, 2008, p. 3).

Clandinin e Connely (2011) explicam que existem fatores, os quais os autores chamam de tensões, ao comparar o pensamento em forma de pesquisa narrativa e a narrativa dominante.

O primeiro fator descrito é a temporalidade, questão central, uma vez que pensamos e organizamos as coisas com base no tempo. O segundo fator, ou segunda tensão, também ligado à temporalidade, são as pessoas envolvidas naquele processo. O terceiro fator se refere à ação, à forma como ela foi entendida. O quarto fator é a certeza de que “a atitude em uma pesquisa narrativa é a de fazer melhor, considerando as circunstâncias, consciente de que há outras possibilidades, outras interpretações e outros modos de explicar as coisas” (Clandinin e Connely, 2011, p. 65). Já a quinta e última tensão refere-se ao contexto que sempre deve estar presente, o contexto temporal, especial e o contexto com relação a outras pessoas.

Portanto, à luz das tensões envolvidas no pensamento da pesquisa narrativa e valendo-se dos elementos necessários para sua realização, este estudo traz em sua proposta um relato de experiência em âmbito profissional e oferece exemplos dos desafios que o profissional de tradução encontra tanto nos aspectos linguísticos e culturais dos textos como nas relações sociais e eventos que se estabelecem ao longo de um projeto de tradução. Trata-se de um estudo de abordagem narrativa, justamente porque busca contar, em forma de pesquisa acadêmica, uma experiência que nasceu da minha trajetória como tradutora.

Para contextualizar nosso objeto de estudo, faz-se necessário informar que a autora desta dissertação é tradutora de textos especializados e atua há mais de 15 anos na área, principalmente na área da saúde e no campo da medicina, em áreas como hematologia, hemoterapia, oncologia e educação em saúde. Portanto, doravante, passarei a usar a primeira pessoa do singular. Desde 2009, trabalho como tradutora, sob regime CLT, para o Hemocentro de Ribeirão Preto (Hemocentro RP), uma instituição privada sem fins lucrativos que atua em três vertentes: assistência, pesquisa e ensino. Como funcionária do Hemocentro a mim foi solicitado que estabelecesse contato com os editores de um recurso educacional on-line, chamado *DocCom* (o qual apresentaremos brevemente a seguir e trataremos com mais detalhes no terceiro capítulo), para iniciar uma possível negociação para o emprego desse recurso educacional na disciplina “Introdução à Comunicação com o Paciente” na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto-FMRP (Universidade de São Paulo), instituição a qual está vinculada organizacionalmente o Hemocentro RP. À época, essa disciplina estava sob a responsabilidade do diretor do Hemocentro RP.

O *DocCom* é um recurso educacional on-line, organizado em 42 módulos, destinado ao ensino de habilidades de comunicação para a relação médico-paciente e foi desenvolvido por profissionais da Drexel University College of Medicine da Filadélfia - EUA, em colaboração com especialistas de outras universidades norte-americanas e internacionais. Esse recurso educacional de multimídia é disponibilizado aos alunos pela página

<http://webcampus.drexelmed.edu/doccom/>. Os módulos são assinados por um ou mais autores e abordam temas diversos considerados relevantes para a formação do estudante de medicina. Cada módulo consiste em textos teóricos e vídeos demonstrativos, todos em língua inglesa, nos quais os próprios médicos/autores estão em cena junto a pacientes padronizados (pacientes tratados no contexto hospitalar da faculdade de medicina da Drexel que foram treinados para contribuir com os vídeos educacionais), explicando o tema, expondo a perspectiva do médico e do paciente, contextualizando e exemplificando as situações e as condutas da prática médica quanto à comunicação com pacientes terminais, dependentes químicos, crianças e adolescentes, colegas de profissão, valores éticos, entre outros. É altamente relevante mencionar que o enfoque desse recurso educacional é desenvolver nos médicos em formação habilidades e competências pautadas na empatia, humanização e na relação centrada no paciente.

Após a manifestação de interesse por parte dos docentes da FMRP, a equipe de editores do *DocCom* me colocou (a quem neste trabalho vamos nos referir como tradutora profissional ou profissional de tradução) em contato com uma docente (ao longo do trabalho referida como médica tradutora) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) que também estava interessada na utilização desse recurso no Brasil. Após algumas tratativas, estabeleceu-se um projeto de tradução para o português que ficaria sob a responsabilidade e execução da profissional de tradução do Hemocentro RP e da tradutora médica da UFSC. Esse projeto incluía 12 módulos, selecionados pelos docentes, proponentes do projeto, e foi confirmado via um acordo legal entre o Hemocentro de Ribeirão Preto, Universidade Federal de Santa Catarina e a Drexel University College of Medicine. O acordo dispunha da cessão da tradução em língua portuguesa em troca da licença gratuita por dois anos, para inclusão dos módulos traduzidos no currículo formal das Universidades ou em disciplina eletiva.

O projeto de tradução apresentou vários desafios em todos os âmbitos, linguístico, cultural e social, e provocou em mim uma inquietação sobre as características multidimensionais daquele texto de especialidade e sobre a necessidade de torná-lo um estudo acadêmico que pudesse mostrar a perspectiva do tradutor e sua importante atuação como mediador linguístico para a disseminação do conhecimento, além de compartilhar uma experiência que poderia contribuir para a difusão do estudo da tradução técnica nas universidades e, de alguma forma ou em alguma extensão, contribuir com reflexões para os estudantes de tradução e aspirantes a tradutores. Com esse objetivo em mente, fui ao longo do projeto, compilando exemplos e formando o seu corpus. É importante esclarecer que, em conformidade com questões de licença e direitos autorais, obtive uma carta de autorização junto aos desenvolvedores e editores da plataforma para uso da plataforma no estudo (Anexo A).

O desenho do estudo foi elaborado a partir de uma pesquisa narrativa qualitativa com execução programada em três fases. A primeira fase consistiu no levantamento bibliográfico que servisse de alicerce teórico para o projeto de pesquisa. Após leituras e discussões entre aluna e orientador, estabeleceu-se que o trabalho estaria teoricamente fundamentado na abordagem funcionalista e na abordagem sociológica dos Estudos da Tradução e traria a abordagem performativa para discutir sobre a tradução em sua dimensão prática, apoiando-se em exemplos a partir da perspectiva cultural.

Assim, o capítulo Tradução e Função apresenta as abordagens de autores como Vermeer (2014), Reiss (2014) e Nord (2016) que guiaram o enfoque funcionalista, dentro da perspectiva da Teoria do Escopo, do construto teórico proposto para a questão da função do texto de chegada. Já Azenha Junior (1999) forneceu a base sobre a literatura em tradução técnica e para a exploração das condicionantes culturais, algo altamente marcante no processo de tradução da plataforma e suas implicações na cultura de chegada.

O segundo capítulo Tradução para o Campo da Medicina, por sua vez, desenvolve os conceitos sociológicos propostos por Pierre Bourdieu (2013) aplicados à tradução para explorar a forma como se estabelecem as relações no campo da tradução e no campo da medicina. Interessa-nos mais a noção do habitus do tradutor, a compreensão sobre o processo de formação do habitus médico e a possível contribuição do tradutor para essa formação.

Já capítulo, Tradução e Ação, no que toca à ação do tradutor e seu papel, traz as contribuições de Esteves (2014) sobre a performatividade da tradução, ou seja, a tradução como um ato performativo. Enquanto o último capítulo apresenta a plataforma *DocCom*, tanto o *DocCom* original como sua versão brasileira, e aborda em detalhes o processo de tradução da plataforma para a língua portuguesa, mostrando o papel de cada um dos envolvidos nesse processo e os desdobramentos dele. Também dedica-se a explorar os problemas terminológicos, linguísticos e culturais enfrentados durante a tradução para o português, trazendo exemplos do corpus e discorrendo sobre os recursos e as estratégias empregados pelas tradutoras para lidar com a especificidade das marcas socioculturais do texto de partida tendo em vista a função prevista do texto de chegada e a máxima compreensão por parte do público de chegada, no caso os alunos graduandos em medicina, para contribuição para sua formação a partir de uma metodologia educacional que ensina como fazer, a partir de textos teóricos e vídeos em forma de *role-playing*, focada nas relações humanas e no desenvolvimento de habilidades e competências focadas na pessoa do paciente e pautadas nos princípios éticos da profissão. E, por fim, a partir de uma perspectiva sociológica, o papel do tradutor como mediador do conhecimento na área e sua contribuição na formação do estudante de medicina.

Assim, partindo das perspectivas teóricas sob uma abordagem integrada e valendo-se de exemplos coletados na prática, na experiência empírica o presente trabalho almeja reivindicar o lugar da tradução técnica na pesquisa acadêmica dentro da área dos Estudos da Tradução, ao lado dos textos sagrados e dos textos literários. Almeja também desmistificar o senso comum de que o texto especializado ou técnico é uma estrutura estável, sem marcas de subjetividade e sem marcas culturais, regido apenas pela terminologia particular à cada área, de forma que a tarefa do tradutor se limita a dominar a terminologia da área e pronto. Saber a terminologia e ter o domínio do idioma do que se traduz e para o que se traduz é condição indispensável, mas também é condição indispensável e faz parte do habitus do tradutor conhecer as relações sociais estabelecidas em cada projeto de tradução, com clientes, colegas tradutores, revisores, receptores, além de ter em mente que a tradução, mesmo a tradução técnica, vai muito além do nível textual e linguístico.

2. Tradução e Função

2.1 Visão geral

Neste primeiro capítulo, o objetivo é apresentar as abordagens teóricas que formarão a base do estudo: a abordagem funcionalista e as condicionantes culturais. A proposta de uma abordagem teórica integrada, linguística, funcional, cultural e sociológica, talvez seja a marca deste estudo em uma tentativa de entrelaçar tais perspectivas teóricas de modo que ecoem na prática tradutória. Para tanto, adotaremos as referências de grandes expoentes teóricos de cada abordagem, autores como Hans Vermeer (2014), Katherine Reiss (2014) e Christiane Nord (2016) na vertente funcionalista, e João Azenha Junior (1999) com os aportes sobre as condicionantes e marcas culturais.

No entanto, antes de abordá-las, vale a pena apresentar um panorama da cronologia das abordagens dos Estudos da Tradução, para tal tarefa, valer-nos-emos do livro *The Turns of Translation Studies* (2006) da teórica Mary Snell-Hornby, da obra referida anteriormente do pesquisador em tradução Jeremy Munday (2016), dentre outros autores.

Nos primórdios dos Estudos da Tradução, antes mesmo de que ela fosse consagrada como uma disciplina autônoma, havia maior interesse no estudo de textos religiosos e literários, dentro de uma perspectiva puramente linguística. De acordo com Moreira (2014, p. 49-50), até a metade do século XX, predominantemente os esforços em uma teoria da tradução eram assistemáticos e configuravam-se mais em relatos de experiência e na defesa das escolhas dos tradutores, num intento de desenvolver reflexões de um tradutor para o outro. Ao passo que as décadas de 1960 e 1970 representaram um período de grandes transformações com a transição para a investigação acadêmica quanto ao fenômeno tradutório. Os anos 50 prepararam o caminho e trouxeram o crescimento do interesse pela tradução e as ramificações de suas abordagens investigacionais para que nos anos 80 se firmasse a disciplina como um campo autônomo de pesquisa.

O período após a Segunda Guerra e a polarização do mundo na Guerra Fria fomentaram mais pesquisas em tradução, no que tange à tradução automática, traduções de texto de especialidades e ofício dos intérpretes, dada a crescente demanda de mediadores linguísticos junto às organizações internacionais regionais e mundiais e o crescimento exponencial das relações comerciais entre as nações, em especial no campo da economia e da ciência. Porém,

ainda havia uma perspectiva predominantemente linguística e estrutural, em que os elementos extralinguísticos envolvidos no processo de tradução eram praticamente ignorados dentro dos Estudos da Tradução.

Mary Snell-Hornby (2006) apresenta a cronologia e os expoentes dos Estudos da Tradução, desde os precursores que prepararam o caminho para o surgimento da tradução como disciplina, digna de pesquisa acadêmica, e as chamadas “viradas”, a pragmática, a cultural (na qual se situam os Estudos Descritivos da Tradução e a Teoria do Escopo ou Funcionalista) e, por fim, a empírica que envolvia os estudos sobre interpretação e tradução audiovisual.

Snell-Hornby (2006, p. 40) destaca o papel do surgimento da linguística textual, na virada pragmática, que trouxe à luz a inclusão de aspectos sociais e comunicativos, indicando as tendências do porvir nos anos 70. A autora também reconhece a grande força da teoria dos atos de fala, introduzidos por John Langshaw Austin (1962) e desenvolvidos por John Rogers Searle (1969), na abertura de novos caminhos que mudariam radicalmente a visão da linguagem. A estudiosa apresenta ainda a perspectiva teórica dos linguistas Beaugrande e Dressler (1981) sob a qual o texto não faria sentido por si só, assim, o sentido se produz a partir da interação entre o conhecimento que o texto apresenta e conhecimento de mundo que as pessoas têm. Destarte, os aportes teóricos começavam a trazer reflexões que iriam além do nível puramente linguístico do texto.

Nos anos de 1980, desponta um novo paradigma, o qual Snell-Hornby (2006) denomina virada cultural, com o desenvolvimento dos Estudos Descritivos da Tradução, principalmente pelos teóricos Gideon Toury (1977), André Lefevère (1985), Theo Hermans (1985) e Itamar Even-Zohar (1979), em que o todo o contexto social está implicado na tradução, juntamente com suas normas, convenções, ideologias e valores, e da Escola de Manipulação, do inglês *Manipulation School*, cuja premissa partia da noção de que toda a tradução de um texto literário implicaria um certo grau de manipulação para um fim específico.

A autora afirma que “após uma longa história de se filosofar e teorizar e após décadas de fatoração linguística, o chamado para mais estudos de caso e investigações empíricas já tinha passado da hora nos Estudos da Tradução” (Snell-Hornby, 2006, p. 128)¹. Com essa citação, a autora abre a introdução do que ela reconhece como virada empírica, a qual prevê, a partir dos anos 1990, os estudos sobre interpretação simultânea e suas ramificações advindas com a tecnologia, os estudos sobre tradução e comunicação audiovisual, as investigações com enfoque

¹ A tradução desta citação e de outras, para as quais não há tradução publicada em português, foi por mim realizada. No original: “After a long history of philosophizing and theorizing, and after decades of linguistic factorizing, the call for more case studies and empirical investigations was overdue in Translation Studies”.

nos processos mentais subjacentes à atividade tradutória, os *insights* sobre o ensino em tradução e os avanços dos estudos com a Linguística de Corpus.

Após esse apanhado cronológico sobre os Estudos da Tradução, levemos em conta que, em suma, nas teorias pré-funcionalistas, a ação de traduzir era norteada pela noção de equivalência, termo usado por diversos autores para descrever a natureza e a extensão da relação entre o texto da língua de partida e da língua de chegada ou de unidades linguísticas menores (Shuttleworth, 2014, p. 49). Nesse contexto, em outras palavras, a tradução era guiada pela equivalência dos sentidos entre as palavras entre diferentes idiomas. Já na *Skopostheorie*, termo em língua alemã que em língua portuguesa foi consagrado como Teoria do Escopo, que será apresentada a seguir, a ação tradutória está orientada pela função, ou seja, o que norteia a tradução é o seu objetivo, sua função, seu escopo. A partir dessa premissa, aprofundar-nos-emos agora nas abordagens que norteiam o presente estudo.

2.2 A visão funcionalista da tradução

Em seu trabalho sobre a abordagem funcionalista da tradução, Moreira (2014) contextualiza que, entre as décadas de 1960 e 1970, a tradução como ciência se encontrava em um estágio de indeterminação e o fato de as teorias da tradução terem se mantido apenas no plano teórico acabou impactando de forma negativa a formação de tradutores e intérpretes, apesar do crescente interesse na área e dos avanços na área da linguística. Havia um distanciamento entre a teoria e a prática nas universidades e institutos de formação, Moreira (2014) explica que:

De um lado estavam aqueles que se opunham à ideia de que o espaço acadêmico fosse utilizado para fins práticos; de outro, aqueles que rejeitavam o emprego de teorias para o aprendizado do traduzir, sob a alegação de que as teorias não contemplavam a prática tradutória. Assim, a “cientização” da formação de tradutores e intérpretes ficou restrita a apenas alguns institutos ou aos esforços de poucos docentes. (MOREIRA, 2014, p. 146).

De modo que, no final dos anos 70, essa crise nos âmbitos de teoria e ensino da tradução motivou docentes e pesquisadores de universidades ao sul da Alemanha Ocidental a desenvolverem modelos que previssem a formação prática aliada à reflexão teórica. Assim, pesquisadores, em torno da figura de Hans Josef Vermeer, conceberam a Teoria Funcional e a *Skopostheorie*.

A pesquisadora Christiane Nord (2016) informa que “a abordagem funcional para a tradução foi primeiramente sugerida por Reiss (1971), quando ela incluiu a “função especial de uma tradução como uma categoria adicional em seu modelo de crítica de tradução” (2016, p. 22).

Katharina Reiss, em esforços conjuntos com Hans J. Vermeer, outro grande expoente da área, publicou, em 1984, uma obra sobre os fundamentos de uma teoria geral de translação que apresentava as bases teóricas para o ensino e a prática da tradução, a partir de uma perspectiva funcionalista. Vale ressaltar aqui que, para os autores, o termo é mais abrangente e inclui a tradução escrita e a interpretação.

Ambos postulavam o princípio de que o propósito do texto de chegada é que determina os métodos e estratégias de tradução. Foi então que Vermeer deu a esse postulado o nome de *skopos*, do grego “objetivo” ou “finalidade”, que mais tarde veio a se tornar a espinha dorsal de sua *Skopostheorie*, datada de 1978, em que o *skopos* de uma tradução seria determinado pela função que o texto de chegada deve ter.

Para Vermeer e Reiss (2014), a tradução é um fenômeno cultural e linguístico e todo o esforço de tradução está centrado na função e quem deve determiná-la é o tradutor. Assim, o texto de chegada é regido pela função pretendida, ainda que possa ser traduzido de diversas formas desde que atenda o seu propósito.

Anthony Pym (2017) traça um retrospecto das vertentes funcionais, trazendo os nomes de Vermeer e Reiss e também os das teóricas Justa Holz-Mänttari e Christiane Nord, e apresenta um resumo dos princípios comungados por esses estudiosos:

1. As decisões do tradutor são, em última instância, regidas pelo propósito da tradução.
2. O propósito da ação do tradutor (ação tradutiva) poderá ser o de estabelecer equivalência com vários aspectos do texto de partida, reescrever, fornecer consultoria ou qualquer outra atividade relacionada.
3. O texto de partida pode ser traduzido de maneiras diferentes a fim de satisfazer propósitos diferentes.
4. Um fator essencial para definir o propósito de uma tradução será a descrição dos procedimentos fornecida pelo contratante ou negociada com ele.
5. Em última instância, o propósito da tradução é determinado individualmente pelo tradutor, trabalhando em relação com os outros atores sociais envolvidos (PYM, 2017, p. 117).

Em seu capítulo sobre as teorias funcionalistas da tradução, Munday (2016) apresenta a perspectiva dos principais autores dessa abordagem, começando por Katherine Reiss e a tipologia textual, estabelecendo suas características funcionais e os métodos de tradução a serem empregados. De acordo com Reiss (apud MUNDAY, 2016, p. 115), há três tipos de texto:

informativo, expressivo e operativo. O Quadro 1 resume as características de cada tipo e os métodos de tradução.

Quadro 1. Tipos de texto e métodos de tradução, propostos por Reiss, de acordo com as características.

Tipo textual	Informativo	Expressivo	Operativo
Função da linguagem	Informativa (objetos e fatos)	Expressiva (expressões de um emissor)	Apelativa (chama atenção do receptor)
Foco	Conteúdo	Forma	Apelo
O texto traduzido deve	transmitir o conteúdo referencial	transmitir a forma estética	obter a resposta desejada
Método de tradução	em prosa, com explicações se necessárias	perspectiva do autor do texto fonte	adaptar para obter efeito equivalente

Fonte: MUNDAY, 2016, p. 115.

É possível notar que a tipologia apresentada por Reiss parece oferecer ao tradutor informações sobre como proceder com cada texto, sempre orientando-se pela função. Dentro da proposta de Reiss, Munday (2016, p. 117-118) também apresenta os critérios intralinguísticos (equivalência semântica, equivalência lexical e características gramaticais e estilísticas) e extralinguísticos (situação, assunto ou domínio, tempo, local, receptor, emissor e implicações afetivas) pelos quais a adequação de um texto traduzido deve ser avaliada.

Além das contribuições teóricas de Reiss, Munday (2016) traz à discussão a ação translacional, proposta por Justa Holz-Mänttari, que estabeleceu um modelo e diretrizes que poderiam ser aplicadas a uma vasta gama de situações de tradução em que a ação translacional seria guiada pela finalidade e direcionada à interação humana. A autora define os papéis e atores da ação translacional, envolvidos no processo comunicativo, são eles:

- Iniciador: empresa ou indivíduo que precisa da tradução;
- Encarregado: indivíduo ou agência que contrata o tradutor;
- Produtor do texto de partida: o indivíduo responsável pela redação do texto de partida não está necessariamente envolvido na produção do texto traduzido;
- Produtor do texto traduzido: o(s) tradutor(es) e a agência ou departamento de tradução;
- Usuário do texto traduzido: o indivíduo que usa o texto traduzido;
- Receptor do texto traduzido: o receptor final do texto traduzido.

Para Holz-Mänttari (apud Munday, 2016, p. 125), a ação translacional está focada na produção de um texto traduzido que seja funcionalmente comunicativo para o receptor, ou seja, em vez de tentar copiar o perfil do texto de partida, a forma e o gênero do texto traduzido devem ser guiados pelo que é funcionalmente viável na cultura de chegada e quem deve julgar isso é o tradutor, que é o especialista dessa ação e cujo papel é fazer com que a transferência intercultural se dê de forma satisfatória.

A título de complementação, Jeremy Munday (2016, p. 128) oferece uma explicação sobre a Teoria do Escopo de Vermeer e Reiss e suas regras básicas de suma importância:

- **Regra 1.** A ação translacional é regida pelo escopo, ou seja, o texto traduzido é determinado por sua função;
- **Regra 2.** O texto de partida e o texto traduzido estão relacionados a sua função em seus respectivos contextos linguísticos e culturais;
- **Regra 3.** A função do texto traduzido não é necessariamente igual ao texto de partida na cultura de partida;
- **Regra 4.** Regra geral do escopo em que o texto traduzido deve ser internamente coerente;
- **Regra 5.** Regra geral do escopo em que o texto traduzido deve ser coerente com o texto de partida.

Dentro das regras 4 e 5, o sucesso da ação translacional e da transferência de informações é julgado pela adequação funcional a partir da coerência, relacionada à coerência textual interna, e fidelidade, ligada à coerência intertextual com o texto de partida.

No livro *Análise textual em tradução: bases teóricas, métodos e aplicação didática* (2016), Christiane Nord afirma que independente de qual seja a abordagem teórica em tradução, faz-se mister que o tradutor analise o texto de forma abrangente já que é este o único meio de estabelecer a compreensão do texto de partida. Contudo, a perspectiva de um linguista ou especialista em literatura pode não ser o mais viável para o tradutor, uma vez que finalidades diferentes requerem abordagens diferentes (NORD, 2016, p. 15). A proposta de uma análise textual orientada para a tradução vai além da compreensão e interpretação adequada do texto e de suas estruturas linguísticas e textuais, ela deve servir de base para as decisões. Portanto, o modelo didático ideal de análise do texto de partida deve permitir que os tradutores entendam a função dos elementos ou características de conteúdo e estrutura, para que, com base nesse

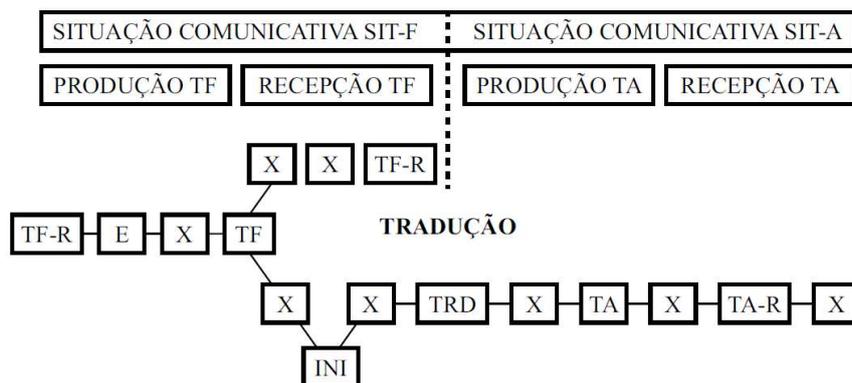
princípio funcional, o tradutor possa escolher as estratégias que satisfaçam o propósito da tradução. A autora defende um modelo, independentemente da língua, voltado para aspectos da cultura, comunicação e tradução.

Para o desenvolvimento desse modelo, Nord (2016, p. 22) também propõe um processo de ação tradutória que geralmente começa pelo cliente ou iniciador (INI), que contrata um tradutor (TRD), uma vez que ele necessita de certo texto alvo (TA) para um destinatário ou receptor determinado, como ilustrado na Figura 1. Nos parágrafos a seguir, descreveremos os elementos do processo de tradução apresentado pela autora.

Os papéis comunicativos, ou seja, “os elementos e componentes essenciais do processo de ação tradutória são em ordem cronológica: produtor do texto fonte, emissor do texto fonte, texto fonte, receptor do texto fonte, iniciador, texto alvo, receptor do texto alvo” (NORD, 2016, p. 24). Para ilustrar esses papéis comunicativos, tomaremos como exemplo o objeto de estudo do presente trabalho, o processo de tradução da plataforma educacional DocCom. No papel do emissor do texto fonte ou de partida, temos a instituição cujo interesse era criar e divulgar a plataforma de ensino. O(s) produtor(es) do texto de partida seriam os pesquisadores, autores e docentes que elaboraram e escreveram cada módulo de ensino. Nessa perspectiva, então, a plataforma educacional em língua inglesa seria o texto de partida e os estudantes de medicina, nos Estados Unidos, os receptores do texto de partida. Já nos papéis relacionados ao texto alvo ou de chegada, que seria a plataforma traduzida para a língua portuguesa, temos o(s) iniciador(es) que seriam os docentes responsáveis pela disciplina “Introdução à Comunicação com o Paciente” na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. O produtor do texto de chegada, no caso, seriam as duas tradutoras e os graduandos brasileiros de medicina representariam, então, o(s) receptor(es) de chegada.

Vale ressaltar que, embora os destinatários (receptores) do texto de partida não tenham um papel ativo no processo da ação tradutória, eles representam uma parte importante para a situação do texto de partida, porque o produtor do texto pode ter determinado suas escolhas a partir de sua expectativa quanto à recepção do texto por parte dos receptores. Dentro desse processo, alinhando o aspecto linguístico e o cultural, Nord (2016) sugere que ambos, texto de partida e texto de chegada, serão determinados pela situação comunicativa em que estiverem inseridos para veicular uma mensagem. A Figura 1 apresenta uma imagem que esquematiza o processo de tradução e os atores nele envolvidos.

Figura 1. Processo da ação tradutória proposto por Nord.



Legenda: As siglas apresentadas e suas representações. X: refere-se a qualquer lacuna que pode ser uma agência, um diagramador, um especialista; F: fonte; A: alvo; TF: texto fonte; TA: texto alvo; TF-R: receptor do texto fonte; TRD: tradutor; TA: texto alvo; TA-R: receptor do texto alvo; e INI: iniciador.
Fonte: NORD, 2016, p. 27.

Destaquemos aqui o papel fundamental do iniciador, é ele que começa o processo e determina seu curso porque ele precisa do texto de chegada como um instrumento comunicativo específico para atender um determinado propósito, uma função pretendida, isto é, o seu *skopos*. Apesar da importância do papel do iniciador, o tradutor é o especialista propriamente capaz para determinar se a tradução de um texto de partida pode ser realizada e quais os procedimentos e técnicas adequados para realizá-la.

Discorrer sobre as vertentes da teoria funcionalista e os papéis comunicativos do processo tradutório é imprescindível neste trabalho, dado o caráter prático de seu objeto de análise e sua perspectiva prática e funcional, uma vez que a tradução da plataforma *DocCom* foi realizada sempre pautada na função educacional que o texto de chegada desempenharia junto aos estudantes de medicina no país.

No que toca o papel do tradutor no processo, Nord (2016, p. 32) contextualiza que o tradutor recebe o texto a partir da necessidade do iniciador ou do público de chegada e, logicamente, sua análise do texto de partida acabará sendo influenciada por esse fator por mais que o tradutor tente receber o texto de forma imparcial e lê-lo à luz de sua experiência como leitor e como profissional. Portanto, a recepção do texto pelo tradutor-como-receptor é bicultural. Idealmente, o profissional de tradução tem o domínio da cultura de partida e da cultura de chegada (inclusive das línguas) e tem as competências e habilidades para receber o texto de partida e produzir o texto de chegada que permitem que ele tente se aproximar às reações dos receptores da cultura de partida ou, a partir de seu domínio da cultura de chegada, preveja as possíveis reações dos receptores do texto de chegada, satisfazendo a adequação da situação funcional. Nord (2016) vai além e afirma que o papel do tradutor não é o de emissor

da mensagem do texto de chegada, na verdade, é o de produtor do texto na cultura de chegada, “que se apropria da intenção do emissor ou do iniciador para produzir um instrumento comunicativo para a cultura de chegada, ou um documento para a cultura de chegada a partir de uma comunicação da cultura fonte” (2016, p. 33).

Em meio aos papéis e funções na tradução, Katharina Vermeer e Hans J. Reiss (2014) apontam que a situação comunicativa é composta por fatores como a herança cultural, o ambiente em que a interação ocorre, as circunstâncias psicológicas e sociais dos parceiros comunicativos e a relação entre eles. Assim, as informações sobre o público no que se refere ao contexto sociocultural, tempo e lugar de recepção e expectativas possuem grande relevância no intento de guiarem as decisões do tradutor no processo de tradução.

O uso de uma metáfora pode ajudar a entender a ação do tradutor e as dificuldades na prática tradutória, assim que, de acordo com os princípios da óptica, o prisma separa a luz branca nas setes cores do espectro visível e a refração dessas luzes se dá em diferentes ângulos. De modo geral, a metáfora do prisma é usada, em muitos contextos, para mostrar que se pode enxergar as situações por vários ângulos e perspectivas. Vermeer e Reiss (2014, p. 23) usam a metáfora do prisma para explicar que as pessoas veem os seus mundos como uma luz refletida por um prisma e que há uma refração² (um desvio, uma mudança de direção) que todos os humanos compartilham que depende de sua predisposição biológica e fisiológica. Desse modo, para exemplificar a forma como os humanos/receptores dos textos veem o mundo, os autores elencam cinco tipos de refração que podem causar problemas de tradução, seriam elas:

- Primeira refração: convenções e tradições específicas a uma cultura em que as pessoas seriam socializadas em uma língua, ou em uma sociedade comunicativa, compartilhando suas formas específicas de expressão, ideias e conceitos, por exemplo, uma comunidade católica provavelmente acreditará na vida eterna;
- Segunda refração: disposições e atitudes individuais em que as convenções sociais, bem como as convenções linguísticas, podem ser ignoradas, corrigidas ou confirmadas, seja temporariamente ou permanentemente, pelas visões do indivíduo com base em situações específicas. Os autores trazem, como exemplo, a ideia que se tem de que os italianos são barulhentos;

² É importante mencionar aqui que o teórico André Lefevere (2000, p. 235) apresenta o conceito de refração como sendo a adaptação de um texto literário para um público diferente com a intenção de influenciar a forma como aquele público vai ler o texto.

- Terceira refração: realidades diferentes, em que indivíduos podem acreditar que, além do mundo real, existam outros mundos possíveis de acordo com suas crenças culturais e individuais, por exemplo, algumas pessoas podem acreditar que haja um mundo espiritual, um mundo com seres encantados ou um mundo dos contos de fada;
- Quarta refração: tradições “congeladas”, visões individuais e culturais sobre o mundo que já estão cristalizadas, em forma de expressões convencionais na língua como um meio de comunicação e pensamento. Algumas expressões continuam em uso, embora não correspondam com o que se sabe do mundo a partir da ciência, por exemplo, dizer que o sol nasce ou expressões como “O que os olhos não veem, o coração não sente”, ainda dentro da ideia do órgão coração como o centro das emoções;
- Quinta refração: sistema de valores, atribuição de valores a objetos e fenômenos que variam de cultura para cultura e de indivíduo para indivíduo, por exemplo, a ideia que se tem de que os carros franceses não são tão bons como os carros japoneses ou alemães.

Na sequência, os autores afirmam que a língua é parte da cultura e a cultura faz uso da língua como um meio convencional de comunicação e pensamento. A cultura engloba normas sociais e a expressão de uma sociedade. Portanto, o domínio e competência do profissional de tradução têm expressiva importância na definição do objetivo/função do texto e adequação centrada no receptor do texto de chegada.

Já no que tange à questão da equivalência, a abordagem funcional de tradução encara o conceito de equivalência de sentido de forma diferente do que fora promulgado por tantas interpretações teóricas ao longo dos anos. Dentro dessa perspectiva teórica, a equivalência representaria a maior correspondência possível entre o texto de partida e o texto de chegada e está subordinada a todo o *skopos* da tradução. Nas palavras de Nord (2016, p. 52), o conceito de equivalência, desde as formulações de Eugene Nida³, percorre um caminho longo e tortuoso, pressupondo que há que se contemplar vários requisitos em todos os níveis do texto, além de seguir atrelado à questão da fidelidade, termo definido, segundo Shuttleworth (2014), como o grau de representação de igualdade de um texto traduzido com relação ao texto de partida. Para

³ Para o teórico Eugene Nida, a tradução “consiste em produzir na língua de chegada o equivalente natural mais próximo da mensagem na língua de partida, primeiramente quanto à significação, depois quanto ao estilo (*apud* MOUNIN, 1986, p. 278). De acordo com Rodrigues (2000, p. 62), na perspectiva de Nida e de outros autores, o conceito de equivalência concebe a tradução como igualdade de valores.

a Teoria do Escopo, a fidelidade está subordinada à função pretendida e se o *skopos* exige uma mudança de função, o critério exigido não é mais a coerência intratextual com o texto de partida e sim, a adequação da tradução com relação ao *skopos*.

Para exemplificar o acima exposto, podemos pensar no processo de tradução da bula de um novo fármaco, destinado ao tratamento de pacientes com câncer, no mercado brasileiro. Supondo que o fabricante desse fármaco tivesse sua sede nos Estados Unidos, onde a agência reguladora Food and Drug Administration (FDA) aprovou o medicamento para vários tipos de tumores sólidos, por exemplo, câncer de pulmão, próstata, entre outros; enquanto no Brasil, a Anvisa, o órgão regulador, aprovou apenas para o carcinoma renal avançado. Nesse caso, o iniciador (o fabricante) ou produtor do texto de partida (alguma agência ou entidade encarregada da produção dessa bula) deverá analisar o texto de partida juntamente com o tradutor, considerando o *skopos* (traduzir a bula para o mercado brasileiro sem as informações referentes a outros tipos de câncer), especificamente para os oncologistas que cuidam desse tipo de câncer, além de atender a todas as especificidades que esse tipo de texto deve ter no país, que podem variar muito em comparação a outros países. Nesse caso, é necessária uma mudança na função do texto.

Dentro da abordagem funcionalista, segundo Nord (2016), a funcionalidade não é o único critério para a tradução, mas ela é o mais importante. A tradução depende da compatibilidade do *skopos* do texto de chegada com o texto de partida, pressupondo uma lealdade para com o autor ou o emissor do texto de partida e “espera-se do tradutor que não falsifique a intenção do autor” (NORD, 2016, p. 62). Destarte, o tradutor está comprometido tanto com a situação do texto de partida como com a situação do texto de chegada, sua responsabilidade está atrelada ao emissor do texto de partida e ao receptor do texto de chegada. Na visão funcionalista, essa responsabilidade é chamada de lealdade, um princípio ético imprescindível para as relações humanas e, assim, também para o processo comunicativo. Já a noção de fidelidade, seria uma relação de semelhança técnica entre dois textos, como aborda a autora. É preciso ressaltar que a noção de lealdade seria até mais importante que a noção de fidelidade (uma relação estrita entre significados/estruturas). De acordo com a função ou objetivo de um texto, dentro da Teoria do Escopo, essa relação estrita de significados pode mudar, de forma que a lealdade abarcaria uma perspectiva mais abrangente que os significados, ela pode envolver a relação do tradutor com um determinado cliente da tradução e também a relação com o público de chegada.

Para Holz-Mänttari (*apud* NORD, 2016), o texto representa um instrumento simples que deve realizar funções comunicativas e que não tem valor intrínseco e deve estar totalmente

sujeito a sua finalidade de cumprir com as exigências da situação comunicativa de chegada, sendo a lealdade um quesito de grande importância.

Em um resumo, no que tange ainda a questão da equivalência, no contexto da Teoria do Escopo, Vermeer e Reiss concluem:

Portanto, pode-se provar que a equivalência é um conceito dinâmico a respeito da relação entre um texto fonte e um texto alvo. Para cada texto (e para todos os seus elementos e sua importância para o sentido e a função do texto como um todo), a equivalência exige que se redefina a prioridade de todos os fatores que influenciam o processo de tradução. É tarefa dos tradutores selecionar e priorizar todos os fatores relevantes, como parte de sua competência tradutória, que é mais do que apenas a proficiência nas línguas envolvidas. A subjetividade inevitável de selecionar e priorizar fatores não é arbitrária; pelo contrário, é guiada pelos signos verbais presentes no texto e quaisquer fatores que objetivamente influenciam o processo de tradução tanto na fase de análise como na fase de reverbificação. (VERMEER, REISS, 2014, p. 153⁴).

A obra de Nord (2016) propõe que os fatores da situação de comunicação, em que o texto de partida é produzido, são de importância decisiva para a sua análise, uma vez que determinam a função comunicativa do texto, seriam, então, os fatores extratextuais ou externos, dentre eles estão o emissor, intenção do emissor, público, meio de comunicação, lugar, tempo, motivo e a função textual. Já os fatores intratextuais ou internos correspondem a: assunto, conteúdo, pressuposições, estruturação, elementos não verbais, léxico, sintaxe e características suprasegmentais, as quais a autora define como um tom específico e a configuração fonológica sinalizados por meios visuais, como realces em itálico, negrito, espaços, aspas, travessões, parênteses, entre outros.

A autora se vale de conceitos e da exploração de exemplos e situações para situar cada fator intratextual e extratextual, no intuito de observar sua relevância diante da realização de uma tradução por um tradutor. A Figura 2 nos ajuda a entender melhor cada um desses aspectos.

⁴ No original: “Thus, equivalence can be proved to be a dynamic concept with regard to the relationship between a source and a target text. For each text (and for each of its elements, with regard to their importance for the sense and the function of the text as a whole), equivalence requires resetting the priority of all the factors influencing the translation process. It is the task of translators to select and prioritize all relevant factors, as well as part of their translational competence, which is more than just proficiency in the languages involved. The inevitable subjectivity of selecting and prioritizing factors is not arbitrary; rather, it is guided by the verbal signs present in the text and any factors which objectively influence the translation process in both the analysis phase and the reverbification phase”.

Figura 2. Relação entre fatores extra e intratextuais.

INTRA-TEXTUAL	EXTRATEXTUAL	ASSUNTO	CONTEÚDO	PRESSUPOSIÇÕES	ESTRUTURAÇÃO	ELEMENTOS NÃO VERBAIS	ESTILO		
							LÉXICO	SINTAXE	CARACTERÍSTICAS SUPRASEGMENTAIS
EMISSOR	assunto favorito, campo especial	perspectiva pessoal, comentários, opiniões	conhecimento de afiliação política do emissor	ordem cronológica se o emissor for uma criança	gesticulação típica de emissor mediterrâneo	dêixis pessoal, idiosincrasias	sintaxe simples de um emissor sem escolaridade	qualidade habitual da voz, altura da voz	
INTENÇÃO	assunto de atualidade, escândalo político	embelezamento ou obscuridade do conteúdo	pressuposições exageradas por razões de prestígio	aumento gradual do suspense	fotos enganosas	palavras conotativas	discurso indireto para marcar reserva	chamadas rítmicas na manifestação	
PÚBLICO	referência ao mundo do público	adotar a perspectiva do público	“Como todos sabem perfeitamente bem...”	nota de rodapé com explicações	ilustrações adequadas para crianças	tratamento formal ou informal	ordens, imperativos, subjuntivo	entonação típica de fala de bebês	
MEIO	assunto especial em jornal científico	conteúdos simples em texto falado	eventos atuais em jornal diário	ordem de perguntas em formulário	diagrama em vez de longas estatísticas na TV	acrônimos no linguagem do jornal	palavras abreviadas no mensagem curto	tom de voz bem alto na fala do microfone	
LUGAR	assuntos culturalmente marcados	informação do conselho municipal	dêixis local (neste país)	convenções culturais de estruturação	brasões, emblema, logos	elementos do dialeto regional no léxico, sintaxe e entonação, americanismos no inglês, português ou espanhol			
TEMPO	assunto específico da estação do ano	notícias do dia	dêixis temporal (a noite passada)	estruturação do drama clássico	suástica	léxico e sintaxe típicos de uma época histórica, uso de palavras obsoletas		verso hexâmetro	
MOTIVO	assunto natalino	detalhes biográficos em necrológio	conhecimento de rituais	ordem cronológica em protocolos	feição triste	fórmula batismal	aposiopese em razão de tristeza	tom solene	
FUNÇÃO	nenhum assunto pessoal em manual de instruções	evitar avaliações pessoais em comunicados de imprensa	poucas pressuposições em contratos de venda	ordem lógica em argumentação	ilustrações em manual de instrução	terminologia em texto científico	construções impessoais em documento legal	entonação típica de liturgia	

Fonte: NORD, 2016, p. 242.

Se observarmos a tabela dos fatores intra e extratextuais de Nord, apresentada acima, pode-se notar a relação constante entre a função do texto, as ações que esse texto possa realizar, o público de chegada e todos os aspectos linguísticos, em especial, no que se refere ao léxico e à sintaxe próprios de cada tipo de texto e que, em geral, já estão consagrados em uma comunidade.

A fim de ilustrar a tabela acima com mais exemplos, podemos pensar em um manual de instruções para uso de um esfigmomanômetro. Dentro dos fatores extratextuais, o **emissor** seria o fabricante em si e/ou a pessoa ou instituição contratada para elaborar o manual. Certamente, a **intenção** desse emissor seria instruir o operador (médico ou enfermeiro), que seria o **público**, a utilizar o produto de forma adequada e precisa. O **meio** seria o próprio manual no formato convencional para esse tipo de texto. O **lugar** estaria relacionado ao país, estado ou região onde o produto é comercializado e o **tempo**, ao período desde a fabricação até a duração da

comercialização do produto. O **motivo** poderia ser a intenção de venda do produto, enquanto a **função** desse manual seria apresentar o produto e instruir sobre o seu uso.

Quanto aos fatores intratextuais, temos o **assunto**, modo de uso do equipamento, o **conteúdo** que estaria ligado ao nível lexical, a partir das informações sobre o produto e as instruções. Já as **pressuposições** referem-se a forma como se espera que um manual venha estruturado, pressupondo que o público já esteja familiarizado com esse tipo de texto, ordem e disposição das informações, além de seu formato e linguagem, ou seja, a **estruturação** do texto. Nesse exemplo, os **elementos não verbais** seriam as figuras das peças ou partes do equipamento e os símbolos convencionais como, por exemplo, o símbolo de perigo ou inflamável se exposto ao calor, ou até mesmo um polegar fazendo um sinal de “joia” para informar que algo está correto ou pode ser feito daquela forma. Quanto ao **estilo** desse tipo de texto, podemos afirmar que pode ter o uso do imperativo ou infinitivo, com valor de imperativo, nas instruções, também pode estar apresentado em sentenças iniciadas por marcadores, listas, etc.

Uma conclusão importante, a partir da perspectiva de Vermeer e Reiss (2014), é que traduzir é agir para alcançar um objetivo, logo a função é própria característica intrínseca da tradução. Além da finalidade, age-se em uma determinada situação, sendo o processo de tradução orientado para o receptor do texto de chegada.

Embora a abordagem funcionalista tenha oferecido relevante contribuição à disciplina dos Estudos da Tradução, há muitas críticas a essa abordagem, como a questão da ética e a responsabilização do tradutor diante dos ditames do cliente, além de um caráter ora descritivo ora prescritivo numa tentativa de categorizar os tipos textuais, os agentes envolvidos e o próprio processo tradutório, uma vez que nada é tão estável e uniforme para permitir generalizações. Tratarei mais das críticas ao funcionalismo no capítulo Tradução e Ação.

2.3 As condicionantes culturais na tradução

Ao percorrer o caminho da prática para a teoria e ensino de tradução, pude constatar o predomínio de uma visão largamente difundida entre professores e estudiosos da tradução, segundo a qual os textos técnicos, diferentemente dos textos sagrados e de literatura, constituiriam um universo à parte, sujeito aos ditames do mercado e marcado pela estabilidade de sentido dos termos técnicos. Em outras palavras, admitia-se para a tradução técnica algo que, de resto, era veemente condenado para a tradução como um todo: a noção de sentidos estáveis e, como consequência dela, uma noção de tradução centrada eminentemente numa operação de transcodificação, processada à margem de um enquadramento cultural (AZENHA JUNIOR, 1999, p. 10).

Ao compartilhar sua experiência em tradução e docência na citação acima, Azenha Junior (1999) questiona o lugar ocupado pela tradução técnica nos estudos acadêmicos e alega que se o que se pensa do texto técnico fosse de veras verdade, então os textos obedeceriam a uma classificação tipológica inquestionável e os termos técnicos seriam imutáveis e imunes à ação do tempo e espaço, ou seja, jamais estariam expostos às condicionantes de uso linguístico, às situações de comunicação, à evolução da ciência; às defasagens na tecnologia entre os países, aos diferentes critérios de medição, à normatização, às diferentes legislações, entre outros. De fato, a realidade dos textos técnicos se apresenta de forma muito diferente do que se julga, uma vez que os textos são formas híbridas expostas a um vasto número de variáveis e a terminologia, ao contrário de ser estática, é dinâmica e admite uma margem de subjetividade no tratamento do seu objeto.

O autor alega que na teoria e na prática da tradução há a divisão entre os textos literários que ficam em um lado e os textos pragmáticos e especializados que ficam do outro lado. Ele alega ainda que há uma discrepância entre o que se teoriza e o que se aplica na tradução do texto literário e do técnico, como pode ser observado na história dos Estudos da Tradução no Ocidente que, em sua maior parte, corresponde à história da tradução de textos literários e da Bíblia, em detrimento da história da tradução dos textos técnicos e científicos, uma vez que esse tema foi abordado, historicamente, de forma pouco sistemática e esporádica (2010, p. 41-42).

A obra *Tradução Técnica e Condicionantes Culturais: Primeiros passos para um estudo integrado*, publicada em 1999, foi o fruto da pesquisa de João Azenha Junior que partia das relações fundamentais entre linguagem, cultura, texto e tradução, verificando a importância de se considerar os aspectos culturais inclusive no texto técnico a fim de fornecer subsídios teóricos e metodológicos para enfatizar a importância dos aspectos culturais na tradução técnica e, assim, redimensioná-la numa perspectiva em que o texto técnico tem uma estrutura multidimensional, aliando a teoria à prática, em uma proposta integrada.

Várias instâncias permeiam, além da linguística e da cultura, a tradução técnica, entre elas, por exemplo, a recepção do texto, os direitos na transferência de tecnologia ou estratégias de marketing. Desta forma, de acordo com Azenha Junior (1999), caberá ao tradutor, guiado pelas características específicas das culturas envolvidas e pela tarefa (função) da tradução, identificar uma estratégia de trabalho para que o texto possa preservar sua função na transferência de conhecimento ou venda e compra de produtos ou serviços e possa ser ainda culturalmente eficaz para os receptores da tradução.

Vale ressaltar que se observa aqui, então, uma interseção entre os estudos culturais e a abordagem funcionalista da tradução. O autor resalta que se observarmos o trabalho do tradutor, veremos muitas condicionantes que podem influenciar o resultado final de seu trabalho: as línguas e a direção linguística em que o trabalho ocorre; a pessoa do tradutor com sua história, formação e perfil psicológico; a possível intermediação de terceiros e seu grau de interferência no processo tradutório; e as condições de recepção do texto por diferentes comunidades, em diferentes momentos.

Em seu texto, Azenha Junior (1999) se vale de autores para comentar perspectivas nos Estudos da Tradução e, em especial, usa como referência a teórica Mary Snell-Hornby (1988) para apresentar alguns conceitos do que seria a cultura antropologicamente, que, em suma, poderíamos entender como os aspectos da vida humana socialmente convencionados entre os membros de uma sociedade.

Frente às marcas culturais, retomando Azenha Junior (1999), o tradutor deve pensar em estratégias para realizar seu trabalho. Diante de um termo específico que apresente dificuldade de natureza cultural, ele pode lançar mão de recursos como manter o termo no original e tentar explicar ao leitor o sentido daquele termo ou buscar de alguma forma adaptá-lo ou aproximá-lo a algum conceito estabelecido na cultura de chegada. A título de ilustração, podemos pensar na agropecuária e, especificamente, na produção de carne bovina. Cada país e região tem técnicas e termos diferentes para o corte da carne, o que já representa um desafio no momento da tradução. Agora levemos essa questão além, como se trabalharia essa tradução para uma cultura de chegada cuja tradição é não consumir carne bovina por questões religiosas, como por exemplo, a Índia.

Diante do exposto, para a reflexão sobre a classificação das condicionantes, também é de extrema valia a apresentação que Azenha Junior (1999) faz das categorias de incongruências conceituais interculturalmente condicionadas, a partir da proposta do tradutor e terminólogo Peter Schmitt (*apud* Azenha Junior, 1999) com o objetivo de exemplificar as condicionantes a que estão sujeitos os conceitos e suas denominações nas diferentes culturas. Os diversos planos em que tais incongruências (quando os conceitos não coincidem na cultura do texto de partida e na do texto de chegada) se manifestam revelam também a necessidade de se considerar o texto técnico e seus problemas de tradução a partir de diferentes ângulos. De acordo com Schmitt (*apud* Azenha Junior, 1999) as condicionantes que determinam as incongruências entre conceitos e procedimentos técnicos de tradução em culturas diferentes são:

- 1) Diferentes hierarquias conceituais: os conceitos de uma mesma área técnica têm posição hierárquica diferente em outra cultura. Para ilustrar esta questão, o autor menciona a diferente classificação dos aços que não apresentam correspondência na tabela alemã e estadunidense.
- 2) Diferenças de construção condicionadas por normas e leis específicas de cada cultura: este item se refere às diferenças de edifícios, instalações e equipamentos com relação a regulamentos e normas. O exemplo trazido por Azenha Junior (1999), nesse caso, é o conceito de usina nuclear, em inglês britânico (*nuclear power station*), em inglês americano (*nuclear power plant*), em francês (*station nucléaire*) e em alemão (*Kernkraftwerk* e *Atomkraftwerk*), os termos respeitam as características externas da construção, sistema de segurança, entre outros.
- 3) Diferenças na construção condicionadas por diferenças climáticas: referem-se às condições climáticas que determinam uma forma de construção. Nesse caso, o exemplo é o conceito de torre de refrigeração, em alemão *Kühlturm* e em inglês *cooling tower*. Tanto na Alemanha quanto na Inglaterra, as torres de refrigeração são construções elevadas, feitas de concreto que funcionam a partir da circulação natural de ar. Já nos Estados Unidos o termo apesar de ter sido mantido como *cooling tower*, ele não segue o mesmo padrão, já que a refrigeração se dá por células de ventilação, dispostas no sentido horizontal, mas não em forma de uma torre.
- 4) Recomendações de produtos, específicas de cada cultura: o uso e denominação de produtos que podem não existir na cultura de chegada ou terem denominação diferente. Aqui o autor exemplifica que uma cera para polimento de veículos pode não ser recomendada para o mesmo uso na cultura de chegada. Diante desses casos, ciente dessas questões, o tradutor pode argumentar com quem solicitou a tradução.
- 5) Textos padronizados, próprios de cada cultura: estão relacionados a fórmulas textuais para indicações de uso, manuais de eletrodomésticos.
- 6) Orações declarativas próprias de cada cultura: seriam os tipos de declarações não padronizadas, próprias de cada cultura. Para ilustrar, o autor traz a oração “Importante para veículos vendidos no Canadá”, que aparece em manuais de automóveis.

- 7) Exemplos específicos de determinada cultura: referem-se sobretudo a textos de instrução ou popularização da ciência em que a explicação de conceitos tende a se aproximar do contexto dos leitores/receptores.
- 8) Ilustrações específicas de cada cultura: trata-se de ilustrações que acompanham um texto verbal que podem apresentar diferenças de cunho cultural em sua forma e conteúdo. Como exemplo, o autor menciona o efeito perturbador que o desenho de um carro com o volante ao lado direito poderia ter sobre o leitor alemão.
- 9) Incongruências provocadas por métodos de medição específicos de cada cultura: são aquelas que levantam a problematização das normas e regulamentações que regem os diferentes métodos de medição.
- 10) Incongruências devidas à falta de padronização terminológica entre empresas de um mesmo ramo e mesmo no interior de uma mesma empresa.

Após apresentar as incongruências identificadas por Schmitt, Azenha Junior (1999) tece importantes considerações sobre o uso de recursos icônicos no texto, tais como os números, fórmulas, sinais diacríticos, gráficos, tabelas e ilustrações que possuam uma função específica. O emprego desses recursos pode ser um desafio para o tradutor, uma vez que pode haver diferença entre as culturas. Embora tenham a finalidade de complementar o texto verbal e auxiliar na compreensão, em uma cultura diferente, eles podem confundir e dar margem para uma interpretação diferente.

No que concerne a tradução e tipologia de texto, Azenha Junior (1999) apresenta dois modelos: o de Katharina Reiss e o de Mary Snell-Hornby.

As premissas principais para o modelo de Reiss (*apud* Azenha Junior, 1999, p. 43-51), já abordado anteriormente neste capítulo, referem-se à função comunicativa do texto como base de sua tipologia e à definição da tradução como um processo de comunicação bilíngue e não de uma operação puramente linguística. A partir disso, a autora passou a investigar os tipos de texto e os métodos de tradução pautados em três perspectivas: a da experiência empírica que surgiu da prática na docência e serviu de base para pensar a tipologia textual a partir da função comunicativa dos textos e refletir sobre os métodos de tradução; a perspectiva linguística: pensada na linguagem como o meio que as pessoas utilizam para se comunicar, fica estabelecida a relação de que quando um texto tem função de informar, a faculdade linguística é orientada para “representar o mundo”. Quando se destina a expressar a subjetividade de um autor, tal capacidade linguística se destina a “enriquecer o mundo” e nos textos dedicados a mudar o

comportamento do leitor, essa função será de “modificar o mundo”. Aqui então se apresentam as três funções básicas da linguagem: a representativa, a expressiva e a apelativa, podendo cada uma delas ser predominante em determinado texto; já a perspectiva da teoria da comunicação seria a mais importante para a autora pois a tradução sempre é realizada para ser recebida por um destinatário.

Por sua vez, o modelo proposto por Snell-Hornby (*apud* Azenha Junior, 1999, p. 51-60) não tem uma natureza normativa, diferentemente do de Reiss, e considera o fato de que os textos se revestem de formas híbridas, sendo difícil uma classificação estanque, um agrupamento de vários textos sob o mesmo tipo. Outro aspecto importante é que a autora considera a intertextualidade e interdisciplinaridade como elementos da ação tradutória, além de incluir na reflexão sobre tradução o produtor do texto traduzido como uma “instância geradora de variáveis de tradução” (Azenha Junior, 1999, p. 58), o que, em nosso entendimento, seria a perspectiva de cada tradutor na ação tradutória.

O modelo de Snell-Hornby apresenta uma visão mais abrangente de tradução, uma vez que o tradutor deve refletir sobre o texto a ser traduzido para definir uma estratégia e os meios de apoio disponíveis para poder auxiliá-lo. Além disso, esse modelo contribui para uma abordagem de integração, no que tange especificamente à relação entre uma tipologia textual e determinada estratégia de tradução, levando em conta o fato de que um tipo de texto tem inúmeros aspectos que podem inferir na determinação de sua tipologia e essa tipologia não depende apenas de fatores intrínsecos ao texto e sim de uma constelação de fatores. Para a autora, o texto deve ser analisado em sua situação, através de um pano de fundo cultural e pelo fato de não ser algo estático na língua, mas sim uma expressão a partir da intenção de um autor, a qual o tradutor recriará para outro grupo de leitores.

Azenha Junior (1999) contrapõe os dois modelos e expressa os prós e os contras de cada modelo. Quanto aos prós, o autor ressalta que ambos os modelos partem da premissa de que a tradução vai além dos limites textuais e apresentam uma definição de tradução como um ato de comunicação, estando os textos comprometidos com uma realidade sociocultural, “de que é espelho e parte integrante ao mesmo tempo” (AZENHA JUNIOR, 1999, p. 60). Já no que se refere aos contras, o autor fala que se deve levar em conta as duas linhas básicas dessas abordagens, sendo uma mais literária e a outra mais focada em textos de utilidade. Outro ponto a ser destacado é a noção pré-concebida de que alguns tipos de textos são mais importantes que outros. Contudo, o autor concluiu que não se pode descartar a possibilidade de combinação de aspectos de ambos os modelos para a pesquisa sobre os tipos textuais e as estratégias de

tradução, afinal “não podemos buscar um modelo teórico que seja válido em qualquer tempo e lugar” (AZENHA JUNIOR, 1999, p. 61).

Para ilustrar sua visão teórica, o autor escolhe um corpus de exemplos de textos, além do léxico, para uma discussão mais pragmática. Esses exemplos referem-se a exemplares em alemão e em português, são eles:

- Prospectos informativos sobre fitas de gravador;
- Prospectos informativos e proposta de adesão a cartão de crédito;
- Manuais informativos para aplicação de fungicidas;
- Bulas de remédio;
- Instrução para preparação e aplicação de tintura para cabelo;
- Manuais do proprietário do automóvel.

Em suas considerações finais, Azenha Junior (1999) nos brinda com comentários relevantes para o profissional de tradução e para o professor de tradução.

Para o profissional de tradução, que freqüentemente se vê diante da necessidade de desenvolver uma técnica para a rápida aquisição de conhecimentos específicos, a noção do comprometimento dos textos com uma situação de comunicação e com uma realidade cultural também impõe a necessidade de reflexões prévias, de estratégias de trabalho, de escolha de caminhos que serão tão mais eficazes e positivamente avaliados, quanto maior for a capacidade e a predisposição do profissional em estabelecer os limites, objetivos e estratégias de cada trabalho que realiza; quanto maior for, em suma, sua habilidade de mostrar à instância que lhe encomenda o trabalho seu papel de co-responsável no resultado final (AZENHA JUNIOR, 1999, p. 135).

Já para os professores de tradução, o autor sugere um trabalho voltado para (1) a conscientização com relação às inúmeras variáveis envolvidas no complexo processo da tradução; (2) a formação de espírito crítico para se reconhecer as potencialidades e emprego consciente dos recursos expressivos; e (3) a instrumentalização dos futuros tradutores, em outras palavras, que eles possam aprender a utilizar os meios de apoio disponíveis e confiáveis de forma otimizada.

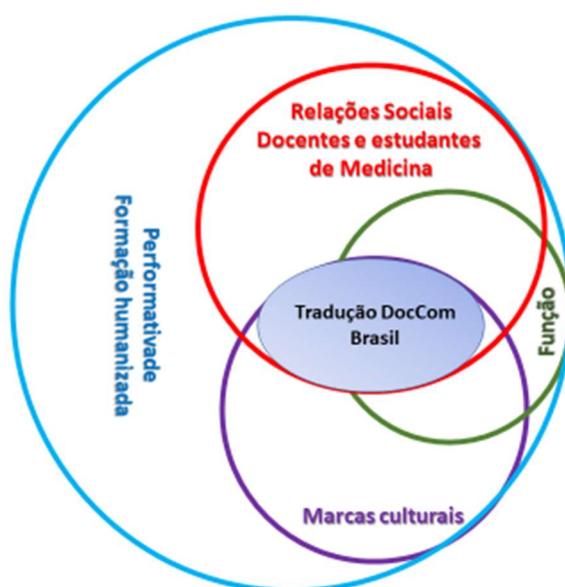
À guisa de conclusão, segundo Azenha Junior (1999, p. 137), a mudança de perspectiva em direção ao texto técnico permite expandir o limite das considerações sobre tradução para além dos domínios do texto sem deixá-lo de lado ou rebaixar sua importância, despertar a consciência do tradutor para outras instâncias do processo tradutório e ampliar as considerações sobre interculturalidade para além dos textos literários. A partir dessa mudança de direção, o autor afirma que “a tradução técnica reclama uma consideração mais sistemática na reflexão

sobre tradução e sua inserção na historiografia dos estudos tradutológicos” (1999, p. 138). Cabe-nos frisar que essa reivindicação também é a mesma de nosso estudo.

Em nossa proposta de alinhavo teórico, a Teoria do Escopo e o mergulho de Esteves na aplicação da performatividade aos Estudos da Tradução parecem se encaixar à nossa proposta uma vez que trazem uma questão colossal: a ação, embora cada uma tenha suas particularidades e ressalvas.

Alinhar os aspectos teóricos da tradução e aplicá-los à prática, como uma ação, a partir dos fundamentos teóricos apresentados sobre funcionalismo, performatividade, tradução técnica e condicionantes culturais, entrelaçando-os aos pressupostos da sociologia proposta por Pierre Bourdieu, a serem apresentados no segundo capítulo do presente trabalho, é um desafio com uma justificativa de grande apelo, já que todos esses segmentos se interseccionam no processo tradutório como se estivessem sempre se “sobrepondo”, partindo de uma esfera inicial que depende de se avaliar o propósito, a função, do texto de chegada para o público pretendido, além de se analisar as marcas socioculturais do texto de partida e o tratamento que cada uma receberá com foco na função. Já uma outra esfera do processo tradutório está relacionada ao caráter performativo da tradução, o impulso à ação e o feito no receptor, enquanto a sociologia estaria atrelada a todo o processo, movimentando-se em todas as direções, uma vez que vários são os agentes envolvidos no processo como um todo e diversas são as interações entre eles. A Figura 3 tenta ilustrar tais esferas do processo tradutório e sua interseção.

Figura 3. Sobreposição das abordagens do estudo.



Fonte: Elaborada pela autora.

Portanto, reiteramos que a relevância da presente proposta reside na necessidade de reconhecer os atributos da tradução técnica e romper com o senso comum da suposta invisibilidade da tradução, ou seja, como se o conhecimento apenas fosse transmitido sem que fosse necessário um processo de tradução e, desse modo, destituindo o tradutor de seu papel central e digno de reconhecimento na transmissão do conhecimento.

Uma vez que existe todo um contexto social na tradução, quanto às relações estabelecidas no funcionamento da área, seja entre o tradutor e o iniciador ou clientes, ou com outros tradutores, ou ainda a percepção e conhecimento do tradutor sobre o público de chegada, faz-se importante entender como se estabelecem essas relações na área a partir de uma perspectiva sociológica voltada à tradução. Dessa forma, o próximo capítulo se dedica a apresentar os conceitos da sociologia de Pierre Bourdieu e a relacioná-los ao ato tradutório.

3. Tradução para o Campo da Medicina

3.1 Visão geral

Se até meados da década de 1970 prevaleceu o enfoque de orientação estruturalista, formalista, que se restringia a prescrever como se deveria fazer uma “boa tradução”, a partir daquele ponto o espectro analítico ampliou-se sobremaneira e voltou seu interesse para os múltiplos aspectos extratextuais que não só orbitam ao redor da tradução, mas também concorrem, de forma direta ou indireta, para que a atividade tradutória se realize (ARAUJO, MARTINS, 2018, p. 2).

Pensar na tradução e suas perspectivas além da dimensão do texto traz à baila questões que permeiam noções de cultura e sociedade. Como comentado no capítulo anterior, após as viradas dos Estudos da Tradução, descritas por Snell-Hornby (2006), a saber, a virada pragmática, a cultural e a empírica, surgiu outro expoente, a virada sociológica que, de acordo com Chesterman (2014), abrange o comportamento dos agentes da área, suas normas sociais, status e processos de trabalho. Já a estudiosa Michaela Wolf (2012) argumenta que a disciplina dos Estudos da Tradução foi desde sempre inclinada às viradas ou mudanças paradigmáticas e sua justificativa para tal afirmação recai, em primeiro lugar, na natureza da disciplina em si que está localizada nas zonas de contato entre diferentes culturas, estando continuamente exposta a diversas contextualizações e arranjos de comunicação, e, em segundo lugar, na constituição ou estrutura da própria disciplina, uma vez que as diversas formas de comunicação que moldam as questões trabalhadas no domínio dos Estudos da Tradução nos levam além das fronteiras da disciplina.

Para que a tradução cumpra com seu propósito, além do domínio e conhecimento das línguas de partida e chegada, faz-se necessário que o tradutor pondere os fatores internos (linguísticos, metalinguísticos, discursivos, entre outros), fatores cognitivos (processos mentais, decisões e respeito às normas) e os fatores externos (aspectos culturais e sociais, valores, crenças, ideologias e tradições) envolvidos na tradução de um texto. Assim, conhecer e compreender as relações sociais estabelecidas entre todos os agentes envolvidos no processo tradutório também é imprescindível para sua vivência e atuação profissional. Nas palavras de Heilbron e Sapiro:

Sair de uma problemática intertextual, centrada na relação entre um original e a sua tradução, conduz a uma série de questões propriamente sociológicas a respeito das implicações e das funções das traduções, suas agências e seus agentes, o espaço no qual elas se situam e as restrições, tanto políticas quanto econômicas que pesam sobre elas. Uma abordagem sociológica da tradução deve levar em conta diversos aspectos

das condições de circulação transnacional dos bens culturais, a saber, a estrutura do espaço das trocas culturais internacionais, os tipos de exigências – políticas e econômicas – que pesam sobre essas trocas, os agentes da intermediação e os processos de importação e de recepção no país de destino. (HEILBRON, SAPIRO, 2019, p. 16).

Dentre os papéis desses agentes, como vimos nas denominações propostas por Nord (2016), temos iniciadores, produtores de texto de partida, tradutores e destinatários, entre outros, cada um representando uma instância do processo que precisa ser levada em conta no ato tradutório. Assim, a ação de traduzir perpassa análises, perguntas, propostas, objetivos, ou seja, desde o início do processo de uma tradução, há que se conhecer o iniciador e estar ciente de seus objetivos ao encomendar determinado projeto de tradução, refletir sobre o contexto em que o produtor construiu o texto de partida, compreender o contexto dos receptores do texto de chegada e, então, dar início ao projeto, escolhendo recursos e estratégias que atendam a finalidade do texto traduzido. Destarte, ousamos dizer que o aspecto linguístico é apenas uma parte do conjunto.

Além de entender as relações sociais, *modus operandi* e normas estabelecidas entre os agentes dentro seu campo de atuação, tradutores, revisores, contratantes, agências, entre outros, é crucial que o tradutor entenda também as relações sociais existentes em outras áreas, onde outros agentes se relacionam, pois, munido de tal conhecimento, seu trabalho poderá ser recebido com maior êxito pelo público de chegada, parte importante do processo de tradução. Desse modo, dentro daquela área a que se destina a tradução, há que se conhecer os agentes e o modo como interagem, ou ainda, “o jogo que jogam em cada campo”.

No intuito de analisar com mais profundidade as relações sociais que se desprendem do processo tradutório, os aportes de Pierre Bourdieu nos parecem de grande valia para aplicação, uma vez que a metodologia sociológica de Bourdieu e as relações estabelecidas entre agentes podem ser aplicadas a vários campos de pesquisa. Ademais, sua proposta é caracterizada como a teoria da prática e, no fundo, é na contemplação da prática que se desenrola este estudo.

Para tanto, a proposta deste capítulo é apresentar conceitos básicos bourdieusianos, como espaço social, habitus, campo e capital, e aplicá-los ao campo da tradução técnico-especializada, especificamente para a área médica, e demonstrá-los também na área da educação médica, no que tange aos aspectos sociológicos da formação médica, uma vez que essa é a área em que está centralizado nosso objeto de estudo.

3.2 A Sociologia de Bourdieu e sua aplicação nos Estudos da Tradução

O sociólogo Pierre Bourdieu (1930-2002) nasceu na França, na região rural de Béarn, em uma família de origem camponesa. Por se destacar desde cedo nos estudos, Bourdieu teve uma excelente trajetória educacional que culminou na sua formação pela conceituada École Normal Supérieure de Paris e em seus estudos na célebre universidade francesa Sorbonne. Seu desenvolvimento de filósofo para sociólogo foi marcado pelo seu tempo de serviço militar na Argélia, naquele tempo ainda colônia francesa. Nesse período, Bourdieu fomentou suas ideias e sua teoria a partir da prática, dentro de sua vivência em uma sociedade camponesa transformada socialmente e dominada pelo regime colonial capitalista. Como ilustra José Marciano Monteiro:

A obra produzida por Pierre Bourdieu é uma relevante contribuição teórica-metodológica e epistemológica para os cientistas sociais, historiadores, economistas, pedagogos e educadores contemporâneos, dentre outros. Bourdieu pode ser considerado, sem sombra de dúvidas e sem exagero, um dos mais criativos intelectuais do século XX. Com esforço e percepção aguçada construiu, a exemplo de Karl Marx, Max Weber e Émile Durkheim, uma sofisticada teoria sobre o mundo social. (MONTEIRO, 2018, p. 9).

Na proposta sociológica bourdieusiana, de acordo com Monteiro (2018), a definição de sociedade é a de “um espaço estruturado em função das distâncias sociais que separam os agentes” em que se determinam os agentes a partir das posições que ocupam. Este espaço social, formado pelos campos (econômico, político, educacional, cultural, científico, etc.) e estruturado pelos capitais, configura-se como não harmônico, uma vez que nele estão presentes relações de poder, capitais, conflitos e lutas por reconhecimento e manutenção da posição dos agentes. No que tange à conceituação de campo, Monteiro (2018) explica que a teoria dos campos de Bourdieu, como uma teoria da prática, busca descrever as relações de força e o sentido das lutas no espaço social. Cada campo, como um microcosmo estruturado, apresenta suas próprias regras e relativa autonomia diante do espaço social que representaria então um macrocosmo. As estruturas dos diferentes campos encontram-se já inscritas na mente e corpo dos agentes de acordo com o seu habitus para, assim, “jogar o jogo”. No campo, os agentes/jogadores competem ao empregar diferentes estratégias para manter ou melhorar suas posições (Thomson, 2018). Dessa forma, temos o campo do poder, campo da educação, campo da pesquisa, campo artístico, campo literário, campo religioso, campo econômico, entre tantos outros. É interessante pensar aqui na metáfora do campo como uma arena, cada um regido por suas regras

e nos quais os agentes digladiam em uma constante busca por distinção, manutenção e classificação. Em cada campo, há um habitus correspondente.

Embora já existisse na filosofia antiga a noção de habitus, Bourdieu a recupera e a transporta para uma outra dimensão. Em suas próprias definições, o autor explica que o habitus é um “sistema de disposições socialmente constituídas que, enquanto estruturas estruturadas e estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes” (BOURDIEU, 2013, p. 191). Karl Maton (2018, p. 75) explica que a estrutura “é estruturada pelo nosso passado e circunstâncias atuais” e é “estruturante no sentido de que nosso habitus ajuda a moldar nossas práticas atuais e futuras”. De modo que o termo habitus deva ser entendido como as disposições duráveis internas estabelecidas no indivíduo, ou agente, que operam em sua forma de pensar, sentir e agir no meio social, como uma história individual e grupal sedimentada no corpo (Catani *et al.*, 2017). Na tentativa de simplificar a noção de habitus, Maton (2018) explica que o habitus captura a forma como carregamos nossa história e como a transportamos para as circunstâncias em que vivemos e, assim, aplicamos ao fazer uma determinada escolha e não outra. Segundo Monteiro (2018, p. 36), o habitus “funciona como princípio gerador e ordenador de todas as práticas sociais e culturais existentes”, orientando as escolhas culturais de uma determinada classe social, desde, por exemplo, a alimentação até as práticas esportivas. As classes sociais dominantes, que detêm o capital econômico, ditam o que serve de referência para as classes médias e populares. O autor afirma ainda que todas as preferências e escolhas são orientadas pelo habitus, não são frutos de nossa liberdade e sim “das escolhas condicionadas pela posição no espaço social” (Monteiro, 2018, p. 45).

Se os campos são o espaço social para a prática e a arena para as disputas, os capitais seriam então os bens disputados para o processo de diferenciação e distinção (Monteiro, 2018, p. 50). O capital econômico seria o capital financeiro, englobando patrimônio material (terras, propriedades, empresas, equipamentos, veículos, etc.) e monetários (salários, investimentos, rendas, etc.), já o capital cultural representaria o conjunto de qualificações intelectuais obtidas por meio do processo educacional e da família, incluindo desde as normas de etiqueta transmitidas, a oratória, a posse de livros e obras de arte, até os certificados e diplomas conquistados. O capital social, por sua vez, está relacionado à rede de relações permanente e úteis dos agentes, ao pertencimento a um determinado grupo e/ou a instituições. Família, alianças, uniões e casamentos são peças-chave para acúmulo e transmissão do capital social. Por último, mas não menos importante, descreveremos aqui outra forma de capital, o capital simbólico, que por definição seria aquele capital que confere reconhecimento e legitimação, ou

seja, os agentes ganham honra e reconhecimento a partir dos outros tipos de capital e dos elementos e características que culminam em sua diferenciação (status) dentre os outros indivíduos.

A sociologia bourdieusiana é caracterizada por ser a teoria da prática e por essa razão, vem sendo aplicada a várias áreas do conhecimento. Partindo da perspectiva de que a tradução é uma prática social, vários estudiosos têm se dedicado a explorar e aplicar os conceitos de Bourdieu aos Estudos da Tradução. Michaela Wolf reforça essa perspectiva:

Gradativamente, foi tomando forma a convicção de que qualquer tradução está necessariamente inserida dentro contextos sociais: de um lado, o ato de traduzir, em seus vários estágios, é inegavelmente realizado por indivíduos que pertencem a um sistema social; do outro lado, o fenômeno da tradução está inevitavelmente implicado em instituições sociais, que consideravelmente determinam a seleção, produção e distribuição da tradução e, em consequência, as estratégias adotadas na tradução em si. (WOLF, 2012, p. 132)⁵.

Ainda de acordo com Wolf (2012), o desenvolvimento de uma sociologia da tradução implicou a necessidade de se desenvolver ferramentas de análise para que se pudesse entender os mecanismos subjacentes à tradução, em uma perspectiva de contextos sociais maiores e a natureza social da tradução, levando a uma mudança de foco e mostrando que há muito a ser explorado, nessas novas abordagens de pesquisa, como por exemplo, as instituições que formam os tradutores, organizações profissionais e seu impacto nas práticas tradutórias, condições de trabalho, questões de ética e aspectos políticos da tradução, além dos mecanismos da invisibilidade do tradutor.

Dentro da proposta de uma sociologia da tradução ou Estudos do Tradutor, Andrew Chesterman (2014) sugere três vertentes para pesquisa: a sociologia das traduções como produtos em um mercado internacional, a sociologia dos tradutores como agentes e a sociologia do traduzir, o processo de tradução. A sociologia dos tradutores exploraria todos os níveis envolvidos na cadeia de trabalho do tradutor e suas relações, desde as questões de remuneração até as questões de gênero, orientação sexual, relações de poder, que poderiam afetar o trabalho e as atitudes dos tradutores, além de poder explorar também o discurso político da tradução, isto é, como seria a imagem pública da profissão e seu reflexo por exemplo nas diferentes mídias. A sociologia do processo de tradução, por sua vez, abordaria as diferentes fases do ato

⁵ No original “Gradually, the conviction took shape that any translation is necessarily bound up within social contexts: on the one hand, the act of translating, in all its various stages is undeniably carried out by individuals who belong to a social system; on the other, the translation phenomenon is inevitably implicated in social institutions, which greatly determine the selection, production, and distribution of translation, and, as a result, the strategies adopted in the translation itself”.

tradutório, os procedimentos (de trabalho, de controle de qualidade e de revisão), as equipes, as relações com outros agentes, entre outros.

Uma explicação elucidativa dos conceitos bourdieusianos, aplicados à tradução, foi apresentada por Munday:

- **campo** de atividade social, que é o local de uma luta de poder entre participantes ou agentes – para nós, esse campo é a tradução e os participantes incluem, potencialmente, o autor, o encarregado, a editora, o editor, o tradutor e o leitor;
- **habitus**, que são as características sociais, cognitivas e de identidade ou disposição do indivíduo, altamente influenciado pela família e pela educação; o habitus está vinculado ao campo e ao capital cultural e vem ocupando uma posição central nos trabalhos sociológicos recentes nos Estudos da Tradução [...];
- os diferentes tipos de **capital** que um indivíduo pode adquirir ou herdar – o mesmo engloba o **capital econômico** (dinheiro e bens materiais), o mais tangível, e os menos tangíveis: **capital social** (como as redes de contato), **capital cultural** (educação, conhecimento) e o capital simbólico (status) [...](MUNDAY, 2016, p. 237)⁶.

No contexto da tradução, Wolf (2012) explica que o habitus pode ser entendido como um habitus secundário significativamente marcado pela profissão de tradutor, uma vez que Krais e Gebauer (2002 *apud* WOLF, 2012) postulam que o habitus de um indivíduo ou de um coletivo pode ser reconstruído a partir de suas várias atividades. Para a autora, é importante entender que o habitus pode refletir as condições subjacentes às escolhas de tradução e o momento e contexto histórico em que o tradutor se encontra e que pode explicar a escolha de uma estratégia em vez de outra. A autora afirma ainda que “isso, por outro lado, revela que o habitus tradutório não resulta apenas da prática social, mas pode também criar valores e produzir conhecimento relacionado à ação” (WOLF, 2012, p. 135)⁷.

Por sua vez, Jean-Marc Gouanvic (2007) propõe uma distinção no campo da tradutologia, o campo científico, da pesquisa em tradução, e o campo literário, o espaço da tradução das obras. Ele afirma que a tradução como prática, nesse caso a tradução de textos especializados, não pode ser considerada um campo em si pelo fato de os textos traduzidos apresentarem diferentes configurações que os ligam aos campos específicos, ou seja, uma

⁶ No original “ - **field** of social activity, which is the site of a power struggle between participants or agents – for us, this field is translation and the participants potentially include the author, commissioner, publisher, editor, translator, and reader;

- **habitus**, which is the broad social, identity and cognitive make-up or ‘disposition’ of the individual, which is heavily influenced by family and education; habitus is particularly linked to field and to cultural capital and has been central to recent sociological work in translation studies (see below);

- the different types of **capital** which an individual may acquire or be given – these comprise the more tangible **economic capital** (money and other material assets) and the more intangible: **social capital** (such as networks of contacts), **cultural capital** (education, knowledge) and **symbolic capital** (status);

⁷ No original “This, on the other hand, reveals that the translatorial habitus not only results from social practice but can also create values and produce knowledge related to action”.

tradução estará condicionada ao campo a que o texto de partida pertença, assim um texto jurídico traduzido pertence ao campo jurídico. Para o autor, os desafios e as características envolvidos nas traduções são os mesmos do campo de chegada e do campo de partida. Dessa forma, o texto de chegada possui um duplo pertencimento com relação ao campo, assim como o tradutor, cujo habitus, no momento da tradução, é bilíngue e resulta na convergência de duas culturas.

Contudo, Gouanvic (2007) alega que antes que se comece a formular sobre o habitus do tradutor, é preciso compreender a construção do mesmo a partir da prática tradutória na qual dois processos são acionados, o primeiro seria o emprego das ferramentas de que dispõe o tradutor (dicionários, glossários, bancos de dados, etc.) e dos processos interpretativos baseados em suas ferramentas, e o segundo processo seriam as aquisições interiorizadas pelo indivíduo, de forma individual e coletiva, sobre as práticas que permitem sua ação na tradução. Embora a teoria de Bourdieu proponha que as disposições do habitus sejam objetivadas, deliberadas e conscientes, Gouanvic (2007) rebate que, do ponto de vista do tradutor, “as produções linguísticas e culturais são resultados de uma instrumentalização objetiva e, talvez digamos, de uma prática subjetiva, mas a instrumentalização objetiva tende a se subjetivar”⁸, para Gouanvic (2007) mesmo essa instrumentalização objetiva entraria na categoria de comportamentos subjetivos e seria o que chamamos de experiência, capacidade, faculdade e competência do tradutor e da tradutora. Para o autor, a competência do profissional de tradução estaria intimamente ligada à sua capacidade de encontrar as soluções para as traduções de acordo com o seu habitus que, por sua vez, é resultado da convergência de duas culturas, especificamente, da cultura nativa e da cultura estrangeira.

O pesquisador Daniel Simeoni, em seu manuscrito *The Pivotal Status of the Translator's Habitus*, publicado na revista *Target* em 1998, propõe afastar-se um pouco da teoria das propriedades das normas de tradução para explorar um posicionamento um pouco diferente a partir do pressuposto do habitus tradutório, pensando no tradutor como um agente culturalmente pré-estruturado e estruturante que medeia os artefatos culturais ao longo da transferência de um texto para outro idioma. O pesquisador visa conceitualizar o que norteia as escolhas dos tradutores ao traduzir, investigar por que os estilos dos tradutores diferem entre si e entre a voz daqueles que eles traduzem e refletir sobre a dinâmica das forças internas e externas que agem ao longo do aprendizado para moldar o estilo e as habilidades de um único tradutor, em suma,

⁸No original, “Les productions linguistiques et culturelles bilingues sont le résultat d’une instrumentation objective et, pourrait-on dire, d’une pratique subjective, mais l’instrumentation objective tend à se subjectiver [...]”.

saber o que guia as decisões do tradutor na prática. Para tanto, Simeoni (1998) reflete sobre a necessidade de se pesquisar mais sobre o complexo desenvolvimento cognitivo do tradutor de modo a entender seu estilo e habilidades, explicando que as ciências humanas carregam uma ideia global da cognição que tende a partir de dois ângulos: um deles seria a visão biológica da mente, em duas vertentes a neurologia e psicologia experimental, e o outro seria a mente cultural. Embora esses dois ângulos possam orientar a pesquisa nos Estudos de Tradução, o autor advoga a precedência da abordagem culturalista em vez da abordagem biológica que inspirou a teoria mentalista⁹, partindo da premissa do antropologista Clifford Geertz de que não há natureza humana independente da cultura.

Embora suas contribuições teóricas a cerca da posição do tradutor frente a outros agentes já constem de duas décadas, Simione (1998) elucidou, com base nos modelos propostos por Gideon Toury, que as interações do tradutor com o meio vão tomando forma a partir de estágios gradativos, começando por sua iniciação em direção ao reconhecimento dos pares e plena competência e formação, dessa forma, à medida que avançam em suas habilidades na profissão, internalizam mais as normas em sua prática e se aliviam das pressões da atividade, tais pressões seriam externas (exercidas por outras pessoas) e as pressões internas (do próprio tradutor). A partir dessa premissa, o tradutor de sucesso seria aquele que apresenta mais submissão às normas no campo social onde é ativo profissionalmente. Nas palavras de Simeoni (1998, p. 6), “As normas prevalecem. Os tradutores tendem mais a aderir a elas do que a não aderir. Eles podem até não gostar disso, e podem até desejar, às vezes, distanciar-se delas, mas reconhecem o poder delas”¹⁰. O *habitus* tradutório acabou por contribuir para a internalização de um comportamento submisso dos tradutores quanto à aceitação das normas e a disposição de aceitá-las conferiu um aspecto secundário à atividade, levando à invisibilidade do tradutor e a um baixo status social. Daniel Simione (1998) ilustrou bem essa questão ao dizer que os tradutores não são diferentes dos antigos escribas, pois continuavam a ocupar posições de subserviência entre as profissões dominantes da esfera cultural, tanto que no folclore da tradução há sempre histórias reais ou fictícias dos erros cometidos pelos tradutores, situações em que o tradutor não capta referências óbvias ou quando alteram o sentido “real” do que o autor quis dizer, geralmente, tais histórias geralmente acabam em uma piada ou em um insulto às custas do tradutor.

⁹ A teoria mentalista enfatiza que a linguagem é interna, governada por regras e abstrata e que os humanos têm uma predisposição inata para aquisição da linguagem (EWING, 1972).

¹⁰ No original, “Norms have the upper hand. Translators adhere to them more often than not. They may not like this, but they recognize their power”.

Avançando nessa discussão, Simione (1998) alega que essa subserviência assumida não é inata, deve ter uma história no âmbito individual e coletivo, uma vez que desde os tempos mais remotos, os tradutores sempre serviam a agentes que tinham uma função superior, ou ao próprio autor, e estavam mais bem colocados na esfera social. Atualmente, isso ainda pode ser observado mediante a autoridade do cliente.

Em sua análise sobre o sistema mundial das traduções, dentro do mercado internacional dos livros traduzidos, Heilbron (2009) adverte que para entender a tradução como uma prática social e como vetor de trocas culturais internacionais, devemos adicionar à análise todos os agentes que dela participam, tanto os indivíduos como as instituições. Há que primeiro redimensionar a tradução no espaço de circulação internacional dos textos, tendo em mente que se trata de um espaço hierarquizado onde há relações de força política, econômica e cultural que fazem com que as trocas sejam desiguais, uma vez que quanto mais avançado e desenvolvido o país, maior o seu valor e sua língua e mais ele tende a exportar sua produção cultural.

Nessa esfera, Heilbron (2009) aborda a centralidade das línguas, como o inglês que pode ser considerado como hipercentral, uma vez que metade dos livros traduzidos mundialmente estão escritos em inglês, e a estrutura das trocas culturais que são sempre desiguais. Línguas como alemão e francês ainda são consideradas como centrais uma vez que representam aproximadamente 10% do mercado mundial de traduções. Na posição de semiperiféricas, pode-se mencionar o espanhol e o italiano, que ocupam de 1 a 3% do mercado internacional. Já as línguas com uma posição inferior a 1% são consideradas línguas periféricas, independentemente de seu número de falantes. O que caracteriza uma língua como central é a sua maior capacidade de operar como língua veicular e maior o número de gêneros de livros traduzidos desta língua. O autor explica que, no contexto editorial, quanto mais central a língua no sistema de traduções, menos se traduz para essa língua.

Vemos, por exemplo, no Brasil, um grande fluxo de traduções de livros científicos, acadêmicos, educacionais, tecnológicos, entre outros, do inglês para o português e não o contrário. Assim como o objeto de estudo do nosso trabalho, um material educacional acadêmico, produzido em língua inglesa, que dada a sua originalidade e seu grau de contribuição, foi importado para uso em instituições brasileiras, tornando imprescindível a tradução para o português. Em contrapartida, exceto na produção científica dos países de línguas periféricas, a tradução prevalece no sentido da língua central, isto é, artigos e outros tipos de publicação de cunho acadêmico e científico, para serem amplamente aceitos, reconhecidos, validados e divulgados, não podem ser escritos em línguas periféricas; nesse

caso, exceto em algumas áreas e situações específicas, o fluxo das traduções está sempre orientado para a língua inglesa, língua hipercentral, língua franca. E os agentes intermediários e os tradutores, por sua vez, “contribuem para a atividade de tradução lutando para preservar ou subverter a hierarquia dos valores desse espaço” (HEILBRON, 2009, p. 26), para conferir aos produtos dessa atividade seu valor social e simbólico e conferir ainda aos agentes a diversidade de suas funções, acúmulo de capital simbólico ou a construção das identidades coletivas.

Embora a maior parte da pesquisa em tradução sob a abordagem sociológica esteja voltada ao campo da tradução literária, podemos extrapolar tais resultados para o campo da tradução técnico-especializada em que normalmente o tradutor está sempre numa relação de poder, geralmente num status mais inferior e submisso, seja com o cliente direto ou com os outros agentes como o dono da agência de tradução, o gerente de projetos, o revisor, além da subserviência às normas e ao texto original. Voltando ao apelo de Heilbron (2009), para entender o papel da tradução técnica, faz-se necessário considerar muito além do texto de partida, devemos considerar a cultura de chegada, o sistema internacional, o grupo de línguas, as relações e as trocas comerciais e culturais, em um mundo globalizado.

No campo da tradução técnica, os tradutores competem e lutam nessa arena em busca de acumulação de capital financeiro e capital simbólico, reconhecimento e status, por meio do rol de clientes importantes em seu portfólio, diplomas, certificados de cursos, investimentos em materiais e tecnologias, certificação e credenciamento junto a organizações profissionais como a ATA (American Translators Association) e Abrates (Associação Brasileira de Tradutores), associação no Sintra (Sindicato Nacional dos Tradutores), entre outros. Vale mencionar aqui que os diplomas não se restringem aos cursos de graduação em Letras e/ou Tradução uma vez que a profissão de tradutor não é regulamentada, no âmbito nacional, não se exigindo nenhum tipo de formalidade educacional para a atuação do profissional. No caso dos intérpretes, uma grande representação de seu capital simbólico seriam as horas de cabine, o grau de importância dos eventos em que atuaram, o portfólio de clientes também, etc. Diferentemente do campo da tradução literária em que o capital simbólico do tradutor não depende estritamente de seu capital financeiro, mas sim dos títulos e prêmios que laureiam os tradutores literários, da crítica dos pares, dos autores que já traduziram, das editoras em que trabalham, dentre outros elementos.

As definições acerca do habitus tradutório e o campo da tradução, a partir da perspectiva sociologia de Bourdieu, permite-nos aplicá-las à prática no intuito de compreender melhor as relações entre os agentes de um determinado campo. Tendo dito isso, passemos para o objeto de nosso estudo: um produto educacional comercial, produzido por acadêmicos e pesquisadores

de uma universidade privada dos Estados Unidos, traduzido por uma profissional de tradução (escolheremos essa forma para nos referirmos à tradutora técnica que atua na área) e uma médica tradutora a pedido do coordenador e docentes de uma universidade pública brasileira (os iniciadores). Algumas relações dentro desse contexto merecem maior detalhamento.

No que tange ao habitus da profissional de tradução (no caso, a autora do presente estudo), é importante informar que tenho formação acadêmica (graduação, especialização e pós-graduação) em Tradução e atuo na área de forma ativa desde 2009, como funcionária de uma fundação privada sem fins lucrativos, que administra um banco de sangue e um centro de pesquisa na área de saúde, e como tradutora freelancer também, em outras áreas do conhecimento, mas principalmente no campo da medicina e saúde. Já a médica tradutora tem formação em medicina, especialidade em pediatria, pós-graduação na área de ensino e comunicação na formação médica e atua como docente em uma universidade pública do Brasil; seu interesse pela tradução partiu da necessidade de utilizar materiais estrangeiros em sua prática docente. Vale mencionar aqui que a decisão de traduzir o objeto de estudo foi tomada conjuntamente pela médica tradutora e os docentes que encomendaram o trabalho (os iniciadores) para utilizá-lo como recursos em disciplinas da graduação em medicina. Ambas as profissionais que realizaram a tradução do material fizeram dentro de suas instituições de origem e não receberam pagamentos adicionais dos iniciadores e nem dos produtores/editores do material de partida. O acordo seria a concessão da licença vitalícia (podendo ser interrompida a qualquer momento a critério dos editores) para uso dos módulos traduzidos em troca da tradução em língua portuguesa, visando futuros acordos comerciais a serem firmados pelos editores com instituições acadêmicas de países cuja língua oficial fosse o português.

Durante o processo de tradução do material de partida, todas as escolhas e decisões relativas à tradução ficavam sob a responsabilidade das duas profissionais, não havendo nenhuma intervenção dos iniciadores no processo de tradução. Os iniciadores, mais especificamente o coordenador da disciplina, apenas atuaram no processo de escolha do que seria traduzido e nos arranjos administrativos para uso desse material em território nacional.

Embora houvesse uma relação de coleguismo e aparente equidade entre as duas profissionais engajadas na produção do material em língua portuguesa, além do reconhecimento da expertise da profissional de tradução pelos iniciadores e pela colega médica tradutora, o poder de decisão estava centralizado na médica tradutora, uma vez que ela representava a referência na área. Todas as suas opções, escolhas de termos e observações, quando das revisões, prevaleciam. Curiosamente, era possível observar um conflito constante quanto ao “respeito” ao original; enquanto a profissional de tradução buscava aproximações e adaptações

culturais, além de aspectos textuais que poderiam conferir um tom mais natural, aclimatizado e criativo ao texto de chegada, a médica tradutora partia da premissa de que uma tradução literal seria mais fiel e não alteraria o texto de partida.

Nota-se, então, a relação entre os habitus e as relações de força entre os campos. A profissional de tradução em uma posição inferior no processo de tradução, tenhamos em mente as colocações de Simione (1998), e a posição de autoridade da médica tradutora, uma vez que existe uma relação de força entre os campos na qual se destaca o capital simbólico e o status superior que os profissionais médicos carregam (MOURA, 2004) em comparação a outros campos com menor status social, como no caso, os tradutores, que devem sempre obedecer ao cliente, ao autor, ao texto original.

Outra relação de poder bastante presente no processo de tradução do objeto de estudo estava retratada nas preocupações e desconfianças externadas pelos produtores do texto de partida, criadores e editores do produto e detentores de todos os direitos autorais e comerciais relacionadas a ela. Os editores da plataforma educacional sempre questionavam, em reuniões ocasionais e informais, se a qualidade do texto de partida seria mantida no texto de chegada, se o material seria utilizado de forma adequada pelos usuários e se os direitos autorais e privacidades de uso seriam resguardados, uma vez que se tratava de um produto comercial com acesso apenas por meio de concessão de licença e acordos comerciais. Apesar dos questionamentos levantados, os editores do texto de partida não realizaram nenhum tipo de revisão do material traduzido em língua portuguesa talvez pelo alto custo de um trabalho de retrotradução¹¹ ou revisão ou pelo falecimento do editor responsável pela edição da plataforma em língua portuguesa e pela não expansão e venda do material no Brasil.

Esse relato empírico de uma situação prática corrobora os pressupostos de Simeoni (1998) no que toca as relações desiguais entre os agentes no campo da tradução, o status do tradutor e as trocas desiguais (Heilbron, 2009) entre as culturas no campo internacional.

Vale ressaltar que, para a finalidade de nossa proposta, faz-se importante explorar a noção de habitus com relação à construção do habitus do aluno de medicina no campo da ética e comunicação com pacientes, uma vez que este é o tema central e recorrente dos módulos da plataforma *DocCom*. Ao participar do processo tradutório e mediar o processo educacional, a partir da tradução, torna-se imprescindível que o tradutor tenha entendimento sobre as relações sociais que se desenvolvem entre os próprios profissionais e entre os profissionais e pacientes

¹¹ De acordo com Robert James Coulthard (2013), “retrotradução é um processo usado primordialmente para a adaptação transcultural de instrumentos de pesquisa, especialmente questionários. Na retrotradução uma primeira versão é traduzida de volta para sua língua de partida e essa retrotradução é então comparada com o texto original”.

para empregar os recursos e estratégias que atendam ao propósito de fazer com que o texto científico se transforme em conhecimento e em um ato performativo que leve à ação sem destoar das normas sociais e éticas que regem esse determinado campo, uma vez que, partindo do proposto por Gouanvic (2007), o tradutor técnico está mais vinculado ao campo para o qual traduz. Portanto, passemos então para o próximo item que abordará esse tópico.

3.3 O campo da educação médica e a formação do habitus médico

Como comentado anteriormente, a proposta de Bourdieu da teoria na prática vem sendo aplicada em diversas áreas de investigação científica e, como refletiremos nesse capítulo, na educação médica e na formação do habitus médico no intuito de se conhecer os processos educacionais, institucionais, profissionais e subjetivos nela envolvidos.

Uma vez que o presente estudo está fundamentado nessa área e dada a natureza de nosso objeto de estudo, uma plataforma educacional voltada ao ensino de medicina, justifica-se a inclusão dessa discussão em nossa seção teórica, apoiada na perspectiva sociológica bourdieusiana.

No livro *A face reversa da educação médica: um estudo sobre a formação do habitus profissional no ambiente da escola paralela*, Luís César Souto de Moura (2004) alega que a instituição da profissão médica, desde que reconhecida como tal, principalmente no Ocidente, apropriou-se de um bem social com base no conhecimento científico para estruturar uma prática, que tem valor econômico e político, e atende a uma necessidade universal da sociedade e esse bem apropriado é usado como fonte de poder e como estratégia de dominação e hegemonia no campo da saúde. De acordo com o autor, existe um discurso que legitima o acesso restrito à profissão e um conjunto de ideologias que promovem esses profissionais “como os guardiões da saúde, como os detentores do conhecimento e do código que dá acesso à longevidade possível e a uma vida útil” (Moura, 2004, p. 20).

Moura (2004) reflete que o processo de formação de médicos, apesar de partir de um recrutamento espontâneo, é restrito e cheios de sacrifícios para o candidato, movido pelo status ou pela visão romântica da profissão, justamente como uma forma de distinção e manutenção do pensamento de que a profissão seria para poucos. Embora haja grande número de candidatos, uma vez que tornar-se médico seria uma estratégia garantida de mobilidade social no Brasil, os processos de seleção são altamente rigorosos, a começar pelo vestibular, para assegurar que não

se banalize a profissão. Segundo o autor, o concurso do vestibular seria só o início de um caminho marcado pelas competições e que exige esforço, disciplina e compromisso.

No que tange às etapas da formação médica, no contexto brasileiro, após o ingresso nas escolas médicas daqueles seletos que venceram a primeira etapa de seleção, dá-se o início do chamado ciclo básico, que tem suas disciplinas estruturadas com base na biologia celular e molecular, química e física relacionada à vida, na fisiologia humana, entre outros. Esse ciclo corresponderia ao conhecimento científico que permitiria a prática clínica, no futuro. Moura (2004) alega que o ciclo básico, geralmente, traz uma espécie de rito de iniciação, pois nesse ciclo os alunos recém-chegados são expostos às ciências básicas de uma forma traumática, seja nos laboratórios de anatomia com cadáveres mutilados e abertos ou nas unidades de saúde onde há muito sofrimento humano. Essa experiência garantirá ao aluno sua distinção nos anos seguintes frente aos professores e aos colegas contemporâneos da graduação. O pesquisador nos chama atenção para o fato de os recém-chegados se submeterem a essas experiências de forma resignada e com certa satisfação por passarem por uma prova que lhes garantirá, nas palavras de Moura (2004), “a distinção honrosa de tornar-se médico”.

Na sequência da formação, aproximadamente entre o quinto semestre da graduação e até o décimo, inicia-se o ciclo clínico ou ciclo clínico-cirúrgico, no qual há uma mudança no cenário, ou seja, o médico em formação deixa as salas de aulas convencionais na faculdade para começar suas atividades no hospital-escola ou nos locais em que há a prestação de assistência médica, onde o aluno passa a ter contato com pacientes. Moura (2004) assume que parece haver um conflito para o aluno de que os estudos do ciclo básico não são úteis diante da nova realidade de comunicação com os pacientes e familiares. Além disso, segundo o autor, nesse ciclo, o estudante deve romper com os professores do ciclo básico, considerados como menos prestigiados em comparação aos professores do ciclo clínico, os mestres, aos quais os alunos têm que se curvar e alegar sua falta de conhecimento para lidar com a nova situação, já que esses professores são os detentores do “conhecimento que cura” (Moura, 2004) e que lhes oferecerá o conhecimento que tem mais valor de mercado.

Após a graduação, há mais competição e concorrência para a escolha de uma especialidade e ingresso na residência médica. Moura (2004, p. 33) descreve que “isso significa a diferença entre tornar-se um especialista e ter uma chance no mercado de trabalho, ou estar condenado aos subempregos e a uma certa discriminação entre seus colegas”.

Em suas hipóteses sobre a formação do habitus profissional, Moura (2004) reforça que, nos espaços de prestação de assistência, persistem as relações tradicionais entre mestre e discípulo e, a partir da atuação do professor, estrutura-se o habitus médico, o padrão de distinção

entre médicos e não médicos, cujos mecanismos de formação não estão na escola formal de medicina e sim no seu outro lado, em uma escola paralela, em sua “face reversa”, que ensina o aluno a ser médico.

É particularmente importante para o nosso trabalho abordar a formação do médico e sua interação com o paciente, uma vez que a plataforma *DocCom* visa a ensinar os graduandos em medicina a se comunicarem com o paciente de forma efetiva e empática, e nesse ponto específico, Moura (2004) explica que o aprendizado da comunicação clínica está na fórmula ouvir-ler-escrever-falar, não havendo necessidade de se obedecer a essa ordem. No hospital-escola, o aluno precisa se comunicar com paciente e ele passa de observador para um sujeito ativo no processo e suas abordagens junto aos pacientes estruturam sua interação com eles. Nessa etapa, o médico em formação começa a frequentar as discussões sobre os relatórios de casos clínicos, em que sua atuação junto ao paciente deve ser registrada e compartilhada com a equipe de assistência no “idioma médico castíssimo”, nas palavras do autor. Esse exercício constante faz com que o estudante passe a objetificar o paciente, pois para ascender em competência profissional e acadêmica, junto aos pares, o trabalho médico deve prevalecer e não a entrevista e o exame da pessoa do paciente em si, ou seja, toda a parte subjetiva dá lugar ao objetivismo médico e o paciente passa a representar um documento médico a ser discutido, julgado e sentenciado a um tratamento terapêutico. De acordo com Moura (2004, p. 83), “A ênfase é posta na doença, na lesão, no tecido orgânico acometido, na alteração da fisiologia ou da anatomia normal. A pessoa, ao invés, é formulada como um mero sítio da doença”. Quanto à posição do estudante diante da equipe acadêmica, o autor esclarece:

Em última análise, os estudantes são treinados a “objetivar” o subjetivo em termos médicos, para auxiliar na tomada de decisão terapêutica que, como já foi dito, nunca é isenta de riscos. Seu caráter arbitrário determina na equipe uma hierarquia, baseada no conhecimento e na experiência em clínica ou cirurgia, nunca em termos de conhecimento sobre a experiência específica daquela pessoa ou de sua vivência subjetiva do episódio mórbido. Por ter tido que conviver com o doente, muitas vezes o estudante pode não concordar com a escolha da técnica a ser empregada, do tratamento a ser instituído. Esta discordância raramente é manifesta. Constrangido com o fundo da cena montado, o estudante atribui espontaneamente sua posição contrária à sua falta de experiência e de conhecimento médico e se cala [...]. (MOURA, 2004, p. 83-4).

O pesquisador na área médica acrescenta que a educação em medicina autoriza e legitima essas práticas, contribuindo para o estabelecimento das relações de poder, e que a adesão e a submissão dos alunos aos princípios e valores, que estruturam os programas e o currículo educacional, são condições primordiais para que o aluno se ajuste ao campo médico, adotando os valores profissionais, incorporando uma ideologia e conquistando o

reconhecimento, ao longo de seu treinamento, dos professores e instrutores. Esse ajuste à cultura da profissão e ao habitus profissional, vinculado a atitudes e disposições adquiridas num processo de socialização, é importante para que o estudante logre sucesso futuramente, em termos de oportunidades de trabalho e respeito dos pares. Assim, a educação médica, por sua vez, segue treinando e produzindo novos membros para garantir a manutenção e a reprodução dessa elite de profissionais.

Ao apresentar mais reflexões sobre o processo de formação em medicina, Moura (2004) argumenta que:

Dessa forma, constituída como um campo de poder, a profissão médica, como grupo profissional, é resultante de uma correlação de forças que, por sua vez, resulta de disputas internas e externas, que consagra uma elite profissional, que produz – como elementos de conservação da ordem e das relações sociais estabelecidas – uma institucionalização, constrói uma burocracia e estrutura um sistema de ensino que, apesar de estar alojado no interior do sistema de educação acadêmico formal, tem compromissos ideológicos com uma cultura profissional que deve ser salvaguardada acima de tudo.

Os agentes encarregados de operar esse sistema são membros da elite profissional, que se submetem a programas muito extensos e intensos de educação aprofundada e continuada, ao longo do qual, a cada etapa, a par de aprofundarem seus conhecimentos e habilidades – sua perícia, enfim – tinham de renovar a sua profissão de fé nos valores profissionais e em outras modalidades de elementos estruturais da ideologia de conservação dessa cultura e, assim, da inviolabilidade das estruturas de poder constituídas no interior desse campo.

Em outras palavras, tinham de burilar, lapidar e polir um cintilante habitus profissional médico. (MOURA, 2004, p. 91).

Embora Moura (2004) discorra sobre a formação de um habitus médico de forma generalizada, ele ressalta que a incorporação de um habitus profissional não se dá de maneira uniforme e igual para todos. Ela varia a partir da percepção e da forma de apreender a realidade de cada agente juntamente com estruturas a que foi exposto, suas experiências, vivências, os ambientes de ensino e, principalmente, marcada pela atuação de outros agentes que atuavam como professores e traziam também as suas experiências para o local do aprendizado. Diante do exposto, o autor atribui ao professor de medicina a responsabilidade pelas atitudes, comportamentos e escolhas práticas dos alunos no decorrer da incorporação de seu habitus profissional.

Corroborando as constatações de Moura (2004), Varpio (2013), na aplicação de Bourdieu na área da pesquisa em educação médica, propõe um exemplo de que as faculdades de medicina seriam os agentes dentro do campo da educação médica, por estarem sempre em busca de poder e competirem pelo capital acadêmico (ex.: alunos com alto desempenho), capital econômico (ex. subsídios governamentais) e capital simbólico (ex.: sua posição nos rankings).

Segundo a pesquisadora, os valores, prioridades e programas curriculares de cada escola de medicina acabam sendo afetados por essas competições e as diferenças sendo mantidas nos alunos (na formação de seu habitus).

Segue o mesmo raciocínio o estudo conduzido por Balmer *et al.* (2014) que contou com a participação, em forma de entrevista, de alunos que ingressaram na faculdade de medicina em 2010 e se formaram em 2014, em uma escola médica norte-americana. A proposta de pesquisa dos autores buscava aplicar o modelo de Bourdieu à graduação em medicina que representaria, então, o campo, o espaço social com o qual os aspirantes a médicos devem se acostumar rapidamente, compreender os recursos e posições sociais que representam os valores, o capital, e contar com suas disposições subconscientes, o habitus, para adquirir esses recursos e uma posição social. “Ao fazê-lo, os estudantes simultaneamente reforçam a estrutura (i.e., o arranjo do campo e do capital valorizado nele) e as práticas valorizadas nele” (BALMER *et al.*, 2014, p. 2)¹².

Os autores propuseram examinar as transições vividas pelos alunos da graduação para analisar os diferentes de aspectos da vida social desses alunos que moldariam suas experiências. Nos achados do estudo referentes à fase pré-clínica, a autora e colaboradores puderam constatar que, ao ingressarem na faculdade de medicina e passarem por uma grade curricular pré-clínica intensa, os estudantes visam adquirir capital na forma de conhecimento médico e saber realmente como aplicá-lo para mostrar seu desenvolvimento como médicos. Nessa fase, os graduandos em medicina também ganham experiência com atividades extracurriculares e no sistema de saúde e contam com disposições de iniciativa e flexibilidade para conquistar o capital; alguns já trazem tais disposições consigo como parte de seu habitus pessoal, enquanto outros desenvolvem essas atitudes ao experimentarem as transições durante o processo de formação. Já os achados da fase clínica mostraram que, com a transição da fase pré para a fase clínica, os componentes do campo mudavam e a escola em si daria lugar à realidade do trabalho no sistema de saúde, buscando adquirir capital em forma de construir uma reputação ao prover cuidado ao paciente com excelência. Já na fase final da graduação, o preparo para a residência médica, a estrutura social da escola médica começaria se diferenciar quanto ao interesse entre a especialidade médica e a especialidade cirúrgica, além de adicionar temas como a segurança do paciente; contudo, na fase em questão, o campo apresentava um ambiente com menos apoio, mais competição e maior necessidade de distinção em busca de conquistar capital em forma de

¹² No original, “In so doing, the students simultaneously reinforce the structure (i.e., the arrangement of the field and of the capital valued therein) and the practices valued therein [...]”.

notas, cartas de recomendação e experiência na pesquisa. Na conclusão do artigo, Balmer e colegas (2014) explicam:

[...] usamos o modelo teórico de Bourdieu para situar nosso entendimento das questões locais em uma faculdade de medicina dentro de um contexto social mais amplo e, muitas vezes, despercebido. À medida que os alunos passam pelas fases da escola médica, sua compreensão do campo da graduação em medicina evolui. As percepções dos estudantes quanto à importância dos diferentes tipos de capital variam a cada fase; ao contrário das disposições pessoais com as quais eles contam para adquirir capital que são relativamente consistentes. (BALMER et al., 2014, p. 12)¹³.

Nota-se mais uma vez as relações sociais em um campo competitivo em que os agentes estão sempre em busca de estratégias, necessárias para cada fase, para conquistar um determinado tipo de capital para garantir seu sucesso no futuro e sua distinção.

Outro estudo no contexto brasileiro, feito por Gomes e Rego (2013), discute a transformação da formação dos profissionais de saúde com foco na mudança dos métodos de ensino, adotando as contribuições teóricas de Bourdieu. Ao relacionar os conceitos bourdieusianos ao campo da formação médica, os autores justificam que se trata de um campo bem organizado para a aplicação do modelo do sociólogo francês, uma vez que se considera a medicina um espaço socialmente estruturado em que os agentes, a saber, os médicos e os estudantes em formação, seguem regras e princípios que regulam esse campo. Nesse espaço, os agentes com maior acúmulo de capital, seja de capital cultural ou capital social, ao longo do processo de socialização profissional, ganharão reconhecimento, fama e dignidade. Todavia, os agentes também competem nesse campo, nas palavras de Gomes e Rego (2013), como uma “arena de batalha”, e essas batalhas mostram os diversos tipos de poder e posições, estruturando as relações de forma subordinada mediante uma autoridade legitimada que o próprio sistema reproduz. Como exemplo disso, os autores mencionam a posição do professor frente aos alunos que o acompanham sempre cientes da experiência clínica do docente, de seu capital cultural e simbólico adquirido com seus anos de experiência e, assim, assimila os conceitos do campo, suas regras, seu funcionamento, para a construção de seu habitus médico. Para os autores, os docentes, com os diplomas, prestígio e fama conquistados, são os representantes da ideologia dominante e responsáveis pela reprodução social dessa prática e perpetuação de determinados valores, regras e julgamentos, dentro do campo da educação médica. Portanto, Gomes e Rego

¹³ No original, “[...]we used Bourdieu’s theoretical model to situate our understanding of local issues at one medical school within a broader and oft-overlooked social context. As students journey through phases of medical school, their understanding of the UME field evolves. Students’ perceptions of the importance of different kinds of capital vary from phase to phase; in contrast, the personal dispositions upon which they rely to gain capital are relatively consistent”.

(2013) defendem que uma mudança pedagógica, focada apenas na grade curricular, não seria suficiente para mudar o perfil dos alunos que ingressam no curso de medicina sem mudar o perfil dos agentes (professores e profissionais) que atuam no campo.

Ao encontro dos trabalhos expostos aqui, Brosnan (2009) também defende que apenas uma mudança na grade curricular não acarretaria a mudança das atitudes dos médicos em formação e os valores reproduzidos no âmbito organizacional, uma vez que a educação médica perpassa uma complexa estrutura de instituições, como a faculdade, hospitais, profissão médica e o sistema de saúde. Ao propor a aplicação de uma abordagem sociológica na pesquisa sobre a educação médica, a pesquisadora também toma a educação médica como um campo e traz a proposta de Bourdieu de que a educação é um meio essencial para a reprodução do habitus e para a estruturação do campo. A autora defende que uma análise bourdieusiana proporciona uma nova maneira, e mais coerente, de se entender como funciona a educação médica, ao focar as relações entre instituições e agentes e entre o habitus e o campo. Nas palavras de Brosnan (2009), “o trabalho de Bourdieu tem o potencial de mover a sociologia da educação médica para além da falsa divisão entre as experiências dos alunos e as estruturas organizacionais que as impregnaram até hoje” (BROSNAN, 2009, p. 66)¹⁴.

Além disso, a pesquisadora apresenta as constatações de Good e Good (1993, *apud* Brosnan, 2009) do conflito existente no discurso da competência e do cuidado, embora os alunos queiram dominar a competência (associada à linguagem científica, ações e valores baseado em fatos, conhecimento e técnicas) e o cuidado (associado a valores, relacionamentos, atitudes, compaixão e simpatia), a formação médica acaba favorecendo a competência em detrimento do cuidado. Brosnan (2009) afirma ainda que, ao se estudar o habitus médico, é possível identificar dois problemas: o estresse que os estudantes sofrem em todas as fases com relação ao seu papel profissional e a prevalência da competência sobre as disposições do cuidado ao paciente.

Com um objetivo diferente, mas ainda tendo como ferramenta os conceitos de Bourdieu na formação do habitus médico e na conquista de capital, Olsson e colegas (2019) desenvolveram um estudo estruturado a partir de entrevistas com participantes que estavam na fase de formação na especialidade médica, na Suécia, com vistas a entender no que se constituiria o status e o prestígio no campo da medicina e como isso influenciava a escolha da especialidade médica. Olsson e colegas (2019) apresentaram os achados do estudo, sugerindo

¹⁴ No original, “Bourdieu’s work has the potential to move the sociology of medical education beyond the false division between student experiences and organizational structures that has plagued it so far”.

que cada especialidade médica teria um status social diferente, por exemplo, no campo do poder, a especialidade cirúrgica era a que carrega mais prestígio social enquanto à psiquiatria e geriatria se atribuía um status social inferior.

Em suma, neste subitem, buscou-se apresentar autores e estudos que dessem conta de refletir quanto à formação do habitus médico, as relações de força que operam no campo da educação em medicina e os capitais envolvidos nele a fim de oferecer entendimento sobre as organizações e os agentes sociais, uma vez que nada está fora de um contexto, tampouco a tradução de textos especializados. Assim, ainda que não seja de forma teórica e cientificamente estruturada, o agente tradutor adquire conhecimento e vivência no campo, em que atua na prática tradutória, e busca se situar e compreender as relações, os agentes e as regras daquele “jogo” para desempenhar o seu papel de mediador.

3.4 Traduzindo para o campo da medicina

Em consonância com a proposta deste estudo de alinhar bases teóricas para entender os diversos aspectos que perpassam a atividade tradutória, apresentamos algumas aplicações da teoria da prática de Pierre Bourdieu tanto no campo da tradução quanto no campo da medicina, especificamente na educação médica, uma vez que essa sociologia da prática pode ser aplicada a diversas áreas de pesquisa quando se tem a finalidade de entender como funciona um campo e como atuam os agentes pertencentes a ele.

Apresentar esses conceitos aplicados à área da medicina é condição *sine qua non* para que nosso estudo possa ser bem-sucedido em mostrar a relevância do papel do tradutor como um mediador do conhecimento que transita entre o campo da tradução e o campo para que se traduz, uma vez que, como argumenta Gouanvic (2007), o tradutor técnico está mais vinculado ao campo para que traduz, e que nosso objeto de estudo, a plataforma educacional *DocCom*, se insere na área da educação médica. Ainda mais quando a proposta pedagógica da plataforma preconiza justamente o rompimento com as práticas de objetificação dos pacientes, a posição de superioridade do médico frente ao paciente e aos familiares e a falta de empatia e humanização na atenção médica, em busca de um cuidado integral e adesão do paciente à intervenção terapêutica.

Para tanto, faz-se mister que o tradutor encarregado de atuar nessa área esteja ciente da estrutura do campo e da interação dos agentes vinculados a ele para fundamentar suas interpretações, escolher suas estratégias e embasar suas escolhas. Para ilustrar essa questão de

forma mais tangível, podemos dar exemplos concretos da complexidade que o tradutor pode enfrentar ao agir nesse campo, como lidar com as barreiras da linguagem que os médicos usam para se comunicar com os pacientes, como traduzir as formas de tratamento entre os agentes, os jargões, os processos, a estrutura e os conflitos da área, além de uma terminologia dentro de um contexto dedicado à vida humana, lembrando que o tradutor também traz aspectos subjetivos em seu habitus profissional e pessoal e, muitas vezes, tem que lidar com temas de alta sensibilidade e carregados de angústia como morte e doenças que ameaçam a vida e causam sofrimento físico e emocional aos seres humanos acometidos por elas.

Portanto, temos então mais uma demonstração de que a tradução atravessa outros campos e vai muito além do âmbito textual, sua atividade traz consigo aspectos que perpassam elementos cognitivos, sociais e culturais. Dessa forma, o próximo capítulo, provido de uma natureza mais prática, abordará mais essas questões a partir das discussões sobre o corpus do objeto de estudo e as estratégias de tradução.

4. Tradução e Ação

4.1 Uma virada performativa

Embora a abordagem funcionalista nos Estudos da Tradução, apresentada no primeiro capítulo, promulgue também a ideia da tradução como ação, há muitas ressalvas a essa teoria no que tange à questão da ética e responsabilização do tradutor, uma vez que os autores funcionalistas propõem que a ética estaria baseada nos ditames do cliente (Esteves, 2014, p. 25). Além disso, segundo Pym (1996), as teorias orientadas pela função esbarram em uma confusão quanto à definição de suas pretensões, se seriam elas de caráter normativo ou descritivo e se a responsabilidade do tradutor atrelada à função ofereceria de fato uma base para uma ética profissional, fazendo dos tradutores “mercenários” (nas palavras do autor) que batalham por qualquer propósito que poderia remunerá-los bem. Pym (1996) questiona ainda se a teoria funcionalista seria capaz de prever qualquer discernimento do que seria uma boa ou má função e entre estratégias tradutórias boas e ruins, já que tais questões não estariam relacionadas à ética, mas sim à competência do tradutor.

Ainda no tocante à ética e responsabilidade do tradutor, sob a ótica funcionalista, de que o que importa é a função ou o propósito desejado, Esteves alerta:

Fica escamoteada a questão de saber como o tradutor deve proceder quando discorda do cliente não apenas quanto ao modo de alcançar um propósito, mas quanto ao propósito em si. [...]

A expressão “o fim justifica os meios” em geral traz a ideia de que, se o objetivo é considerado nobre e positivo, não importa o modo como buscaremos atingi-lo – o que já é bastante discutível. No caso da argumentação feita por Nord com base em Reiss e Vermeer, o objetivo é considerado nobre e positivo de antemão, como se fosse garantido que todos os clientes têm objetivos louváveis (isso sem entrarmos na discussão do que seria considerado louvável e ético por diferentes grupos ou pessoas). (ESTEVES, 2014, p. 28).

Ainda que minha proposta de estudo e o próprio projeto de tradução do DocCom tenham nascido pela sua função e pelos agentes, aspectos abordados pelos teóricos funcionalistas, ao balizar a questão da ação, foi possível a reflexão de que o propósito de nosso projeto de tradução estava muito mais alinhado à abordagem performativa da tradução em sua dimensão de ato, que age e leva à ação, do que só à função ou propósito do texto de partida ou ao que os iniciadores (os docentes e coordenadores que seriam nossos clientes) esperavam da tradução. Todo o processo e reflexões desse desdobramento foram levados para uma dimensão maior que extrapolaria a tentativa da padronização de regras e categorização de agentes e tipos textuais da

teoria funcionalista ou uma falsa de ideia de controle de todo o processo e dos efeitos provocados pela tradução. Cada situação de tradução é única e está inserida em seu próprio contexto e permeada pelas próprias questões éticas, por isso torna-se difícil empregar uma regra, uma categorização ou uma receita ética que possa caber e se aplicar a todas as situações. E assim meu objeto de estudo estava representado, como uma situação única de tradução, primeiramente, por ser composto por vários tipos textuais, que deveriam receber tratamentos diferentes e específicos, e por não estar diretamente ligado a um interesse comercial específico, pois havia ali agentes diversos com objetivos diferentes e atuação diferente, além do fato de as tradutoras estarem a todo momento negociando as escolhas pensando no estrangeiro, no nacional, no contexto de recepção, nas ações do receptor, nas relações entre os agentes e instituições envolvidos, entre outros.

De modo, então, que a abordagem da performatividade da linguagem seria aquela que poderia explicar e respaldar melhor as estratégias, as escolhas, o processo e o papel do tradutor, partindo da premissa de que a tradução como um ato, uma ação, faz com que o tradutor seja responsável pelo que decide levar adiante na produção do texto de partida, assumindo um posicionamento e ponderando sobre os efeitos de suas escolhas, “abdicando daquela visão tradicional que entende o traduzir como atividade automática, passiva e de reprodução de significados estáticos que esperam apenas a modificação de sua forma” (Rezende, 2016, p. 130), questionando a perspectiva funcionalista da lealdade ao cliente, na qual o cliente falaria mais alto no processo tradutório. De acordo com a proposta austiniana, dizer é agir, traduzir é agir, a linguagem é uma ação e a linguagem não se pode controlar para poder ser leal ou não. O tradutor, como profissional da linguagem, age a partir de seu entendimento de que com a linguagem vêm os efeitos e as consequências e assim o profissional forma seus princípios éticos e pauta suas escolhas e estratégias sempre pensando na recriação e no objetivo do texto de chegada na difusão do conhecimento.

Em sua obra *Atos de tradução: éticas, intervenções e mediações*, Lenita Esteves (2014), a partir da teoria dos atos de fala propostos pelo filósofo da linguagem John Langshaw Austin, analisa várias instâncias da tradução tendo como pressuposto fundamental a performatividade da linguagem, considerando a tradução em sua dimensão de ato, ou seja, a tradução como ação tendo um caráter de ato performativo, que realiza ações e pretende produzir um determinado efeito no público de chegada. Ela propõe ainda que pensar e analisar as situações de tradução são exercícios que podem ajudar a entender melhor a tradução em ato, as ações de tradução, pois mesmo sendo a tradução uma atividade tão antiga, ela em muitos casos permanece ainda invisível e desconsiderada. O trabalho da autora convida então a revisitar as situações de

tradução e repensá-las sob um diferente ângulo de visão para trazer à luz os agentes quase sempre invisíveis e investigar a intencionalidades que norteiam cada ato de tradução. De acordo com Esteves (2014, p. 17), “Traduzir é uma ação que, além do efeito óbvio de produzir um segundo texto numa língua diferente, tem outros efeitos igualmente importantes e às vezes mais contundentes do que o próprio tradutor imaginaria”.

Na década de 1930, surge, na Universidade de Oxford na Inglaterra, um movimento chamado Filosofia da Linguagem Ordinária¹⁵, cujo maior defensor foi John Langshaw Austin (Rajagopalan, 1996). Rajagopalan nos apresenta J. L. Austin e seu legado da seguinte forma:

... a obra mais lida, comentada, e citada de Austin, e certamente a que mais influenciou os rumos da Lingüística nos últimos tempos, é *How to Do Things with Words*. Afinal, o nome do filósofo é imediatamente associado ao termo ‘atos de fala’, tema central das XII conferências proferidas na Universidade de Harvard nos E.U.A., cujos manuscritos (devidamente revisados postumamente) compõem os XII capítulos do livro. E, sem sombra de dúvida, o conceito de “ato de fala” está entre os conceitos mais fecundos dos últimos tempos, não só na área de Lingüística, mas em áreas conexas das mais variadas tais como a Psicologia, a Sociologia, a Teoria Literária, e, quem diria, a Economia e até mesmo o Direito - sem falar, é claro, da própria Filosofia. (RAJAGOPALAN, 1996, p. 107).

Na I Conferência que abre a obra *Quando dizer é fazer* (1990), Austin constata que durante muito tempo os filósofos acreditavam que o papel de uma declaração (do inglês, *statement*) seria “tão-somente ‘descrever’ um estado das coisas ou declarar um fato, o que deveria fazer de modo verdadeiro ou falso” (Austin, 1990, p. 21). Contudo, as sentenças que seriam aceitas como declarações por gramáticos e filósofos da linguagem passaram a ser discutidas se de fato seriam declarações, uma vez que muitos proferimentos que se assemelhavam às declarações não carregavam o objetivo de registrar ou transmitir informações sobre um fato, de modo que para Austin “nem todas as declarações verdadeiras ou falsas são descrições, razão pela qual prefiro usar a palavra ‘constatativa’” (1990, p. 23). A partir dessa premissa, nasce o conceito dos proferimentos performativos pelos quais não se pretende descrever o ato, mas sim fazê-lo, ou seja, realizando uma ação. Nos exemplos trazidos por Austin (1990, p. 24), temos o proferimento de que um homem aceita a mulher como legítima esposa na cerimônia de casamento, o proferimento de que alguém batiza um navio ao quebrar uma garrafa contra o casco e um proferimento de que um irmão lega ao outro um relógio na ocasião de um testamento. Nota-se que não há em tais proferimentos um valor de verdadeiro

15 De acordo com John Heil [1999, p. 635 apud Esteves, 2014, p. 37], a filosofia da linguagem ordinária, inspirada em Wittgenstein, defendia a ideia de que o significado de conceitos é fixado pela prática linguística.

ou falso, mas sim um dizer que, nas circunstâncias apropriadas e convencionadas, transforma-se em ação.

Na tentativa de sintetizar os conceitos do ato de fala performativo, proposto por Austin, Rajagopalan (1990), estabelece os passos importantes:

Primeiro, quando se percebe que no caso de um proferimento performativo como “Eu prometo que *p*” funciona do mesmo jeito mesmo sem a presença do prefácio “Eu prometo que...”, ou seja, desde que se obtenha uma série de condições concomitantes, o simples enunciar de *p* vale por um ato de promessa tão bem quanto à forma mais elaborada e explícita. O segundo passo consiste em reconhecer que, no fim das contas, o que vale mesmo é a obtenção das condições e não o dizer puro e simples de um conjunto de palavras, ou seja, o fazer, ao contrário do que se pensava, não está à mercê do dizer. Em terceiro lugar, dá-se conta que *qualquer* proferimento, independente de sua forma linguística, pode valer por um ato – isto é, até mesmo, o proferimento “*O gato está em cima do capacho*” pode valer por um ato, por exemplo, de asserção. Finalmente, como um quarto passo, chega-se à conclusão de que o constativo [...] nada mais é que um performativo que conseguiu se disfarçar muito bem e enganar muita gente durante muito tempo. (RAJAGOPALAN, 1990, p. 237-238)

Alinhando a abordagem de Austin à perspectiva teórica da tradução como ação, dando à tradução um caráter performativo, Esteves (2014) apresenta as quatro “famílias” de atos de tradução, a partir de um estudo de casos colhidos em outros trabalhos e publicações. O primeiro grupo de família apresentado, mais relevante para nosso estudo, são os atos de tradução como difusão do conhecimento, investigando basicamente duas áreas: a tradução de textos religiosos e textos científicos, abordando também casos diversos que refletem diferentes éticas de tradução. A segunda família apresentada pela autora se define pela imersão na textualidade, em que os tradutores exploram as minúcias do texto e as possibilidades de tradução e interpretação e parecem traduzir por um desejo pessoal ou experiência estética de recriação. A terceira família aborda os atos de tradução como enriquecimento de línguas e culturas; basicamente, quando um determinado grupo julga sua língua e cultura como inferior à de outrem, há um esforço de se imitar os modelos estrangeiros, tendo como resultado o acréscimo de características e traços de que aquela determinada língua não dispunha. Ao apresentar, então, a quarta e última família, a estudiosa discute a tradução como intervenção política, dentro de uma conjuntura pós-colonialista, que está ligada ao confronto de línguas e culturas entre dominadores e dominados.

Ao apresentar a teoria de Austin sobre os atos de fala e performatividade, Esteves (2014) informa que Austin faleceu prematuramente e não chegou a publicar nenhuma obra. O livro *How to Do Things with Words*, fruto de sua teoria, é, na verdade, um compilado póstumo, a partir das notas do filósofo e dos registros feitos pelas pessoas que assistiram às 12 palestras

ministradas na Universidade de Harvard, tentando manter na obra o tom de humor e irreverência de Austin e as referências literárias.

Quanto à questão da performatividade da linguagem, dentro da proposta de Austin, a autora retoma a explicação de que existem dois tipos de enunciados, o constativo (enunciados que representam apenas simples afirmações ou declarações) e o performativo, o enunciado que ao ser pronunciado realiza uma ação, como por exemplo, ao proferir o enunciado “Eu te batizo”, um padre, com o poder nele investido e com autoridade própria tal, realiza a ação de batizar uma pessoa. Porém, para que esse enunciado seja um ato de fala performativo, deve existir um procedimento convencionalmente aceito pelas pessoas, dentro de determinadas circunstâncias, ou seja, de acordo com o exemplo, as pessoas devem conhecer o ritual e a importância do batismo dentro daquela religião, além de reconhecer o poder investido na figura do padre, para que, na ação de proferir as palavras, o padre possa de fato realizar a ação.

Além das definições dos enunciados constativos e performativos, Esteves apresenta também as dimensões dos atos de fala:

Na oitava das 12 conferências que compõem *How to Do Things with Words*, tendo problematizado de muitas formas a distinção *constativo/performativo*, Austin propõe outra classificação, que não anula a anterior, mas de certa forma se sobrepõe a ela: os atos de fala se compõem de três dimensões: uma *locucionária* (o proferimento em si), uma *ilocucionária* (o que se realiza ao fazer o proferimento, por exemplo, advertir alguém sobre algo) e uma dimensão *perlocucionária* (a consequência do ato realizado em suas dimensões locucionária e ilocucionária, por exemplo, ao advertir alguém, posso convencer essa pessoa a não tomar determinada atitude). Tendo estabelecido que as declarações [*statements*] possuem também uma dimensão ilocucionária, pois afirmar é igualmente realizar um ato, Austin reafirma essa ideia, já na 11ª conferência, insistindo mais uma vez na necessidade de analisar um ato de fala em seu contexto mais amplo... (ESTEVES, 2014, p. 39).

No que tange à tradução, na extensão da dimensão de ato de fala, deve-se analisar as situações de tradução levando em conta o contexto da ação tradutória. Para a autora, a proposta austiniana de introduzir uma noção de famílias de performativos é útil para pensar as várias formas de tradução. Assim, poderia ser uma tarefa simples identificar um ato de fala performativo como quando um enunciado ao ser dito produz uma ação, assim como poderia parecer simples definir o que seria tradução, uma reformulação de enunciado produzido em uma língua em outra língua. Contudo, ao se analisarem as famílias dos atos de fala, vê-se que é difícil propor uma classificação e sempre surge um novo caso que põe em risco a tentativa de agrupamento. É o que também acontece com a tradução e as suas variantes, que seriam a adaptação, reescrita, recriação, entre outras: separar em grupos é uma tarefa complexa. Mesmo que se adote um parâmetro, ele acaba sendo passageiro e mutável, e assim toda classificação

acaba incorrendo em um problema de limites e indefinições. Portanto, segundo Esteves (2014), o conceito de tradução, bem como o conceito de língua, é culturalmente determinado e não há um traço universal presente em todas as classificações do que seja a tradução. Há que considerar cada língua em seu funcionamento, seu meio e as práticas sociais envolvidas.

A primeira família de atos de tradução apresentada por Esteves (2014) é a tradução como difusão de conhecimento. É importante frisar aqui que esta é a única família que será abordada em detalhes em nosso trabalho. Sabe-se que a difusão do conhecimento muito depende da tradução, seja o conhecimento a partir de textos religiosos como de textos científicos. Para introduzir reflexões sobre essa família de atos de tradução, a autora se apoia em autores como Scott L. Montgomery e Peter Burke, ambos interessados no papel das línguas na transmissão de textos científicos. De acordo com Montgomery (2000 *apud* Esteves, 2014), a tradução está envolvida em todos os níveis de produção e conhecimento científico e tem um papel crucial na história do conhecimento. A autora destaca que ao abrirmos uma obra de autoria de Aristóteles, por exemplo, não imaginamos todo o caminho percorrido e toda a transformação que os textos sofreram para chegar até os dias atuais e nem todos os recursos humanos envolvidos nos processos de tradução das obras, como por exemplo os copistas, os tradutores, entre outros. Também toda a evolução dos recursos físicos que serviam para o registro escrito das obras passa hoje despercebida, desde o uso da argila, do pergaminho até o surgimento do papel, o que também gerou grandes transformações no caminho do conhecimento.

Esteves (2014) traz ainda a popularização científica como outra instância da tradução. De acordo com Montgomery (*apud* Esteves, 2014, p.21-22) na história do conhecimento da Antiguidade, havia duas vertentes de disseminação do pensamento grego: os tratados matemáticos e obras filosóficas de pensadores gregos que recebiam um tratamento mais sofisticado, já que se destinavam a outros pensadores, e a corrente de versões mais simplificadas, que disseminariam o conhecimento grego para a República e o Império Romano, sob a forma de manuais.

Ainda dentro da perspectiva de Montgomery, a autora tece alguns comentários sobre o que o autor chama de era da tradução romana, com enfoque em dois pontos importantes que seriam “o modo como uma tradição cultural molda e determina as escolhas do que se deve traduzir e de como traduzi-lo, bem como a incompatibilidade entre as línguas em termos de níveis de especialização e riqueza vocabular” (ESTEVEVES, 2014, p. 98). Uma prática de tradução ganhou força entre os romanos, que seria uma ligação maior com a retórica e um certo grau de despreocupação com a exatidão de vocabulário, muitas vezes, privilegiando-se o enriquecimento da língua latina e embelezamento do texto. Como exemplo, a autora apresenta

a tradução de Cícero dos *Phaenomena* de Arato de Solos, um poeta grego que viveu entre 315 e 240 a.C., em que os termos astronômicos (e devemos ressaltar que os gregos haviam desenvolvido uma linguagem especializada na astronomia), presentes na poesia, eram empregados com menos especificidade e rigor na tradução para termos latinos. A título de ilustração, o termo para estrelas fixas no grego era *astron* e a palavra grega para planeta foram traduzidos por vários substantivos como *stella* (que poderia significar estrelas, cometas ou outros corpos brilhantes), ou ainda termos como *stella vagae*, *sidera*, *sidus*, que eram empregados para qualquer corpo celeste. Embora a tradução de Cícero represente uma tendência de tradução da época, não significa que os romanos não tenham importado muitos termos gregos e até mesclado com radicais latinos. Como reforça a autora, todo o processo se reflete na própria constituição das línguas que contam uma história de empréstimos, hibridações e influência de culturas (ESTEVEES, 2014, p. 100).

Quanto à popularização da ciência na contemporaneidade, o acesso à instrução e à cultura promoveu a criação de materiais que explicassem a complexidade dos conceitos teóricos e ideias ao público leigo. O surgimento do livro didático também garantiu que o conhecimento não se restringisse apenas ao grupo de especialistas.

Segundo Esteves (2014), tanto a divulgação científica quanto o ato tradutório envolvem limites e questões que vão além do que é possível de se transmitir. Quanto ao ato tradutório em si, a autora argumenta que:

Colocar em contato línguas e culturas diferentes é o que a tradução faz. Criar enunciados em uma língua que possam substituir ou representar enunciados que foram produzidos em outra língua é a tarefa a que se propõe a tradução. Mas, justamente, por causa da diferença entre as estruturas das línguas, essa substituição e essa representação têm um limite. Mesmo que, por exemplo, um traço cultural possa ser explicado, talvez ele não possa ser apreciado ou vivido como o seria por uma pessoa pertencente à cultura em questão. (ESTEVEES, 2014, p. 104)

Dessa forma, a estudiosa alega que a tradução existe para cumprir um propósito que nunca poderá cumprir completamente, haverá sempre particularidades de uma língua e cultura que representarão desafios para o tradutor.

Esteves (2014) também traz observações relevantes sobre a tradução científica no Renascimento, no período que marca o final da Idade Média. De acordo com Burke (*apud* Esteves, 2014, p. 113), “a tradução de textos foi central para os grandes movimentos culturais da Europa Moderna”. Segundo Isabelle Pantin (*apud* Esteves, 2014), em quem também se apoia Esteves, a tradução à época partia de diferentes motivos e era destinada a diversos tipos de

públicos, expressando duas tendências: a tradução de textos em grego e latim para as línguas vernáculas e as traduções no sentido inverso, da língua vernácula e do grego para o latim.

Além dessa tendência, depois de traduzidos para o latim, os textos também eram traduzidos em outras línguas vernáculas. Pantin (*apud* Esteves, 2014, p. 114) ressalta que a finalidade dessas traduções era difundir o conhecimento de profissionais para profissionais quanto às enfermidades mais comuns e perigosas. Pelo caráter prático de tais traduções, elas poderiam sofrer alterações que se justificariam pela necessidade de clareza e exaustividade do assunto. As versões latinas, em geral mais extensas, e em língua vernácula, mais curtas, circulavam concomitantemente, porém estavam destinadas a públicos diferentes, dependendo da área, as obras em filosofia e matemática tinham a tradição da escrita em latim, enquanto na medicina, as obras em língua vernácula eram mais bem recebidas. Para exemplificar o tipo de obra para diferentes públicos, Pantin (*apud* Esteves, 2014, p. 114) menciona a obra *Advancement of Learning* de Francis Bacon de 1605 que teve uma versão modificada e estendida quando publicada em latim como *De augmentis scientiarum*, a obra em inglês estava destinada ao rei e a sua corte e a obra em latim, a filósofos profissionais.

Muito embora Burke (*apud* Esteves, 2014, p. 115) saliente a importância da tradução para os movimentos culturais europeus na Renascença, Pantin (*apud* Esteves, 2014) frisa que a tradução das obras científicas era um fenômeno à margem sem importância econômica, uma vez que não satisfaziam a necessidade de um mercado e afirma que a maioria das traduções era feita para o latim, com o intuito de conferir maior status à obra. Esteves (2014) retoma afirmando que, fenômeno marginal ou não, a obra passava a ser lida por mais leitores de diferentes grupos e culturas e isso, sem dúvida, teve grande importância para a difusão da ciência na Europa renascentista.

Mencionemos agora tradução de textos religiosos, ainda dentro da primeira família de atos de tradução na difusão do conhecimento. Em suma, Esteves (2014) apresenta exemplos de traduções e adaptações da Bíblia, em que foram empregadas estratégias que se preocupavam em aproximar o leitor do texto com substituições culturais, temporais e geográficas, além do emprego de gírias e linguagem acessível, e, em contrapartida, outras estratégias privilegiavam tradição da tradução “palavra por palavra”.

Refletir sobre a tradução na difusão do conhecimento é de suma importância dada a natureza deste trabalho, uma vez que nosso objeto de estudo tem caráter científico e teve sua disseminação em língua portuguesa a partir da tradução. Os aportes de Austin, desenvolvidos por Esteves (2014), configuram a tradução como ação, conferindo a ela um status performativo, em que se produz um efeito no receptor. Dizer é fazer, então, traduzir também é fazer e agir na

expectativa de se guiar pela função do texto no intuito de atender à necessidade daquele a quem se destina a tradução, do (s) receptor (es).

Contudo, o ato tradutório está sempre permeado pelos limites impostos pelas diferenças linguísticas e culturais. Cada língua em sua estrutura possui particularidades que apresentam desafios quando se pensa em reproduzi-las em uma outra língua. Da mesma forma que a cultura de um povo é intrínseca à sua história, língua e características, e pode apresentar situações difíceis de se transmitir em um texto traduzido. As marcas socioculturais devem ser reconhecidas pelo tradutor, que detém o conhecimento da língua e da cultura de partida e da língua e cultura de chegada, e com base na função estabelecida para o texto, esse profissional pode fazer escolhas e adotar estratégias para transmitir o conhecimento.

Destarte, partindo dessa visão da tradução como função e ação, vemos que a prática tradutória vai além dos domínios do texto, ou seja, os domínios intralinguísticos. O tradutor em ação está a todo momento do ato tradutório lidando com questões extralinguísticas de natureza social e cultural.

5. Cenas de análise

A fim de consolidar a proposta deste estudo acadêmico, os capítulos anteriores apresentaram as linhas teóricas que norteiam a iniciativa de se compreender melhor a natureza e o caráter prático do nosso objeto de estudo. Já a finalidade deste capítulo é discorrer detalhadamente sobre o objeto de estudo e trazer exemplos para desenvolver a discussão sobre os elementos presentes em uma específica prática tradutória, corroborando os subsídios teóricos já descritos.

5.1 O *DocCom*

O *DocCom* é um recurso educacional on-line composto por 42 módulos cujo objetivo é contribuir com a formação estudantes de medicina com enfoque no ensino de habilidades de comunicação para a construção e consolidação da relação médico-paciente, a partir de uma abordagem de um cuidado mais humanizado e focado no paciente.

Esse recurso inovador destinado à educação médica teve início no ano de 2008, nos Estados Unidos, e foi uma produção acadêmica da Drexel University College of Medicine, escola de medicina nacionalmente conceituada que atua na área de ensino e pesquisa, localizada na Filadélfia, no estado da Pensilvânia, que atualmente conta com aproximadamente 900 alunos e 2.700 colaboradores (<https://drexel.edu/medicine>), em parceria com a Academy of Communication in Healthcare (ACH), associação estadunidense de especialistas na comunicação em saúde, situada em Lexington, Kentucky (<https://www.achonline.org/>) e com apoio da The Arthur Vining Davis Foundation, instituição privada estadunidense de fomento à pesquisa (<https://www.avdf.org/about/>).

A plataforma educacional *DocCom* foi desenvolvida por profissionais da Drexel University em colaboração com especialistas de outras universidades estadunidenses e internacionais. Esse recurso educacional de multimídia é disponibilizado aos alunos, em formato de módulos, pela página <http://webcampus.drexelmed.edu/doccom/>. Os módulos são assinados por um ou mais autores e abordam temas diversos considerados relevantes para a formação do estudante de medicina, todos relacionados à comunicação com os pacientes e com os pares da área.

Cada módulo consiste em textos teóricos e vídeos demonstrativos, todos em língua inglesa, nos quais os próprios médicos/autores estão em cena junto aos atores (os quais são chamados pelos editores da plataforma de pacientes padronizados, geralmente, são os pacientes

tratados no contexto hospitalar da faculdade de medicina da Drexel que foram treinados para contribuir com os vídeos educacionais), explicando o tema, expondo a perspectiva do médico e do paciente, contextualizando e exemplificando as situações e as condutas da prática médica quanto à comunicação com pacientes terminais, dependentes químicos, crianças e adolescentes, colegas de profissão, valores éticos, entre outros.

Figura 4. Exemplos de interface do *DocCom Brasil*.

Olá Fernanda Udinal: [atividades](#) [account](#) [info](#) [log out](#)

doc.com Brasil

Annotated Video

MÓDULO 34 BEM-VINDO

- Fundamentação
- A Visão do Paciente
- A Visão do Médico
- Questões
- Conceitos Fundamentais
- Objetivo Aprendizagem

INTRODUÇÃO

- O QUE O PACIENTE QUER
- DANDO MÁS NOTÍCIAS
- PREPARAÇÃO
- HABILIDADES GERAIS
- FALANDO O PROGNÓSTICO
- DESCOBRINDO OBJETIVOS
- VÍDEO: cuidados paliativos
- VÍDEO: como lidar
- CUIDADOS PALIATIVOS
- DIZENDO ADEUS
- VÍDEO: cuidados paliativos
- CONCLUSÃO
- LISTA COMPORTAMENTOS
- REFERÊNCIAS

Created with TreeMenu
Show URL of this page

responda a emoção de forma verbal e não verbal
convide a paciente a falar sobre o que é importante
legítimo os sentimentos "ruins"

- inclua o marido
- procure confirmar as prioridades da paciente
ajude a família a ver a perspectiva da paciente
seja objetivo
- explique o que os cuidados paliativos podem oferecer
ajude a família a ver a perspectiva da paciente
- procure confirmas as prioridades da paciente
- talvez tenhamos que sugerir os objetivos
ofereça-se para interagir com a família e com outras pessoas importantes
- inicie a conversa sobre cuidados paliativos
- explique o que são cuidados paliativos
esclareça os próximos passos

é optando por um serviço de cuidados paliativos.

8:22 / 10:10

34: Comunicação perto do final de vida - por Dra. Muriel R. Gillick

prev home next

Olá Fernanda Udinal: [atividades](#) [account](#) [info](#) [log out](#)

doc.com Brasil

MODELO MÉDICO DE ABUSO DE SUBSTÂNCIA E DEPENDÊNCIA DE SUBSTÂNCIA PSICOATIVA

Os transtornos por uso de substâncias psicoativas são doenças crônicas, complexas, recidivantes e remittentes tanto na apresentação quanto na patogênese, resultando em morbidade e mortalidade significativas. Apesar das alterações neuroquímicas e da natureza crônica e recorrente dessas doenças, o tratamento é efetivo e a recuperação é possível, <http://www.drugabuse.gov/science/addiction>.

- Os transtornos por uso de substâncias psicoativas são caracterizados por busca compulsiva pela droga e seu uso, apesar de suas consequências físicas, psiquiátricas e interpessoais prejudiciais (9,10).
- As substâncias de abuso alteram a função cerebral, têm impacto em muitas condições de saúde e podem levar a importantes problemas de saúde pública, incluindo a transmissão de HIV, hepatite e tuberculose.
- O uso constante de substâncias psicoativas causa alterações bioquímicas e estruturais no cérebro, as quais limitam o autocontrole e resultam no abuso e dependência da substância, como definido na DSM IV-TR (ver texto abaixo com título "Critérios Diagnósticos"). As substâncias de abuso ativam agudamente e desregulam cronicamente as funções cerebrais de recompensa, em grande parte, pela via mesolímbica da dopamina. Estudos de imagem cerebral mostram alterações tanto na anatomia como na fisiologia em áreas reconhecidas como críticas para o julgamento, tomada de decisão, aprendizagem, memória e controle do comportamento (11). Veja também <http://www.drugabuse.gov/pubs/teaching/Teaching6/Teaching.html>.
- "Adição" é um termo comumente usado, mas, frequentemente, não específico. Neste texto, a "adição" é definida como uma doença cerebral crônica e recidivante, caracterizada por busca e uso compulsivo de droga, apesar do conhecimento de suas consequências prejudiciais. Pode incluir a dependência física, a qual é decorrente de alterações cerebrais associadas ao uso diário da substância que produzem sintomas nocivos (por exemplo: arrepios, tontura, estado hiperalerta, sudorese, tremor e confusão) quando as pessoas param de usá-la (isto é, abstinência). A abstinência é um poderoso estímulo para usar a droga novamente e os sintomas diminuem quando o uso é reiniciado. Entretanto, a dependência física não tem o mesmo significado que a adição.

Por favor, clique no botão de vídeo à esquerda para assistir ao Cliff, médico de família, falando sobre o uso que fazia de substância psicoativa e sobre como ele se tornou adicto.

- Os transtornos por uso de substâncias psicoativas têm etiologia multifatorial, incluindo a genética (que pode contribuir com 40-60%), alterações biológicas na função cerebral e transtornos psiquiátricos comórbidos preexistentes do Eixo I. Histórico familiar, social e eventos de vida também podem ser fatores etiológicos importantes. Entretanto, a maioria das pessoas que "experimentam" drogas ou álcool não desenvolvem transtornos por uso de substância.

Por favor, clique no botão de vídeo à esquerda para assistir à Michelle discutindo com certos aspectos de saúde mental a levarem à adição, e para assistir à Rhonda discutindo as circunstâncias complexas de sua vida que a levaram à adição.

- Os transtornos por uso de substâncias psicoativas são cofatores importantes para a violência na sociedade.
- O uso de substâncias psicoativas geralmente começa na infância ou adolescência, quando o cérebro continua a sofrer mudanças dramáticas. Uma das áreas cerebrais ainda em maturação durante a adolescência é o córtex pré-frontal – a parte do cérebro que nos possibilita avaliar situações, tomar decisões adequadas e manter nossas emoções e desejos sob controle – colocando os adolescentes em maior risco para tomar decisões inadequadas (tais como experimentar drogas ou continuamente abusar de seu uso). Além disso, o cérebro imaturo pode ser particularmente vulnerável a mudanças químicas causadas por drogas psicoativas, e, portanto, o uso de drogas pode aumentar o risco de abuso ou dependência em adolescentes e adultos jovens. Adolescentes que usam álcool ou outras drogas psicoativas, frequentemente também têm problemas acadêmicos e sociais, bem como encontros com o sistema de justiça criminal.
- Sintomas de abuso, dependência e abstinência de substâncias psicoativas podem imitar sintomas de transtornos psiquiátricos maiores.
- O tratamento funcional O tratamento possibilita que as pessoas retomem o controle sobre suas vidas e atua contra os poderosos efeitos disruptivos no cérebro e no comportamento causados pelo abuso ou dependência de substâncias psicoativas.
- As taxas de recidiva para o tratamento de transtornos por uso de substâncias psicoativas são similares àquelas de outras doenças crônicas como asma ou diabetes. Portanto, os transtornos por uso de substâncias psicoativas deveriam ser tratados como qualquer doença crônica, na qual a recidiva serve como gatilho para uma nova intervenção.

30: Avaliação Clínica de Transtornos por uso de Substâncias Psicoativas - por Barbara A. Schindler e Ted Parran

prev home next

Fonte: *DocCom Brasil*.

Em uma visita da profissional de tradução à Drexel e a partir das reuniões com os editores, foi possível entender como a plataforma era empregada no curso de graduação em

medicina daquela universidade. Os estudantes deveriam assistir e realizar as tarefas de avaliação dos módulos em casa e levar as dúvidas e os comentários para discussão em sala de aula com os docentes. As ferramentas e a metodologia de ensino da plataforma permitiam que os professores acompanhassem o desempenho dos alunos em cada atividade a partir dos recursos de avaliação de que dispunham todos os módulos. Neste contexto, a ferramenta servia como um recurso educacional extra que contribuía com a formação dos futuros médicos com ênfase no desenvolvimento das habilidades de comunicação efetiva e empática, de relacionamento, de autoconhecimento e de interação social junto aos pacientes e/ou colegas de profissão ou outros profissionais de saúde.

5.2 A metodologia do projeto de tradução

De acordo com Grosseman e Patrício (2011), não há atualmente, nas escolas brasileiras de medicina, uma padronização para o ensino de habilidades de comunicação que permita ensinar aos alunos como se estabelece a construção da relação médico-paciente. Normalmente, o ensino de habilidades de comunicação depende de iniciativas individuais das instituições, visto que ainda não há uma proposta nacional estruturada para o estímulo de sua implementação. Com isso, há a crescente necessidade de uma formalização do ensino e da adoção de recursos educacionais para esse fim. Diante da necessidade e inovações de propostas nos currículos dos cursos de medicina de outros países, muitas vezes, os docentes optam por importar recursos de ensino.

Foi justamente essa premissa que levou duas instituições brasileiras a se unirem para poder utilizar a plataforma on-line *DocCom* como recurso educacional, nos cursos de graduação em medicina, no Brasil, para o ensino de habilidades de comunicação para a relação médico-paciente.

O início da trajetória do projeto se deu, em 2011, pelo interesse do, à época, docente e coordenador da disciplina de comunicação com o paciente da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo (USP), em utilizar o *DocCom* durante suas aulas. Como o docente em questão também era diretor do Hemocentro de Ribeirão Preto, instituição ligada ao Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto que pertence à Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (FRMP-USP), ele solicitou à tradutora profissional, autora deste estudo e funcionária do Hemocentro de Ribeirão Preto, que ela entrasse em contato com os responsáveis pela plataforma *DocCom* para checar a possibilidade de usá-la naquela disciplina da FRMP-

USP. E a tradutora assim o fez, entrou em contato via e-mail com os desenvolvedores do *DocCom* a partir das informações de contato que constavam no site da plataforma.

Após um mês, os editores e responsáveis por esse recurso educacional on-line responderam ao e-mail da tradutora, alegando que já havia interesse e iniciativa, por parte de outros brasileiros, em traduzir para o português e disponibilizar o *DocCom* no Brasil e, então, pediram que a tradutora entrasse em contato com uma terceira pessoa, que viria a ser a médica tradutora, parceira e coordenadora desse projeto no Brasil. A médica tradutora era docente da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), desenvolvia pesquisa na área de comunicação médica e, naquele momento, estava ligada à Drexel para a realização de seu pós-doutorado sob a supervisão de um dos editores da plataforma.

A partir desse contato, após trocas de e-mails e ligações para definir como seria elaborado o projeto de tradução e como seria o acordo comercial para a cessão da licença de uso da plataforma, estabeleceu-se que o projeto de tradução do *DocCom* para o português incluiria apenas 12 módulos que seriam selecionados pelos docentes da FMRP-USP e UFSC e, assim, firmou-se um acordo legal entre o Hemocentro de Ribeirão Preto, a Universidade Federal de Santa Catarina e a Drexel University College of Medicine. O acordo dispunha da cessão da tradução do material em língua portuguesa em troca da licença gratuita às duas universidades por dois anos, para inclusão dos módulos traduzidos no currículo formal das universidades ou em disciplina eletiva. A ideia dos editores para tal parceria era comercializar a plataforma no Brasil, fato que até o momento, até onde se sabe, não se realizou por falta de uma estrutura comercial por parte da instituição estadunidense e também pela lamentável morte precoce de um dos editores da plataforma que era o responsável pela gravação e edição dos vídeos, desenvolvimento, edição, manutenção e acesso ao site.

É importante mencionar que, naquele momento, o Hemocentro de Ribeirão Preto contava com duas tradutoras profissionais que inicialmente estavam vinculadas ao projeto, porém uma delas teve uma contribuição parcial, por haver deixado a instituição no início do projeto.

Em julho de 2012, a convite da médica tradutora (que estava morando temporariamente na Filadélfia para o desenvolvimento de seu pós-doutorado), as tradutoras tiveram a oportunidade de viajar para a Filadélfia para se reunir com os editores, conhecer a Drexel University, suas instalações e recursos, além de trazer consigo todo o material que seria traduzido em um *pendrive*, uma maneira mais simples e prática, uma vez que havia um grande volume de textos e vídeos para ser transferido de forma eletrônica. Essa visita foi extremamente importante para as tradutoras, porque, além de conhecer as instalações da Drexel, a forma e os

locais onde eram feitas as gravações, elas puderam acompanhar por um dia a gravação de um vídeo, observando o passo a passo de produção. Certamente, ter vivenciado essa experiência contribuiu para auxiliá-las no entendimento de todo o processo e no trabalho de tradução dos módulos.

Figura 5. Fotos do estúdio de gravação dos vídeos do *DocCom* (arquivo pessoal da autora).



Fonte: acervo pessoal da autora.

A partir da visita ao estúdio, participação na gravação de um vídeo e reunião com os editores, foi possível entender, em detalhes, o processo de desenvolvimento de um módulo. Geralmente, um médico especialista no tema era convidado para elaborar e preparar o conteúdo de um determinado módulo, dentro de sua área de expertise. Cada módulo era estruturado em partes teóricas dispostas em textos e vídeos em que, salvo algumas exceções, o próprio autor entrava em cena como o médico especialista junto ao ator, no caso, o paciente padronizado que já havia recebido treinamento e instrução para sua performance no vídeo. Vale explicar aqui que os pacientes padronizados, geralmente, eram pessoas que recebiam atendimento e cuidados em saúde nos ambulatórios da Drexel College of Medicine e aceitavam voluntariamente participar das gravações e do projeto *DocCom*. Inclusive, alguns desses pacientes recebiam o devido treinamento para participar de simulações de atendimento, em outras ferramentas educacionais de avaliação daquela faculdade de medicina. Em interações presenciais ou on-line junto aos alunos da graduação, os pacientes padronizados seguiam um *checklist* para poder avaliar se o futuro médico havia cumprido os requisitos e demonstrado as competências exigidas, por exemplo, escuta atenta, legitimação do paciente, empatia, apoio, respeito, entre outras, em cada simulação. Ao final, o paciente atribuía uma nota ao estudante e oferecia um feedback quanto ao desempenho do futuro médico.

Na maioria dos módulos, na apresentação, havia um vídeo sobre a fundamentação inicial e introdução ao tema a ser desenvolvido, um vídeo que retratava a visão do médico sobre o tema e outro que mostrava a visão do paciente. Na sequência, seguiam os subitens textuais explicativos de natureza teórica e, a depender da individualidade de cada assunto e cada autor, havia um vídeo mais longo demonstrando a interação entre o médico e o paciente, além de possíveis vídeos adicionais. Em geral, as gravações dos diálogos não dispunham de roteiro a ser rigorosamente seguido, havia um preparo, um arranjo de tópicos a serem desenvolvidos a partir da condução do médico e reações esperadas pelos pacientes a fim de manter ao máximo a naturalidade da entrevista médica, como se fosse uma interação real. Os vídeos simulavam as entrevistas com os pacientes na prática, em forma de *role-playing*, mas de forma improvisada na tentativa de manter a veracidade e espontaneidade da situação de forma que os alunos pudessem entender aquela experiência como se ela fosse real. Contudo, nas situações em que algo desviasse do que havia sido planejado, a gravação era interrompida e a tomada da cena era refeita.

Para o projeto de versão da plataforma em língua portuguesa, 12 módulos foram escolhidos, em comum acordo, pelos docentes proponentes. Seguindo a numeração que acompanha os 42 módulos na plataforma original em língua inglesa e os títulos originais com a respectiva tradução em língua portuguesa entre parênteses, elencamos abaixo os módulos incluídos:

- *Module 06: Build a Relationship* (Construindo a relação);
- *Module 08: Gather Information* (Obtendo informações);
- *Module 10: Share Information* (Compartilhando informações);
- *Module 13: Responding to Strong Emotions* (Respondendo a emoções fortes);
- *Module 18: Exploring Sexual Issues* (Explorando as questões sexuais);
- *Module 21: Communication and Relationships with Children and Parents* (Comunicação e relacionamento com crianças e pais);
- *Module 22: The Adolescent Interview* (A entrevista com adolescentes);
- *Module 30: The Clinical Assessment of Substance Use Disorders* (Avaliação clínica de transtornos por uso de substâncias psicoativas);
- *Module 33: Giving Bad News* (Dando más notícias);
- *Module 34: Communication near the End of Life* (Comunicação perto do final de vida);

- *Module 38: Communication on Healthcare Teams* (Comunicação com equipes de saúde);
- *Module 41: Professionalism: Boundary Issues* (Profissionalismo: questões de limite).

O fluxo e a distribuição dos módulos para tradução eram acordados entre as responsáveis, mediante a disponibilidade de cada uma. No entanto, a parte da tradução dos vídeos e legendagem ficava exclusivamente sob a responsabilidade da tradutora profissional.

Após a tradução de cada módulo, a médica tradutora fazia uma revisão para verificar os termos técnicos e a adequação dos aspectos teóricos a serem ensinados naquele módulo para que fosse então liberado para edição na plataforma. Para edição na plataforma, o projeto contava com a colaboração de um técnico em recursos audiovisuais, também funcionário do Hemocentro de Ribeirão Preto. Após o módulo ter sido devidamente editado em sua versão em língua portuguesa, ele era encaminhado ao desenvolvedor e editor responsável da Drexel para inserção na plataforma criada para abrigar os 12 módulos, então, chamada *DocCom Brasil* (<http://piripirei.net/DocComBrasil/default.php>). Todas as alterações e atualizações, além da manutenção do site, ficavam a cargo do desenvolvedor da plataforma *DocCom* original. O acesso à plataforma era concedido às duas instituições envolvidas, seus docentes e alunos mediante autorização a partir da inserção de um e-mail e senha para *login*.

Figura 6. Interface do site para criação de conta e página inicial.

The screenshot shows the DocCom Brasil website interface. At the top, there are logos for AACH (American Academy on Communication in Healthcare), DocCom Brasil, and DUCOM (Drexel University College of Medicine). Below the logos, there is a navigation menu with links: [Oi](#), [Fernanda Udral](#), [utilidades](#), [account](#), [info](#), [log-out](#). The main heading reads "Bem Vindo ao DocCom.Brasil!". Below this, there is a login form with fields for "Login com o seu e-mail" and "e Senha", and a "submeter" button. A message below the form states: "Você precisa ter uma conta no DocCom.Brasil antes de fazer o login. Você deve [registrar-se aqui](#) para criar a sua conta." To the right, there is a section titled "ELEMENTOS ESSENCIAIS" with three module cards:

- 06 Construindo a relação**: Dr. Julian Bird, Kings College, London; Dr. Steve Cole, SUNY, Stony Brook
- 08 Obtendo Informações**: Dra. Beth Lowin, Harvard University
- 10 Compartilhando Informações**: Dra. Beth Lowin, Harvard University; With Doctoring Curriculum Facilitator Guide

Fonte: DocCom Brasil.

Uma vez que as profissionais encarregadas dos 12 módulos não se dedicavam exclusivamente ao projeto, trabalhando nas traduções e atendendo a demanda de suas rotinas habituais de trabalho, o processo de tradução e edição da plataforma na íntegra apenas foi concluído em 2018. É preciso mencionar aqui que as tradutoras ou demais profissionais

envolvidos no projeto da versão brasileira não recebiam nenhum tipo de remuneração além dos salários pagos pelas suas instituições de origem.

Apesar da delonga na conclusão da tradução da plataforma na íntegra, cada módulo era liberado assim que concluído para que os docentes pudessem utilizá-lo em aula. Diferentemente do emprego da plataforma no curso de medicina da Drexel, não temos conhecimento sobre a forma como os módulos eram utilizados na FRMP-USP e na UFSC, se os estudantes acompanhavam os módulos durante as aulas ou estudavam os módulos em casa, como na universidade estadunidense. É importante incluir a informação de que os recursos e ferramentas de avaliação, presentes na plataforma original, foram extraídos dos materiais destinados à tradução e criação da versão do *DocCom* em português, sob a justificativa de que não haveria como treinar devidamente os professores das universidades brasileiras para o emprego correto dessas ferramentas e o uso delas, sem a devida métrica e metodologia avaliativa, poderia haver um comprometimento da qualidade desse recurso educacional.

Como comentado no capítulo anterior, embora houvesse uma distribuição igual do trabalho e que se atribuísse o mesmo valor entre as tradutoras, a decisão final quanto aos termos, adequações e adaptações culturais, definição dos títulos, entre outros, pesava sobre a médica tradutora por ser ela a especialista da área. Os editores da plataforma original e os docentes das instituições, em nenhum momento, envolveram-se no processo de tradução ou ofereceram qualquer feedback sobre a tradução para língua portuguesa, tampouco fizeram questionamentos quanto aos prazos de entrega dos módulos ou da plataforma em língua portuguesa.

Como exposto acima, durante todo o percurso de tradução da plataforma *DocCom*, houve discussões e questionamentos com relação à adaptação de termos, entre a tradutora profissional e a colaboradora médica, em especial aqueles que faziam referência a um aspecto cultural da cultura de partida que aparentasse ser diferente na cultura de chegada. Inevitavelmente, era possível notar um certo choque entre os habitus da médica tradutora e da profissional de tradução, uma vez que ambas tinham leituras, interpretações e posicionamentos diferentes diante do texto de partida. Notava-se na médica especialista a manifestação do desejo de realizar uma tradução o mais literal possível, para manter a fidelidade e não mudar muito o texto original, o que algumas vezes divergia do posicionamento da profissional de tradução que pensava nas questões de tradução, com maior autonomia e liberdade, tentando recriar marcas culturais e buscando escolhas que favorecessem as expectativas ou as necessidades do receptor da cultura de chegada. Assim, a ação das responsáveis pela tradução do *DocCom* Brasil estava pautada no aluno de graduação em medicina no contexto e perspectiva da cultura brasileira,

pensando sempre em como esse médico em formação receberia, compreenderia e colocaria o conhecimento aprendido em ação.

Principalmente quanto às marcas culturais, nas revisões, discutia-se bastante sobre “ousar” mais e fazer adaptações que se adequassem mais à recepção e compreensão do público de chegada. Todavia, na maior parte das vezes, prevalecia a decisão da médica tradutora, levando em conta que ela detinha maior conhecimento na área da educação médica, de forma que seu habitus médico e de docente na área lhe conferia mais autoridade e propriedade para determinar o que seria aceito ou não, embora a profissional de tradução tivesse também voz e certa autonomia diante do processo.

Cabe ressaltar que tais discussões e divergências podiam ser notadas apenas na tradução dos textos teóricos, uma vez que a tradução para as legendas e marcação de tempo ficaram, exclusivamente, a cargo da tradutora profissional. Também é importante esclarecer que, por questões orçamentárias e escassez de tempo, as revisões das legendas foram feitas pela própria tradutora, tendo recebido auxílio da especialista médica apenas no que tangia às terminologias específicas à área médica e de saúde. Os detalhes e a metodologia da tradução audiovisual serão abordados no próximo subitem.

O processo de tradução da plataforma educacional para língua portuguesa, mais especificamente no contexto brasileiro, foi marcado por relações de poder que, mesmo sendo veladas, mostravam-se presentes o tempo todo, principalmente nas relações de força estabelecidas entre os produtores do texto de partida frente aos proponentes e às produtoras do texto de chegada, e também entre a tradutora médica e a profissional de tradução, em que maior poder de decisão era atribuído à tradutora médica, afinal, ela representava a autoridade na área.

Outra relação de poder instituída durante todo o processo de tradução era a preocupação constantemente manifestada pelos produtores do texto de partida quanto à insegurança de que a tradução deixasse a desejar no quesito da qualidade e que os direitos autorais e de licença de uso do *DocCom* fossem violados, dado o estigma que os países em desenvolvimento ainda carregam frente aos países desenvolvidos, numa relação de troca de mão única em que as inovações do país dominante precisam ser adotadas pelos países dominados em sua busca de desenvolvimento e reconhecimento, de acordo com a perspectiva sociológica de Bourdieu, como já discutido no capítulo anterior na proposta de Heilbron (2009) sobre o grande fluxo de traduções, no mercado editorial, da língua central ou hipercentral para as línguas periféricas, ou melhor, do inglês para outros idiomas.

Faz-se necessário comentar ainda que, embora houvesse essa preocupação por parte dos editores do material educacional do *DocCom* em relação à manutenção da qualidade de seu

produto, eles justificaram que não dispunham de recursos financeiros para encomendar uma revisão ou um projeto de retrotradução. Embora não tenha havido questionamentos no tocante à qualidade da tradução para língua portuguesa, talvez a revisão de todo o material por outro especialista, em especial de tradução, seria recomendável e teria ofertado grandes contribuições à versão final para uso.

No que tange às pesquisas derivadas do projeto de tradução do *DocCom* para o português, até onde sabemos, houve apenas um estudo publicado por Borges e colegas (2017), que envolveu a tradução de um único módulo (Módulo 38: Comunicação com equipes de saúde). O objetivo do estudo era fazer uma análise da tradução para língua portuguesa a partir da revisão do módulo em língua inglesa e propor adequações em busca de uma adaptação transcultural por e para equipes de saúde.

No momento, não tenho conhecimento sobre o uso da plataforma em sua versão brasileira nas universidades envolvidas no processo de tradução e nem sobre a expansão e a comercialização do *DocCom* Brasil para outras instituições nacionais ou estrangeiras em que o português é a língua oficial. A autora tampouco obteve informações sobre o desenvolvimento de outros estudos envolvendo a plataforma em si, no Brasil, ou a tradução da mesma. Como mencionado acima, o falecimento precoce e inesperado do editor, desenvolvedor principal e mantenedor da plataforma, com quem a autora mantinha mais contato, acabou por suspender o acesso à plataforma temporariamente, até que se dirimissem as questões de direitos de manutenção e hospedagem do *DocCom* Brasil, e por deixar incerto o futuro do produto em língua portuguesa no que se refere ao seu uso, atualização ou expansão.

5.3 A tradução audiovisual

Todos os módulos do *DocCom* contam com vídeos. Não há um padrão definido para todos os módulos no que diz respeito à quantidade de vídeos. Contudo, nota-se claramente que, na grande maioria dos módulos, há sempre um vídeo do autor com uma introdução e justificativa do tema, seguido por um vídeo que traz a visão do médico e outro com a visão do paciente. A depender do tema e do autor, há então os vídeos de interação, em *role-playing*, de duração variada, que demonstram os objetivos de aprendizado, habilidades e competências a serem desenvolvidas naquele determinado módulo.

Como já se comentou aqui, os vídeos de interação entre os médicos/autores e pacientes

não dispunham de um roteiro pré-elaborado, havia apenas uma pauta a ser seguida e instruções aos atores (pacientes padronizados) de como deveriam desenvolver a cena.

O processo de tradução e legendagem dos vídeos impôs vários desafios às tradutoras, especialmente, à profissional de tradução, no caso, a autora deste estudo, uma vez que coube a ela a tarefa de traduzir e legendar todos os vídeos da plataforma em sua versão brasileira¹⁶.

Outro desafio, baseado na premissa de que os vídeos não haviam sido, a princípio, desenvolvidos para receber legendas, caracterizava-se no formato dos *annotated videos*, que seriam vídeos com comentários que apareciam em *pop-up* programados para cada elemento planejado. Na Figura 7, vemos o ícone de uma câmera no lado direito ao vídeo, esse ícone indica o momento ou tópico em que apareceria o vídeo comentado. Como nos mostra a imagem, o vídeo comentado aparece muito pequeno na tela e com espaço de exibição de legendas ainda menor. Em alguns casos, a legenda acaba se quebrando em até três linhas para caber na tela, o que comprometia ainda mais a estética proposta. Mas não era possível propor qualquer alteração sem envolver mais trabalho e, por essa razão, os editores acharam melhor deixar dessa forma, já que para eles e para os docentes o importante mesmo era o conteúdo e a compreensão,

¹⁶ Dentre os proponentes e membros da equipe do projeto de tradução, a profissional de tradução era a que tinha mais conhecimento na área de legendagem e, por essa razão, ficou encarregada de estabelecer como seriam feitas as legendas e qual seria o padrão a ser seguido com base no que havia aprendido em seu curso de especialização e cursos de legendagem. Para tanto, adotou-se o padrão de legendas para DVD, comum à época, de legendas divididas em duas linhas com, no máximo, 39-40 caracteres por linha.

Um dos desafios estava relacionado ao fato de que, inicialmente, os vídeos não haviam sido planejados para receber legendas, seu formato sempre como um quadro na tela e seu tipo de programação para reprodução fizeram com que a profissional de tradução, juntamente com o técnico em recursos audiovisuais, mantivessem uma negociação constante com o editor e desenvolvedor principal, já que não seria possível “queimar” a legenda diretamente no vídeo, porque além de gerar muito trabalho para o desenvolvedor, havia o receio de que isso poderia comprometer a qualidade dos vídeos.

A saída para essa questão era produzir os arquivos de cada legenda em uma extensão que o vídeo puxasse automaticamente na reprodução, representando outro desafio para a equipe, pois para a marcação de tempo, a tradutora profissional utilizava um software de legendagem chamado Subtitle Workshop, uma ferramenta gratuita e desenvolvida pela empresa chilena Uruworks, e as legendas eram salvas em um formato chamado SubRip, gerando um arquivo com uma extensão.srt. A dificuldade, então, era fazer com que o vídeo “chamasse” a legenda para reprodução, mas com a extensão.srt não era possível. Depois de analisar a tecnologia e os recursos empregados na criação dos vídeos, a equipe no Brasil contou com o apoio de um segundo técnico audiovisual que apresentou uma solução a partir da criação de um conversor automático que convertia o arquivo .srt em um arquivo .xml. Com isso, na extensão .xml, as legendas apareciam nos vídeos automaticamente, porém o timing não tinha a mesma precisão. O conversor não levava em consideração os milissegundos e houve perda na sincronia das legendas, deixando-as um pouco mais aceleradas, antecipando ou atrasando o tempo de entrada ou o tempo de saída da legenda.

Apesar de resolver a questão da reprodução das legendas e tornar o processo de legendagem possível, o conversor .xml acabou comprometendo a precisão do timing das legendas e também a estética, uma vez que ele não respeitava o padrão de quebrar a legenda em duas linhas (algo já previsto no software de legendagem) e muito menos, a disposição dos caracteres por linha que havia sido cuidadosamente pensada pela tradutora na hora de legendar. Isso gerou o retrabalho de fazer o ajuste manual em cada legenda de dividir o texto em duas linhas.

Figura 7. Exemplo de um vídeo comentado (*annotated video*).

Oi Fernanda Udinal: [atividades](#) [account info](#) [log out](#)

DocCom Brasil

MÓDULO 6 BEM-VINDO

- Introdução
- A visão do Paciente
- A visão do Médico
- Questões
- Conceitos Fundamentais
- Aprendizagem
- INTRODUÇÃO
- RELACÃO DE COMPETÊNCIAS
 - Atenção
 - Empatia
 - Respeito
 - Apoio
 - Parceria
- VEJA COMPORTAMENTOS
- LISTA DE COMPORTAMENTOS
- Referências

Created with TreeMenu
Show URL of this page

Annotated Video

Não nos conhecíamos ainda, não é?

Bem, entendo que isto possa ter preocupado a senhora.

- Atenção (comprometimento ativo)
- Atenção (uh-huh)
- Legitimação
- Reflexão (de sinais não verbais)
- Atenção (Dr. demonstra emoção)
- Legitimação
- Reflexão/resumo
- Reflexão da emoção
- Parceria
- Empatia (incluindo resumo)
- Atenção (expressão e tom)
- Parceria (explica o processo)
- Empatia (reflete as preocupações)
- Respeito (pergunte sobre as ideias do paciente)
- Legitimação
- Parceria (explica o processo)
- Parceria (explica o processo)
- Parceria (sugira decisões em conjunto)
- Parceria
- Convide para parceria
- Atenção

play | pause | back 5 seconds | change video rate: 1x | 1.4x | 1.8x

0:32 / 8:32

prev home next

Módulo 6: "Construindo a relação" - por Dr. Julian Bird e Dr. Steven Cole

Fonte: *DocCom* Brasil.

A maioria dos vídeos dos módulos dispunha de uma transcrição que havia sido feita por um grupo de profissionais japoneses que também se dedicava à tradução da plataforma. A transcrição teve um papel fundamental na legendagem dos vídeos, por facilitar o fluxo do processo de legendagem e na compreensão dos termos e trechos que impunham um certo grau de dificuldade na identificação e compreensão. O módulo mais desafiador, neste quesito, foi o *Módulo 30: Avaliação clínica de transtornos por uso de substâncias psicoativas*, porque ele tinha mais de 100 vídeos de durações variadas que não haviam sido transcritos, o que empreendeu mais esforços e mais tempo de dedicação da profissional de tradução que tinha que legendar os vídeos diretamente e apenas com base na sua compreensão do que era falado nos vídeos em inglês. Justamente esse módulo era o que mais apresentava dificuldades com relação ao registro de língua, terminologia, uso de gírias e, como os vídeos traziam depoimentos reais de pacientes que lutavam contra a dependência química, algumas vezes era difícil entender o que diziam por falarem baixo e rápido, usarem gírias e por alguns apresentarem a dicção um pouco comprometida e sotaques muito acentuados.

Como a plataforma em sua totalidade tinha um caráter híbrido, formado por textos e legendas, ela apresentava também nuances diferentes de registro. Nos textos teóricos elucidativos, o registro era sempre formal, apenas quando havia a transcrição de alguma fala de

paciente, permitia-se uma certa flexibilização. Mas ainda assim o registro formal e a norma culta da língua portuguesa predominavam na produção do texto de chegada. Contudo, no caso do registro de fala nas legendas, a diretriz era obedecer ao registro e grau de formalidade que as pessoas em cena adotavam, o que em alguns momentos configurou o uso de gírias, interjeição e expressões coloquiais. Havia a preocupação de que a legenda ficasse verossímil e fluente para o receptor do texto de chegada, mas desvios da norma culta da língua eram evitados, na maior parte das vezes, justamente diante da proposta do texto de chegada junto aos alunos e docentes num contexto universitário e da expectativa de críticas por parte dos receptores, dos proponentes da tradução e dos docentes que usariam o material em disciplinas. No geral, buscou-se uma harmonização dos registros.

5.4 Problemas terminológicos, de linguagem e de adequação cultural

Embora Reiss e Hornby (*apud* Azenha Junior, 1999) tenham tentado estabelecer e definir tipologias textuais, como já mostramos no segundo capítulo, os textos são formas híbridas e de difícil classificação que podem até refletir, predominantemente, um tipo textual, como os propostos por Reiss (*apud* MUNDAY, 2016) a saber, informativo, expressivo ou operativo, cada um com sua função de linguagem e com a sugestão de um possível método de tradução. No entanto, na prática, tais definições podem não ser tão simples. Se tomarmos como exemplo o texto de partida do nosso estudo, veremos que ele é composto pelos três tipos textuais.

Podemos imaginar que por se tratar de um texto técnico-educacional, idealmente, o tipo textual do texto de partida seria predominantemente informativo com foco no conteúdo das informações a serem transmitidas, porém tal classificação passa a ser complexa porque tanto a parte escrita como a parte audiovisual poderiam ser definidas como expressivas, uma vez que os próprios autores se manifestam diretamente com seus conhecimentos, experiências e comentários (subjetivismo ou as expressões de um emissor), e também operativas porque chamam a atenção do receptor e esperam obter uma resposta desejada que, no caso aqui, seria a aplicação daquele conhecimento por parte do estudante de medicina ainda em formação.

Se considerarmos a característica principal do texto de partida, nosso objeto de estudo, veremos a dificuldade de se definir a tipologia textual, pois temos uma combinação dos tipos textuais. Porém, algo que podemos de fato identificar é a sua natureza performativa, por estar pautado na ação dos autores/médicos, que se valem de recursos vários recursos textuais e

audiovisuais com o objetivo de “mostrar como fazer”, de ensinar pela ação as habilidades e competências que os estudantes de medicina devem internalizar na construção de seu habitus médico para colocar em ação quando de sua prática clínica. Neste sentido, quando pensamos no texto de chegada, vemos novamente a questão da performatividade na ação das tradutoras que medeiam o processo, possibilitam ao público de chegada o acesso ao conhecimento e pretendem levá-lo à ação, considerando a todo momento todo o contexto sociocultural do público de chegada.

Portanto, não existe uma classificação geral que caiba com precisão em todas as circunstâncias e peculiaridades de cada texto e tampouco um método prescritivo que se possa seguir à risca na prática tradutória. Como aponta Esteves (2014) separar em grupos e classificar é uma tarefa difícil, porque qualquer classificação acaba apresentando limites e indefinições, até mesmo o próprio conceito de tradução, por não haver um traço universal em todas as classificações do que seria a tradução dada a necessidade de se considerar cada língua em funcionamento, o contexto e as práticas sociais. Assim, diante da impossibilidade de uma classificação precisa dos tipos textuais e da prescrição de métodos e estratégias de tradução que se apliquem da mesma forma a todas as situações na prática tradutória, o uso de exemplos das escolhas feitas por tradutores sempre foi considerado uma boa ferramenta na pesquisa e no ensino de tradução.

Isso posto, partiremos agora para a discussão dos exemplos retirados do corpus. Esses exemplos foram coletados, durante todo o processo de tradução da plataforma *DocCom*, por iniciativa da autora do estudo que teve que refletir sobre as estratégias para lidar com cada desafio que aparecia. Por essa razão, este estudo descreve uma experiência, porque ele foi concebido primeiramente a partir das dificuldades da prática tradutória e depois desenvolvido em uma pesquisa acadêmica.

Primeiramente, a compilação desses termos mais desafiadores foi feita para discussão com a médica tradutora que contribuía com sua experiência para escolha e emprego das melhores estratégias e, depois, a partir da constante reflexão sobre a importância e grau de complexidade do projeto de tradução, a profissional de tradução começou a fomentar a ideia de tentar desenvolver um estudo acadêmico a respeito da experiência e prática tradutória.

Embora tenhamos a visão de que tudo está interligado à língua, decidimos elencar os exemplos retirados do corpus por subitem apenas para organizar melhor a estrutura do trabalho e proporcionar maior facilidade na leitura.

5. 4. 1 Questões de terminologia

Para cada módulo e cada assunto, havia uma dedicação de pesquisa terminológica junto a diretrizes, manuais e publicações do Ministério da Saúde, de associações médicas brasileiras e produção científica das universidades.

Para ilustrar a dificuldade de se adequar a terminologia, especialmente, em se identificar termos que sejam correspondentes nas duas culturas que envolvem estruturas diferentes, nesse caso, na área de saúde, podemos citar um exemplo no *Módulo 34: Comunicação perto do final de vida*, em que o termo *hospice* não apresentava uma possibilidade de tradução que representasse o mesmo tipo de instituição e cuidado. De acordo com o U.S. Department of Health and Human Services, *hospice* seria um tipo de cuidado em saúde que oferece conforto aos pacientes terminais quando já não há uma chance de cura. O Cambridge Dictionary traz a definição de *hospice* como local ou organização que oferece cuidado em saúde para pessoas em fase terminal. Para ir além no entendimento desse termo, há que se considerar uma distinção clara entre *hospice* e *palliative care*, ainda dentro da definição do U.S. Department of Health and Human Services, pois o *palliative care*, que em português pode ser traduzido como cuidados paliativos, visa amenizar os sintomas dos pacientes acometidos por enfermidades graves e pode ser acompanhado por tratamentos para a cura da doença, estando justamente aí a diferença entre os termos, porque no contexto de *hospice*, não há mais a possibilidade de um tratamento curativo.

Na Inglaterra, nos EUA e em outros países, além de o termo *hospice* representar esse conceito de cuidado em saúde, também é frequente o uso do termo como nome de um tipo de instituição que oferece cuidados e conforto a pacientes terminais até o fim da vida. Porém no Brasil, de modo geral, não temos um termo que corresponda precisamente a *hospice* no tocante ao tipo específico de cuidado, uma vez que o termo “cuidados paliativos” pode trazer vir acompanhado da ideia de que ainda há um tratamento com objetivo de cura.

No Brasil, os cuidados paliativos normalmente eram oferecidos em forma de serviço dentro de um hospital ou na casa do paciente, mas, nos últimos anos, houve o estabelecimento de instituições públicas ou privadas que se dedicassem a essa finalidade.

Floriani e Schramm (2010) apresentam um histórico de como surgiram os primeiros *hospices*, esclarecendo que o conceito de *hospice* poderia dar a ideia de um asilo diferente no contexto brasileiro, justamente de um local aonde as pessoas vão, não importando a idade, sejam jovens ou em idade avançada, para ficar definitivamente e receber cuidado em saúde até chegarem ao fim da vida.

No Brasil, foi em 1944 que surgiu, conforme registros disponíveis, aquele que pode ser considerado o primeiro *hospice* - conhecido como Asilo da Penha - e que teve, por alguns anos, importante papel na assistência aos pobres que morriam de câncer. Porém só a partir de meados da década de 1990 o movimento *hospice* começa a ganhar maior visibilidade, a despeito de algumas iniciativas isoladas.

No próprio artigo, Floriani e Schramm (2010) falam sobre cuidados paliativos, mas não oferecem um termo que poderia ser correspondente em português, emprestando a todo momento o termo em inglês. De todo modo a adaptação desse termo, em particular, foi muito desafiadora, uma vez que seria um equívoco optar pelo termo asilo ou ainda pior o termo hospício que poderia até mesmo representar um falso cognato e marcaria o texto com um termo pejorativo e totalmente descontextualizado.

Dessa forma, com base em consultas on-line sobre as formas de cuidados paliativos oferecidos no Brasil, particularidades de cada instituição de serviço de saúde e suas publicações em geral, na maioria das vezes disponíveis na internet, a tradutora e a especialista médica optaram pelo uso do termo serviço de cuidados paliativos ou unidade de cuidados paliativos. Ainda que não representasse a mesma coisa que *hospice*, ainda parecia a correspondência mais viável dentro do contexto.

Na mesma linha de pensamento, o termo *rehabilitation* aparece no *Módulo 30: Avaliação clínica de transtornos por uso de substâncias psicoativas*, e lança uma perspectiva diferente do contexto brasileiro, pois além de *rehabilitation* se referir ao tipo de cuidado destinado à recuperação de pessoas que sofrem de dependência química, o termo também se refere ao nome do tipo de instituições destinadas a esse fim e, geralmente, o termo aparece sozinho, sem o uso de outros substantivos que possam acompanhá-lo, como por exemplo na frase “*It was the first time I went to rehab*”, no contexto mais informal, o termo costuma aparecer em sua forma abreviada *rehab*. Diferentemente do exposto, por meio de buscas on-line, vimos que, no Brasil, os nomes dessas instituições variam e aparecem como clínica de recuperação, casa de recuperação, além do termo clínica de reabilitação, porém esse último, em algumas ocorrências de busca on-line, aparecia também como serviços de reabilitação física e motora. Em virtude disso, foi decisão da profissional de tradução optar por traduzir *rehabilitation* como recuperação ou, em se tratando do local físico, clínica ou casa de recuperação, a depender do contexto. *Outpatient* também representou um embate no momento de tradução, por conceito entende-se, de forma geral, que este termo corresponderia ao que chamamos de ambulatório em nossos serviços de saúde. Porém, no contexto em que aparecia nos vídeos, dava-se a entender que era um local de atendimento em que os dependentes

poderiam passar o dia recebendo apoio e cuidado em saúde. Por falta de referência e conhecimento sobre a existência desse tipo de serviço no contexto brasileiro, a tradutora profissional, com base nas informações relatadas pelo paciente, optou por usar o termo abrigo, para não incorrer na ideia de usar um termo que estivesse associado a hospital, mas tal escolha não satisfazia a proposta de um cuidado em saúde e trazia ainda a ideia de um local que atende necessidades primárias em pessoas em situação de rua e não necessariamente acolhe e oferece tratamento a dependentes químicos.

Ainda no cerne da pesquisa terminológica, o módulo 30 exigiu um trabalho extenuante de buscas e pesquisas. Como explicado acima, esse módulo tratava as questões relacionadas à dependência química e foi necessário um levantamento em documentos de organizações governamentais e oficiais de saúde e publicações científicas sobre dependência química, tipos de substâncias, formas de usá-las (inaladas, cheiradas ou injetadas) e também uma investigação para conhecer as gírias e expressões utilizadas pelos usuários para que a tradução e as adaptações nas legendas fossem aclimatizadas da melhor forma possível, dentro da finalidade do texto de chegada. Portanto, para o termo *addiction* em inglês, optou-se por traduzi-lo como dependência química, embora no português o termo drogadição pudesse ser usado no mesmo contexto, o sentido do termo dependência química também se remete a uso abusivo de substâncias em geral, como remédios e álcool e não só aos entorpecentes ilícitos. Já a tradução de *addiction* como vício foi refutada pelas tradutoras, mesmo se esse termo coubesse ao contexto, por carregar um tom pejorativo e negativo. Justamente pelo mesmo motivo, a tradução para o termo *addicted* era analisada caso a caso, se o adjetivo aparecia em um contexto em que o paciente falava sobre si ou falasse sobre outrem de forma pejorativa e generalizada, então profissional de tradução optava por usar viciado; mas, na maioria das vezes, as opções eram usuário ou dependente químico, ainda mais quando estavam contextualizadas na fala dos médicos, por se tratarem de termos que aparentemente estariam livres de julgamento ou de um tom depreciativo e/ou ofensivo. Nesse exemplo, é possível ver como as escolhas da tradutora profissional e da tradutora médica se guiavam pelo respeito à perspectiva voltada à humanização da relação médico-paciente, cuidando para que os vocábulos escolhidos não refletissem de alguma forma um tom contrário ou divergente a essa perspectiva.

Em determinado momento dos vídeos, um paciente específico relata que havia perdido o emprego e a única coisa que dava a esposa eram *food stamps*. Levando em conta que *food stamps* se refere a um antigo auxílio oferecido pelo governo dos Estados Unidos para a compra de itens de alimentação, atualmente substituído pelo benefício do Supplemental Nutrition Assistance Program (SNAP), numa tradução literal, podíamos pensar em selos de comida, selos

de alimentação, mas não soaria como algo natural para um brasileiro, uma vez que a ideia de selo não está associada à algo se troca, neste sentido, por comida ou outras coisas, por essa razão, a tradutora optou pelo termo vale-alimentação, mas perdeu-se a informação de que se tratava de um auxílio governamental. Talvez teria sido mais viável utilizar o termo bolsa, que, em geral, está associado aos programas assistenciais do governo brasileiro. O mesmo paciente comentou em outro vídeo que recebia por um período estava recebendo *welfare*, que se refere também a um tipo de auxílio oferecido pelo governo dos Estados Unidos para famílias em necessidade. Em um primeiro momento, nesse caso, a profissional de tradução pensou em utilizar o nome de algum tipo de benefício, como por exemplo, bolsa família, mas acabou por traduzir como “um auxílio do governo” para deixar uma marca atemporal e também não incorrer em usar um termo específico referente a um tipo de benefício assistencial que pudesse apresentar características bem diferentes do conceito de *welfare*, como por exemplo, quem seriam as pessoas elegíveis àqueles benefício ou qual seria o valor de cada um. A opção por um termo mais neutro evitaria qualquer questionamento, mesmo porque, a todo momento, as tradutoras preservaram a natureza estrangeira dos vídeos, isso quer dizer, deixaram que os receptores entendessem que aquelas situações eram particulares à realidade das pessoas no vídeo. Mas de alguma forma tentavam usar termos que de certa forma fossem parecidos ou mais próximos à realidade dos receptores do texto de chegada, mesmo porque a estratégia de deixar os termos em inglês e explicá-los não era uma opção, já que principalmente, na legendagem, não existem recursos explicativos como nota de rodapé ou nota do tradutor e também a limitação de caracteres por linha obriga o tradutor a manter-se o mais conciso possível.

Ainda no módulo sobre abuso de substâncias, uma das pacientes relata ter perdido a guarda dos filhos. Na verdade, o termo utilizado em inglês pela paciente foi *custody* que, no âmbito legal do sistema estadunidense, é diferente de *guardianship* que seria correspondente ao termo utilizado pelas tradutoras (guarda). Em linhas gerais, de acordo com as leis dos EUA, *custody* é o direito dos pais, ou alguém aparentado, de cuidar de uma criança, enquanto *guardianship* é uma determinação de um juizado sobre quem deve ser o responsável legal e cuidar da criança. No intuito de usar um termo mais abrangente e usual, sem incorrer em questões legais, uma vez que o contexto assim o permitia, as tradutoras decidiram traduzir *custody* como guarda.

Outro conceito que apresentou um certo grau de conflito no processo de tradução foi o termo *medical assistant*, embora as tradutoras tenham traduzido como secretária, com base na realidade brasileira, o conflito se dá porque nos Estados Unidos, dependendo de cada estado, os profissionais que trabalham como *medical assistant* podem executar tarefas que vão além do

trabalho administrativo de agendar e receber os pacientes, preencher e enviar documentação, auxiliar os médicos com trâmites de internações e exames. Os *medical assistants*, dependendo de cada região, podem obter a história do paciente, checar os sinais vitais, coletar material para exames, instruir o paciente sobre medicamentos e dietas e até, após receberem o devido treinamento, dar injeções. Para ingressar nessa ocupação, no contexto estadunidense, a pessoa deve ter ensino médio, ter concluído um programa de formação de *medical assistant* e, em alguns casos, certificações de entidades de saúde.

Os termos descritos acima representam marcas peculiares da cultura e das formas de organização social ou estrutural dos Estados Unidos e oferecem um certo grau de dificuldade no momento da tradução para o português, na perspectiva cultural e estrutural do Brasil. Como Esteves explica (2014) um traço cultural do texto de partida e da cultura de partida pode ser explicado para o receptor da cultura de chegada, mas ele não pode ser vivenciado por esse receptor, justamente pelas diferenças impostas pela língua e cultura. Dessa forma, as estratégias de recriação dessas marcas dependem muito do habitus do tradutor, pois a sua competência estaria intimamente ligada à sua capacidade de encontrar as soluções para as traduções de acordo com o seu habitus que, por sua vez, é resultado da convergência de duas culturas, especificamente, da cultura nativa e da cultura estrangeira, como enfatiza Gouanvic (2007). Como descreve esse autor, o habitus do tradutor se forma a partir do uso de ferramentas (dicionários, glossários, bancos de dados, etc.) de que dispõe e dos processos interpretativos mediados por elas e a partir de suas aquisições interiorizadas, ou seja, as experiências práticas, de forma individual ou coletiva. Considerando a questão da performatividade, quando tomamos a tradução como ação (ESTEVES, 2014), vê-se o habitus tradutório, resultante também das práticas sociais, pode também criar valores e produzir conhecimento (WOLF, 2012). De modo que vemos que a ação em tradução leva a uma outra ação e isso é o que vai determinar as escolhas, pensando-se no efeito que se pretende desencadear com a palavra escolhida.

A não observância, por parte do tradutor, ao contexto sociocultural do receptor do texto de chegada na recriação dessas marcas culturais, poderia gerar sérios problemas de compreensão que poderíamos chamar de refrações como postulado por Veermer e Reiss ou incongruências dentro da proposta de Schmitt (*apud* Azenha Junior, 1999) e assim comprometer, em alguma extensão, a ação do receptor do texto de chegada. Tomemos como exemplo o termo *hospice*, comentado acima, trata-se de uma instituição de saúde que traz o conceito de cuidados paliativos no final de vida, se o tradutor optasse por empregar o termo asilo, sem as devidas explicações, a compreensão do receptor e usuário final do texto de chegada estaria comprometida.

No *Módulo 6: Construindo a relação*, *Módulo 33: Dando más notícias* e no *Módulo 34: Comunicação perto do final de vida*, há o uso recorrente do adjetivo *compassionate* que também representou um certo grau de dificuldade. Em inglês, o Longman Dictionary of Contemporary English, traz a seguinte definição: “feeling sympathy for people who are suffering”. No português, isso corresponderia muito bem ao sentido de ter compaixão ou sentir compaixão. O problema aparece na hora de transformar o substantivo em adjetivo, uma vez que adjetivo derivado de compaixão, compassivo, poderia remeter a uma ideia de piedade e, dado o contexto técnico-científico, esse adjetivo parece não ser usual. Portanto, ao refletirem quanto a essa questão específica, as tradutoras optaram por usar os adjetivos solidário e empático, dependendo de cada contexto.

Uma vez que os sistemas de medição são determinados por convenções científicas universais, eles foram inseridos aqui na seção de problemas de terminologia (Aubert, 2006). Na verdade, não se trata, exatamente, de um problema, mas sim de um elemento a qual se deve estar atento, devido ao fato de que cada país emprega um determinado sistema de medição e, regra geral, a maioria da população está habituada a esse sistema e pode não conhecer outros sistemas de medição ou poderia até conhecer, mas não saber exatamente os valores atribuídos dentro daquele sistema. Portanto, ficou estabelecido entre as tradutoras do *DocCom* que todas as referências a unidades de medidas de outros sistemas seriam substituídas pelas unidades de medição usuais aos sistemas métricos adotados no Brasil, cuidando para que as conversões fossem feitas de forma adequada e precisa, uma vez que seriam vitais para o entendimento e para a construção do conhecimento do médico em formação.

Para poder ilustrar a questão acima, citamos um diálogo no módulo 21 no qual os pais perguntam à médica qual a medida ideal de fórmula para suplementar o bebê recém-nascido e a médica, por sua vez, informa que seria 3 *ounces/day*, o que foi ajustado na tradução para 30 ml/dia, com base na experiência da médica tradutora, buscas on-line e em sistemas de conversão.

Nos trechos abaixo, temos a transcrição de um vídeo em que uma paciente dá seu depoimento sobre sua vida e a dependência química exibido ao lado do mesmo trecho traduzido, podemos visualizar algumas das questões discutidas ao longo deste capítulo.

Patient: I thought about quitting through the whole 6 years I was using. You know, from marijuana to the crack addiction, that whole addiction with the three drugs I abused I was aware of. In those 6 years, I always thought about stopping after a while, especially when I got broke, or didn't have anymore, or when

Paciente: Eu pensei em parar durante os 6 anos em que estava usando. Do vício em maconha ao crack, todo esse vício nessas três drogas que eu usava, eu estava ciente. Nesses 6 anos, eu sempre pensava em parar em algum momento. Principalmente quando eu não tinha grana, quando eu não tinha mais, ou quando ninguém

someone wouldn't give some, or there were no more dates outside, or I got caught on the corner and get locked up. I thought about stopping many times, but it didn't make me stop. I stopped because I had a choice, you know. And I already lost custody of my older son when he was 13... When I was 13, I lost custody, it's that I had to give him up, to not have to have him live in the environment in which I was living, I mean homelessness. He needed somewhere to stay. I gave him up. They just didn't take him from me, I made a decision to make sure he was safe every night and he ate. But when my younger son came, after being pregnant for 8 months, seven months and three weeks, and being in labor for two days, still prostituting, still getting high, I realized that it was time to not only get myself together, but to be a role model for my son, because I could not allow him to go in the system, because I felt like I had already abandoned or let one of my children down and I didn't want to do it to my youngest. So today I fight for both of them.

Doctor: That is when you really wanted to quit. When you were in labor.

Patient: Yes, when I realized that I just had a baby and did not have anything for him. You know, it's really hard to have a child and not having one diaper, not having any clothing, any food. You know, I had to make a choice and I couldn't allow him to grow up and know that his mom did that to him when he was born.

me dava, ou quando não tinha programas, ou quando me pegavam na esquina e me prendiam. Eu pensei em parar várias vezes, mas isso não me fez parar. Eu parei porque tinha uma escolha. Eu já tinha perdido a guarda do meu filho mais velho. Quando eu tinha 13 anos, eu perdi a guarda dele. E não é que eu perdi a guarda, eu tive que dar ele embora. Porque não podia deixá-lo viver naquele ambiente em que eu vivia. Eu quero dizer, nas ruas. Ele precisava de um lugar para ficar. Eu dei ele, não foi eles que tiraram de mim. Eu decidi. Para ter certeza de que ele estaria seguro à noite, de que ele ia comer. Mas quando veio o meu filho mais novo, depois de estar grávida por 8 meses, sete meses e três semanas, e ficar em trabalho de parto, por dois dias, ainda me prostituindo, ainda me drogando, eu me dei conta de que era a hora não só de me recompor, mas de ser um exemplo para o meu filho. Não podia deixar que fosse entregue ao sistema, pois eu sentia que já tinha abandonado e desapontado um filho, e eu não queria fazer isso com o meu mais novo. Então hoje eu luto pelos dois.

Médico: Foi aí que você viu que queria parar de verdade? Quando estava em trabalho de parto...

Paciente: Eu me dei conta de que tinha acabado de ter um bebê e não tinha nada para ele. É muito difícil ter um filho e não ter uma fralda, não ter nenhuma roupa, não ter comida. Eu tive que fazer uma escolha. Não podia permitir que ele crescesse, sabendo que a mãe fez isso com ele, quando ele nasceu.

5.4.2 Gírias e expressões

As gírias e expressões são fenômenos da linguagem informal e cotidiana, usadas por falantes determinadas faixas de idade e/ou região. Geralmente, essas manifestações da linguagem estão relacionadas à cultura de um povo e aos aspectos históricos e geográficos de seu país e região.

O *DocCom* é um composto, em grande parte, por textos de especialidade que apresentam terminologia da área médica, e mais especificamente, terminologias específicas de cada área de especialidade médica. Embora a língua culta predomine nesses textos especializados, nas ocasiões em que se apresentam os registros de interação com os pacientes, seja nos vídeos ou em trechos de conversas transcritos e inseridos ao longo dos textos, há a presença de um registro mais informal da linguagem, como mostra a Figura 8. Nesse exemplo, uma paciente dá seu depoimento no Módulo 30 sobre sua experiência com a dependência química.

Figura 8. Exemplo de legenda com uso de gíria.



Fonte: *DocCom* Brasil.

Essas nuances de linguagem foram mantidas no texto de chegada. Quando havia o uso de uma expressão coloquial ou uma gíria, as tradutoras buscavam uma opção que correspondesse àquela em língua portuguesa, no contexto brasileiro, favorecendo sempre o sentido com o intuito de garantir a compreensão pelo usuário final do material e levá-lo à ação. Uma ressalva, porém, deve ser feita aqui, no Módulo 30, quando os pacientes em cena faziam uso de gírias, como *reefer*, *pot* ou *weed*, para se referirem à maconha, as tradutoras optaram por atenuar as gírias, não utilizando, por exemplo, erva, bagulho, diamba, etc., porque perceberam que cada opção de gíria, em português, podia vir carregada de algum tom pejorativo que poderia rotular o paciente em um determinado contexto ou, ainda, atribuir-lhe uma característica adicional para um possível julgamento. De modo que a escolha das tradutoras foi utilizar, na maioria dos casos, a palavra maconha.

Outra atenuação foi proposta pelas tradutoras, no *Módulo 13: Respondendo a emoções fortes*, em que o médico responde ao insulto do pai do paciente de forma ofensiva e diz “*You can own this fucking hospital*”. As tradutoras optaram por traduzir como “Vá para o inferno junto com esse hospital” e não usar, na legenda, uma expressão pesada e de baixo calão, justamente por não saber como e se seria bem recebida pelo público de chegada, no caso os alunos, e os docentes também.

Um dos objetivos do presente estudo consiste justamente em mostrar que os textos técnicos e especializados também trazem marcas culturais e aspectos além do nível linguístico e o nosso objeto de estudo pode comprovar isso. Por isso, ressaltamos, ao longo do trabalho,

quanto à importância de prestar atenção em todos os aspectos durante a ação do tradutor em sua prática profissional.

Destarte, julgamos válido trazer exemplos do corpus que corroborem esse objetivo e possam contribuir para a reflexão sobre ato tradutório. Seguem abaixo, na Tabela 1, algumas expressões como constam no texto de partida e como foram traduzidas no texto de chegada.

Tabela 1. Exemplos de expressões retirados do corpus.

Texto de partida	Texto de chegada
<i>They are a tough crowd</i>	Eles são duros na queda
<i>When to got broke</i>	Quando eu não tinha grana
<i>When they locked me up</i>	Quando eles me prendiam
<i>My kids went in the system</i>	Meus filhos foram entregues ao sistema
<i>I started smoking reafier. Then I went straight to the hot stuff</i>	Eu comecei fumando maconha e aí fui direto para coisas mais pesadas
<i>They were shooting drugs</i>	Eles se injetavam
<i>who cashed my check every month</i>	que descontava meu cheque todo mês
<i>I started feeling like a bum</i>	Me sentia como um vagabundo
<i>it went down</i>	e desmoronou
<i>Setting the stage</i>	Preparando o terreno
<i>Have you begun to date</i>	Você já começou a ficar com outras pessoas

Fonte: Elaborado pela autora.

5.4.3 Marcas culturais

Ao longo do projeto de tradução da plataforma *DocCom*, a todo momento nos deparávamos com questões culturais, algumas mais simples e outras impondo reflexão, discussão, escolha, estratégia e justificativa porque tudo é culturalmente marcado. A título de exemplo e discussão, neste subitem, elencamos algumas marcas culturais que julgamos mais desafiadoras no momento da tradução. Apenas por uma questão de melhor estruturação do trabalho, decidimos dividi-las nos tópicos abaixo.

5.4.3.1 Nomes de sistemas, organizações e grupos vinculados à saúde

No caso de enfermidades, terapias, programas e instituições ligados à saúde que já dispunham de um termo consagrado em língua portuguesa, que constassem em sites oficiais e publicações do Ministério da Saúde e suas ramificações, publicações científicas, o uso do termo em português era sempre preferido. Para ilustrar esse tópico, ainda dentro do contexto do Módulo 30, podemos citar o Programa dos 12 passos, no inglês *Twelve-step program*. Embora tenha surgido nos Estados Unidos, esta abordagem é amplamente usada pelos Alcoólicos Anônimos do Brasil (AA) e por grupos e iniciativas para o tratamento do alcoolismo e dependência química. Nesse caso, a opção claramente foi utilizar o nome do programa no Brasil. Diferentemente do caso em que uma paciente comenta sobre a importância do programa *Caring Together* para sua recuperação e sobriedade. *The Caring Together Program* é parte do Departamento de Psiquiatria da Drexel University, na Filadélfia, e foi fundado, em 1990, pela Doutora Barbara Schindler, que assume também a autoria do módulo do *DocCom* sobre abuso de substâncias. O objetivo do *Caring Together* é ajudar mulheres e seus filhos a vencer a dependência química e recomeçar. Por se tratar de um programa, em âmbito estadunidense, sem extensões no Brasil, o nome do programa em inglês foi mantido.

O módulo 30 trouxe ainda indagações quanto à possibilidade ou impossibilidade de se traduzir as diferenças entre o sistema de saúde estadunidense e o brasileiro. Nas ocasiões em que os pacientes mencionam programas como o *Medicaid*, *Medicare* ou outros sistemas de saúde, a opção da tradutora foi deixar o termo em inglês, uma vez que usar o Sistema Unificado de Saúde (SUS) não representaria as particularidades e condições dos sistemas de saúde de que os pacientes dispunham dentro do contexto. Tendo em mente que o SUS é um sistema público de saúde, previsto na Constituição, garantindo acesso à saúde integral, universal e gratuito para toda a população brasileira. Enquanto o *Medicare* é um seguro de saúde federal, financiado pela previdência social dos EUA e está disponível para pessoas acima dos 65 anos ou pessoas com algum tipo de doença incapacitante, no qual os pacientes pagam uma parte dos custos, o *Medicaid*, por sua vez, é um programa assistencial para pessoas de baixa renda de qualquer idade e pode variar de estado a estado, neste programa, os pacientes geralmente não têm que pagar pelas despesas médicas que estão sob a cobertura do programa. Assim, o nome dos dois sistemas de saúde dos EUA foi mantido em inglês, sem oferecer nenhum tipo de esclarecimento ao receptor do texto de chegada, dada a limitação imposta pelas legendas, embora não houvesse por parte dos proponentes ou editores um limite definido para o número de caracteres e linhas, a tradutora optou por seguir sempre o padrão que havia estabelecido. Qualquer adaptação para

o contexto brasileiro poderia requerer mais explicações, não ser condizente com as informações que o paciente expressava ou incorrer em um erro contextual.

A mesma estratégia de tradução daquela mencionada acima foi adotada para se referir ao sistema de compra de medicações controladas nos EUA, exceto que em vez de deixar os termos em inglês, as tradutoras tentaram de alguma forma traduzir a ideia, cientes de que poderia gerar algum conflito no entendimento do receptor do texto de chegada. Geralmente, quando o paciente fará uso de uma droga controlada por um período mais longo, os médicos já deixam como programada a próxima compra do medicamento, esse seria a explicação para o termo *prescription refill*. Nesse método, os médicos deixam no próprio frasco do medicamento um número que mostrará ao farmacêutico que aquele paciente tem direito a adquirir aquela quantidade determinada na prescrição (*prescription*). Outra diferença é que aqueles que têm algum tipo de seguro de saúde, normalmente, não precisam pagar pela medicação, apenas apresentam o cartão, o frasco com o número para obtenção do medicamento e o pagamento é feito pelo próprio seguro de saúde. Procedimentos bastante diferentes do que vemos no Brasil, onde geralmente o médico já deixa ao paciente uma receita para a compra da próxima quantidade da medicação a ser usada. Especificamente, nesse caso, tentar adaptar a tradução desse termo ao contexto brasileiro traria mais dificuldade ainda, porque, como no exemplo abaixo, da Figura 9, retirado do *Módulo 13: Respondendo a emoções fortes*, o paciente tenta obter o medicamento com a secretária do médico, na própria clínica, algo que já soa estranho no contexto brasileiro em que a venda e dispensação de fármacos controlados são realizadas apenas nas farmácias e não nas clínicas médicas. A escolha de tradução foi tentar manter algo próximo ao literal, como repor a medicação.

Figura 9. Exemplos do corpus sobre a forma de dispensação de fármacos nos EUA.

Oi Fernanda Udinal: [atividades](#) [account info](#) [log out](#)

doc.com Brasil

MÓDULO 13 BEM-VINDO

- Fundamentação
 - A visão do paciente
 - A visão do médico
 - Questões
 - Princípios fundamentais
 - Objetivo de Aprendizagem
- Identificando emoções
 - Tristeza medo raiva
 - Emoções do médico
 - Fazendo as emoções tra
- Respondendo a emoções
 - Tristeza intensa
 - Outras considerações
 - Raiva intensa
 - Video 1
 - Video 2
 - Outras considerações
 - Medo intenso
 - Video 3
 - Video 4
 - Outras considerações
- Conclusões
- Lista de Comportamentos
- Referências

Created with TreeMenu
Show URL of this page

Annotated Video

0:12 / 0:54

É política da clínica não repor narcóticos sem que os pacientes sejam consultados.

play | pause | back 5 seconds | change video rate: 1x | 1.4x | 1.8x

0:12 / 0:54

13: Respondendo a emoções fortes - pelo Dr. Barry Egner

Oi Fernanda Udinal: [atividades](#) [account info](#) [log out](#)

doc.com Brasil

Identificando emoções

- Tristeza medo raiva
- Emoções do médico
- Fazendo as emoções tra

Respondendo a emoções

- Tristeza intensa
 - Outras considerações
- Raiva intensa
 - Video 1
 - Video 2
 - Outras considerações
- Medo intenso
 - Video 3
 - Video 4
 - Outras considerações

Conclusões
Lista de Comportamentos
Referências

Created with TreeMenu
Show URL of this page

Annotated Video

0:07 / 1:20

com dor e nervoso porque sua enfermeira não quis repor a minha medicação.

play | pause | back 5 seconds | change video rate: 1x | 1.4x | 1.8x

0:07 / 1:20

13: Respondendo a emoções fortes - pelo Dr. Barry Egner

Reconhece a emoção
Explica o pensamento
Reflexão do comportamento do paciente
Validação
Proposta
Reflexão de fazer suposições
Apoio
Parceria

Fonte: *DocCom Brasil*.

Os trechos abaixo, transcrição do texto de partida e texto traduzido, referem-se à Figura 9. O vídeo do Módulo 13 em questão demonstra um comportamento que o médico não deveria ter quando um paciente expressa raiva e irritação.

Doctor: Hi Mr. Hardison, how are you?

Patient: I've been the same doc, in pain and I'm a little ticked your nurse wouldn't refill my pain pills.

Doctor: Well, that's because it's our clinic policy that patients need to be seen in order to refill narcotics.

Médico: Oi, Sr. Hardisson, como vai?

Paciente: Estou na mesma, doutor, com dor e nervoso porque sua enfermeira não quis repor a minha medicação.

Médico: É política da clínica não repor narcóticos sem que os pacientes sejam consultados.

Patient: O.k., well I've been seen so we can take care of business.

Doctor: Well, I'm a little uncomfortable refilling the pain medication; it's eight weeks into your injury, you've completed physical therapy, the CT scan didn't really show anything structurally the matter, I would expect that by now you'd be able to return to at least modified work.

Patient: I can't believe you doctors. If you were sitting in my place, you'd be writing that prescription in a second.

Doctor: Actually I have been in your place, in fact I had to have surgery, and I can tell you that two days after the surgery I was off the pain medication.

Patient: Yeah, well if you weren't a quack, maybe you would have had a real doctor fix my back by now.

Paciente: Pronto, agora que o senhor já me viu, podemos ir direto ao assunto.

Médico: Eu não me sinto à vontade para repor sua medicação, já faz oito semanas desde sua lesão, o senhor terminou a fisioterapia, sua tomografia não mostrou nada preocupante. Eu esperava que o senhor já pudesse voltar ao trabalho.

Paciente: Eu não entendo os médicos. Se o senhor estivesse no meu lugar, o senhor me daria a receita num segundo.

Médico: Na verdade, eu já estive no seu lugar, tive que passar por uma cirurgia e dois dias depois, eu não precisava mais do remédio para dor.

Paciente: Se o senhor não fosse um impostor, já tinha me encaminhado para um médico de verdade e minha coluna estaria boa.

Então, nas situações explicadas acima, deixamos a marcação do estrangeiro e embora nos preocupássemos se isso acarretaria falta de entendimento pelo público de chegada e problemas de aprendizado com o módulo, optamos pela premissa de que os médicos em formação ou profissionais que acessassem aqueles materiais teriam ciência de que o material havia sido produzido nos EUA e os sistemas de saúde de cada país são diferentes.

Já o conceito de medicação *over-the-corner*, que consta no Módulo 21, foi traduzido como medicamentos de venda livre¹⁷, para as drogas que não requerem prescrição médica no momento da compra nas farmácias, um termo corresponde e satisfaz a mesma ideia em português, especificamente, no Brasil.

Para o método de triagem SSHADESS, apresentado no *Módulo 22: A entrevista com adolescentes*, a estratégia empregada pelas tradutoras foi manter a sigla em inglês, oferecer a tradução da palavra em língua portuguesa e colocar as palavras em língua inglesa que compunham a sigla entre parênteses para que o receptor tivesse noção de que aquela sigla se referia a um termo em inglês, mas pudesse compreender cada item do processo de triagem. A tradução no texto de chegada ficou da seguinte forma: “SSHADESS: Pontos fortes (Strengths), Escola (School), Casa (Home), Atividades (Activities), Drogas (Drugs), Emoções (depressão/tendências suicidas) [Emotions (depression/suicidality)], Sexualidade (Sexuality) e Segurança (Safety)”.

¹⁷ Terminologia usada para se referir aos medicamentos que dispensam a apresentação de uma prescrição médica.

5.4.3.2 Itens e produtos alimentícios

Com relação a itens de alimentação, optou-se por traduzir e adaptar os nomes das comidas cujo sentido era importante dentro do contexto para compreensão. Neste caso, podemos encontrar um exemplo no *Módulo 21: Comunicação e relacionamento com crianças e pais*, em que a médica diz que a bebê em consulta aos nove meses de idade já teria habilidade motora para pegar Cheerios® com os dedinhos. O Cheerios é uma marca de cereal da Nestlé que traz o cereal em formato de pequenos anéis. Na percepção da tradutora, seria imprescindível permitir que o espectador da legenda criasse essa imagem mental, portanto, fez a escolha de traduzir pelo termo sucrilhos, por ter um apelo maior junto às crianças, ou seja, por ser um tipo de cereal mais destinado ao público infantil, não considerando qualquer informação relacionada à marca, mesmo porque só recentemente a marca Cheerios® começou a ser comercializada no Brasil,

Em outra situação, no exemplo trazido a seguir, a escolha de deixar o nome da marca do item de alimentação em inglês, rosquinhas Krispy Kreme®, está baseada na especificidade da situação. No vídeo do Módulo 21, a paciente pediátrica é alérgica a amendoim, caso optassem pela adaptação para algo nacional, as tradutoras ao pensar em um produto, deveriam balizar essa informação de extrema importância, alergia a amendoim e castanhas, e ainda adequar para o contexto que seria um item de lanche escolar, doce, voltado ao público infantil, que não tivesse em sua composição os agentes alergênicos em questão.

Patient: Well my school is really aware of nut allergies so I usually can eat everything but like when my friends bring in little birthday snacks I always have my own cupcakes or little treats.

Doctor: So you get your own?

Patient: Yeah.

Doctor: Wow, that's neat.

Mother: Yeah we keep them in the freezer at school. We make a bunch and we leave them in the school in the freezer and they know Sara can't eat anything from someone else's house.

Patient: Unless the other person told my mom or something.

Doctor: How do you mean that?

Patient: Like if they told the ingredients and so brought and so they brought some knives or if they brought like Krispy Kreme doughnuts I could have those.

Doctor: So if you know for sure what food? I mean know for sure there's no peanuts in it.

Patient: Yeah or any other type of nuts...coconuts don't count.

Paciente: A minha escola sabe que eu tenho alergia a amendoim. Eu geralmente posso comer de tudo, mas nas festas de aniversário dos colegas, levo os meus próprios cupcakes ou doces.

Médica: Você tem seus próprios doces?

Paciente: Sim.

Médica: Nossa, que chique!

Mãe: Nós fazemos um monte e deixamos no congelador da escola. Eles sabem que a Sara não pode comer nada que outras pessoas tenham feito.

Paciente: A não ser que a outra pessoa avise a minha mãe.

Médica: Como assim?

Paciente: Tipo se disserem os ingredientes e trouxerem algumas facas... Ou rosquinhas tipo Krispy Kreme, aí eu posso comer.

Médica: Sim, ou qualquer outro tipo de castanha.

Paciente: Mas coco eu posso comer.

Médica: Claro, o coco tem castanha, mas não é de fato uma castanha, não é?

Doctor: That's right. So coconuts not, well we don't know if it's a nut. Is it a nut?

Em outra situação, no *Módulo 10: Compartilhando informações*, ao contar para o médico como era sua alimentação, o paciente faz menção aos tipos de sanduiche *Philly cheesesteak* e *hoagie*, muito tradicionais na Filadélfia, onde a Universidade Drexel está localizada. Assim, preferiu-se usar, na tradução o termo lanche, mais genérico e popular no Brasil, acrescentando a informação, “de carne e queijo” para *cheesesteak* e lanche frio para *hoagie*, daria uma noção mais precisa do que aquele paciente estava comendo. No entanto, nesse caso, deixar os termos em inglês não seria uma opção por se tratar de um item bastante particular à cultura de partida que possivelmente não seria compreendido pelos usuários da tradução. Diferentemente, dos termos *sour cream* e *cupcake*, que não oferecem um correspondente direto, mas vê-se o uso desse item alimentício em inglês no Brasil.

5.4.3.3 Formas de tratamento

Diferenças culturais entre a cultura de partida e a cultura de chegada representavam grandes desafios e permeavam o processo de tradução a todo momento. Algo muito marcante foi o fato de nos Estados Unidos, onde o material foi produzido e gravado, os médicos, profissionais e pessoas em geral se dirigiam uns aos outros utilizando a forma de tratamento (*mister, misses, miss, etc.*) e o sobrenome, algo não tão usual no Brasil, pois aqui se usa a forma de tratamento (muitas vezes, a forma coloquial dona e “seu” e as mais formais senhor e senhora) e primeiro nome da pessoa. Havia o desejo de que fosse usado como no Brasil, para que não houvesse um certo grau de estranheza com o uso da forma de tratamento mais o sobrenome, mas limitações impunham-se mais uma vez pois, na maior parte dos casos, nos créditos dos módulos, vídeos e textos, as tradutoras não dispunham do primeiro nome dos pacientes, médicos, etc. Portanto, para uniformizar, a tradutora e a especialista médica acabaram optando por manter no padrão norte-americano, ou seja, manter o uso do pronome de tratamento mais o sobrenome, traduzindo apenas o pronome de tratamento, por exemplo Dra. Rider, Sr. Anderson, Sra. Robins, Sra. Eddy, Mr. Dade, entre outros. Contudo, nas situações em que o pronome *you* era usado para se dirigir a pessoas mais velhas que o interlocutor, aos médicos ou aos profissionais de saúde, obedecendo a alguma forma de respeito ou hierarquia, em alguns casos, as formas de tratamento senhor e senhora eram sempre usadas. Mas, nos casos em que havia o

uso do primeiro nome, por exemplo, no vídeo que demonstra a interação entre colegas da equipe de saúde, o Módulo 38: Comunicação com equipes de saúde, o uso do primeiro nome era mantido.

5.4.3.4 Nomes e usos de medicamentos

O caso dos nomes dos medicamentos foi outro tipo de situação em que se fez a escolha de manter o nome em inglês, como, por exemplo, quando drogas como Percocet, Epipen, Tri-vi-sol, Lotrimin, Lexaproforam, Tums, mencionadas nos vídeos, exceto quando se tratava do princípio ativo em si, por exemplo, *methadone* foi traduzido como metadona e *ibuprofen* como ibuprofeno. Tal escolha se justificava pela questão de serem marcas registradas e não seria ético, podendo até mesmo se configurar em erro, para a tradutora buscar o nome das drogas correspondentes disponíveis no mercado brasileiro, uma vez que pode haver diferenças de dosagem e no princípio ativo. Levou-se em conta também que os estudantes de medicina já poderiam ter conhecimento sobre o nome das drogas e também se não tivessem, encontrariam meios de buscar mais informações que julgassem necessárias caso lhes faltasse algum entendimento quanto àquela questão em particular.

5.4.3.5 Nomes de programas e personagens televisivos

O módulo 21 apresenta a interação entre os médicos, crianças e os pais. A médica/autora do módulo reforça a necessidade de estabelecer algum tipo de interação que seja adequada à faixa etária e etapa de desenvolvimento da criança, sem tratá-los como se fossem adultos pequenos. Nos vídeos demonstrativos, ela vai aprofundando a conversa aos poucos e mostrando que conhece o mundo das crianças. Em um dos vídeos que demonstra essa interação, o paciente de cinco anos diz que não quer passar pela consulta e a médica, para deixá-lo confortável, diz que ela sabe que o aniversário dele está chegando e quer saber se vai ter festa. O garoto logo responde que quer uma vela de super-heróis, e, então, a médica em cena começa a perguntar se ele gosta de super-heróis e quais são seus favoritos. O pequeno paciente diz que são os Power Rangers e fala que suas séries favoritas são Power Rangers Space Patrol Delta cujo título no Brasil foi Power Rangers Super Patrulha Delta.

Ainda no mesmo módulo, a autora explica que como as crianças mais novas podem ter

medo de serem examinadas, ela pede aos pais para segurarem a criança no colo enquanto ela se posiciona para que seus olhos fiquem no mesmo nível dos olhos da enquanto ausculta os pulmões. Para tornar a experiência tranquila para a criança ela fala mais devagar e pergunta bem baixinho quem estaria no pulmão da criança. Para isso, ela menciona dois personagens do programa televisivo Vila Sésamo (*Sesame Street*), a julgar pela faixa etária da criança. A médica pergunta: “*Quem está aqui? Será que é o Elmo? Ou o Garibaldo?*”. O *Sesame Street* é um programa de TV educativo voltado às crianças que se originou nos Estados Unidos e teve várias versões ao redor do mundo.

Nos casos descritos acima, ambos os programas de TV haviam sido exibidos no Brasil, e tinham títulos e nomes de personagens já consagrados em português, logo para as tradutoras foi relativamente fácil pensar então na estratégia de usá-los. Essa questão seria muito mais complexa, se, por exemplo, não houvesse qualquer referencial no Brasil sobre tal programa de TV ou personagem de modo que as tradutoras teriam que escolher entre manter a referência em inglês ou, então, adaptar para a realidade brasileira, ou seja, fazer uma busca de qual seria a referência mais próxima àquele elemento no Brasil, de acordo com as características principais e faixa etária da população a que se destina ou para a qual seja apropriada.

5.4.3.6 Sistema de ensino

A organização do sistema de ensino também é uma particularidade de cada país e, durante o processo de tradução, pode ser bem desafiador em pensar como se estabelecer uma correspondência considerando-se as diferenças e individualidades de cada país e cada sistema.

Pensando no contexto dos Estados Unidos em comparação ao Brasil, ficou estabelecido que, para as ocorrências neste sentido, as tradutoras usariam o seguinte: ensino médio para *high school*, pré-escola para *pre-school*, jardim de infância para kindergarten e onde constasse a palavra *grade*, o correspondente em língua portuguesa seria série.

Certamente, as marcas culturais e especificidades terminológicas não se restringiam às que foram tratadas em nosso trabalho, mas foram as que mais chamaram a atenção das tradutoras.

A finalidade de trazer os exemplos do corpus do objeto de estudo e de discuti-los nesta seção é a de demonstrar a complexidade envolvida no ato tradutório. Não há intenção de avaliar se as escolhas das tradutoras foram adequadas ou não. Como comentamos anteriormente, talvez uma revisão por um terceiro profissional da área de tradução pudesse oferecer uma grande

contribuição para a qualidade final do trabalho. Porém, os recursos eram limitados, pois o projeto não gozava de qualquer subsídio para a contratação de outros profissionais, e as circunstâncias não permitiam, tendo em vista que tanto a tradutora profissional como a médica tradutora conciliavam suas agendas, demandas e tarefas com a execução do projeto de tradução da plataforma *DocCom*.

5.4.4 Questões sociológicas

Pensar em tradução é pensar em uma atividade de produção, transformação e recriação que é a todo momento permeada por inúmeros fatores internos e externos que medeiam o processo e influenciam nas interpretações. Como explica Rezende,

Ao tomarmos a tradução como um modo de produção, emissão, recepção e organização de diversos sistemas de sinais de comunicação, seja entre indivíduos, entre ele(s) e seu(s) meio(s) ou entre coletividades, estamos assumindo que fazemos coisas por meio dela. Com isso, ao levarmos a performividade austriana para a tradução, percebemos as forças que estão imbuídas nesse processo de significação. (REZENDE, 2016, p. 130).

Dessa forma, entender as disposições internas e as relações que envolvem a formação do habitus médico foi uma condição indispensável para o processo de tradução da plataforma *DocCom*, assim como foi também indispensável entender e situar o habitus profissional da tradutora técnica e da médica tradutora para refletir sobre a dinâmica das forças internas e externas que moldam o estilo, as habilidades e as decisões do tradutor na prática (SIMEONI, 1998), uma vez que o a tradução está inevitavelmente ligada a instituições sociais que determinam a seleção, a produção e as estratégias adotadas (WOLF, 2012).

Se o recurso educacional *DocCom* carregava a preocupação de cultivar e ensinar uma abordagem mais humanizada centrada na relação do médico e paciente, as produtoras da versão do *DocCom* em língua portuguesa, as tradutoras do projeto, também deveriam se atentar para cuidar de todos os aspectos linguísticos e extralinguísticos que mantivessem essa característica intrínseca e fundamental da plataforma.

Além dos aspectos culturais, os aspectos sociais também devem ser conhecidos pelo tradutor, ainda que seja a partir das disposições inscritas por suas experiências empíricas em um determinado campo, e devem ser considerados durante todo o processo de tradução, uma vez que a linguagem e a escolha de termos e palavras podem descrever características dessa relação.

Sociologicamente, a relação médico-paciente já é marcada por uma posição de autoridade e superioridade do médico e nas instâncias e relações do médico com outros profissionais, algo adquirido desde o início de sua formação do habitus médico profissional (Moura, 2004).

Um exemplo da questão quanto ao habitus do médico e sua relação com o paciente pode ser encontrado no *Módulo 30: Avaliação Clínica de Transtornos por uso de Substâncias Psicoativas*, no qual, a partir das entrevistas gravadas, os pacientes padronizados são convidados a deixar uma mensagem aos estudantes de medicina e médicos em treinamento para quando cuidarem de pacientes com dependência química ou histórico de dependência. Geralmente, os pacientes já se sentem amedrontados, impotentes e menores na relação médico-paciente, porque o médico representa a autoridade, é ele quem dá o diagnóstico e o tratamento e recomendações a serem seguidas, embora exista o livre-arbítrio, o paciente sabe que para se manter vivo precisa e depende da figura do médico. No caso de pacientes que lutam contra a dependência química, essa “desvantagem” perante o médico é intensificada pela vergonha, pelo medo do julgamento e pela dificuldade de viver sem a droga.

Registramos abaixo algumas falas dos pacientes, no texto de partida e na tradução produzida pelas responsáveis pelo projeto, que parecem marcar essa questão da relação médico-paciente e ter um apelo para a questão da empatia.

Paciente George 60 anos, ex-usuário de heroína e crack, em recuperação há 10 anos quando da entrevista.

They have to be open-minded to each patient. I think they should take time with patients [...] The bottom-line is the Twelve-step Program can do what all doctors can't [...] The Program is the best thing. I don't have to see a doctor for that. Just got to go and find people like me.

Eles têm que ter a cabeça aberta com cada paciente. Acho que deveriam dedicar tempo aos pacientes [...] A questão principal é que o Programa dos 12 Passos faz o que os médicos não conseguem. O Programa é a melhor coisa. Não preciso ir ao médico para isso. Só preciso ir e encontrar pessoas iguais a mim.

Paciente Reno, 42 anos, ex-usuário de vários tipos de drogas, em recuperação há 4 anos quando da entrevista.

I respect the medical field and all the work that has been done concerning this issue. But there is a certain level of empathy and compassion [...] to be able to identify with an addict who is struggling.

Eu respeito a área médica e todo o trabalho feito no que diz respeito a esse assunto. Mas deve haver um certo nível de empatia e compaixão [...] para poder se identificar com um usuário em recuperação.

Paciente Michelle, 59 anos, ex-usuária de crack e outras substâncias, em recuperação há 1 ano quando da entrevista.

They're human beings. Nobody wants to be an addict, but we're. And we need a little more patience and understanding [...] It's not easy to be

São seres humanos. Que ninguém quer ser um usuário, mas nós somos. E precisamos de um pouco mais de paciência e

a drug addict [...] Being an addict is more shameful and painful.

compreensão [...] Porque não é fácil ser um usuário [...] Ser usuário é mais vergonhoso e doloroso.

Médico e paciente Cliff, 52 anos, ex-usuário de drogas prescritas, em recuperação há 15 anos quando da entrevista.

I remember when I was a medical student. You'd see street people coming and they'd be throwing up blood [...] I never understood. I guess I thought it was all a matter of willpower [...] I guess I would say to other physicians would be understand that the person does have a disease [...] And other thing I would like to say would be "please, don't prescribe controlled substances to people who are alcoholics or things like that. I see it with my own partners after I got sober and talk to them.

Eu me lembro bem de quando eu era estudante de medicina. E eu via os moradores de rua chegando e vomitando sangue [...] Eu nunca entendi. Eu achava que era só uma questão de força de vontade. Então, acho que diria aos médicos para entenderem que aquela pessoa tem uma doença [...] Outra coisa que gostaria de dizer, por favor, não receitem substâncias controladas para alcoólatras ou algo do tipo. Vejo isso até com os meus sócios agora que estou sóbrio e converso com eles.

Como podemos notar no exemplo a seguir o habitus do médico e o habitus do paciente representam perspectivas opostas dentro do mesmo campo e, muitas vezes, questões conflitantes podem aparecer. Na última transcrição com a fala do paciente Cliff, vemos a perspectiva de um médico que podemos dizer que possui, na mesma circunstância, o habitus do médico e o habitus do paciente.

Outro exemplo que reflete as relações desiguais estabelecidas e o sentimento de "desvantagem" do paciente frente ao médico pode ser encontrado no Módulo 18: Perguntando sobre Sexualidade em que se ensina uma abordagem junto ao paciente que não expresse julgamentos ou sentimentos negativos com relação ao paciente acometido por doenças sexualmente transmissíveis, uma vez que o próprio paciente já apresenta medo, culpa e vergonha, como mostra a Figura 10.

Figura 10. Exemplo retirado do Módulo 18 sobre a questão sexual.

Oi Fernanda Udinal: [atividades](#) [account info](#) [log out](#)



Conversando com os pacientes sobre HIV/AIDS ou DST

O estigma e a culpa estão associados ao HIV e outras DSTs e a comportamento associados à transmissão dessas doenças. Os médicos não são imunes aos sentimentos negativos relacionados a doenças ou comportamentos. Quando os sentimentos de ambivalência ou julgamento do médico e dos pacientes colidem, a defesa, irritação e raiva frequentemente emergem.

Na maioria das sociedades, as doenças sexualmente transmissíveis são vergonhosas, e pessoas que as têm são estigmatizadas, especialmente se as infecções foram adquiridas por uma atividade sexual desaprovada (fora do casamento ou por relações homossexuais ou heterossexuais com desconhecidos, por exemplo). Para as pessoas com HIV/AIDS ou em risco de contrai-la, um medo de ter uma doença amedrontadora contribui ainda mais para a complexidade na entrevista. Onde há vergonha, normalmente há culpa. Isso é certamente verdadeiro para os pacientes com DSTs e HIV/AIDS, especialmente se a infecção foi contraída por meio de um comportamento que vai contra a moral deles ou suas crenças religiosas.



Confira o vídeo de exemplo sobre “constrangimento e culpa” do lado esquerdo da tela.

Este vídeo é um trecho de um vídeo mais longo do módulo 5 do doc.com. O médico que aparece no vídeo é Auguste Fortin.

A culpa pode ser mais intensa se a pessoa infectada está colocando mais alguém em risco por causa de seu comportamento, por exemplo, um homem que contraiu HIV por uso de drogas injetáveis ou sexo com prostitutas e continua a fazer sexo sem proteção com a esposa. É sempre uma boa ideia dar aos pacientes a chance de falarem sobre os seus sentimentos (mód. 3, 6 e 13) uma vez que o comportamento e a situação tenham sido compreendidos de forma adequada; e isso é uma grande verdade no diálogo com pacientes sobre HIV e outras DSTs.

Em razão das questões relativas a DSTs e HIV serem tão delicadas, suas perguntas devem ser formuladas em uma linguagem livre de julgamentos e sua comunicação não verbal deve ser coerente e com um tom neutro. Muitos pacientes já estão com medo de ter HIV/AIDS, mesmo quando a probabilidade real de estar infectado não está clara. Uma vez que você não pode mudar a probabilidade pela maneira como fala com os pacientes, eles são muito sensíveis às nuances de sua comunicação. Tome medidas adicionais para manter uma postura profissional e objetiva, de forma que você evite qualquer insinuação de que a probabilidade seja alta e evite assustar os pacientes sem necessidade.

Módulo 18: **Perguntando sobre Sexualidade** por Dr. Richard M. Frankel Ph.D., Dra. Sarah Williams, Dr. Elizabeth Edwardsen

prev home next

Fonte: *DocCom* Brasil.

As marcas nas relações sociais podem parecer conflitantes mesmo a partir do uso da linguagem como lemos nos trechos extraídos das entrevistas de pacientes. No que diz respeito a esse fato, as tradutoras adotaram a postura de estar no entremeio e cuidar para que a escolha de termos e palavras se baseie na reprodução das falas dos agentes, porém de forma um tanto neutralizante ao não optar por usar palavras que carregassem algum tipo de estigma social, por exemplo, ao utilizar a palavra “usuário” ou “dependente” e não usar o termo “viciado”, quando partia da fala dos médicos e profissionais de saúde, que possui um valor social pejorativo. Existe até mesmo a discussão entre os termos “alcoólatra”, “alcoólico” e “alcoholista”, que não nos cabe tratar aqui, mas podemos notar que a palavra “alcoólatra” também carrega um estigma social.

Outro aspecto que podemos mencionar é o uso dos pronomes do caso reto na tradução em língua portuguesa, que foi mantido na maior parte das ocorrências. Normalmente, na língua portuguesa, opta-se pela omissão do pronome, seja pela estilística do texto ou necessidade de economia de caracteres nas legendas, uma vez que a marca do sujeito já viria expressa pela desinência do verbo, diferentemente da língua inglesa, na qual se faz necessário o uso do pronome. No entanto, pode-se observar a não omissão dos pronomes confere às legendas um tom mais subjetivo e mais aproximado à realidade da língua falada, mostrando os agentes sociais e suas posições nesse determinado campo. Ilustramos essa questão no quadro a seguir em que o uso dos pronomes aparece em destaque:

Doctor: So tell me more about that.

Patient: Well, I had just hung up the phone from talking to my sister. She called me to tell about my niece, her daughter. They were on their honeymoon. She just got married and they called her and told her there was a car accident and both of them were killed.

Doctor: My goodness.

Patient: And it upset me so bad, so bad.

Doctor: I can imagine. This was yesterday?

Patient: Yesterday.

Médico: Fale-me mais sobre isso.

Paciente: **Eu** tinha acabado de desligar o telefone, estava falando com minha irmã. **Ela** me ligou para falar da minha sobrinha, filha dela, **eles** estavam em lua de mel. **Ela** tinha acabado de se casar. Ligaram para minha irmã e contaram que houve um acidente de carro e os dois morreram.

Médico: Meu Deus!

Paciente: **Eu** fiquei tão triste, tão triste.

Médico: Posso imaginar. Isso foi ontem?

Paciente: Ontem.

Figura 11. Exemplo de uso do pronome do caso reto no vídeo do Módulo 6.



Fonte: *DocCom* Brasil.

5.5 O carácter performativo da plataforma

No âmbito da performatividade, como mencionado anteriormente, vemos que a própria natureza da plataforma é performativa, pois trata-se de um recurso educacional que mostra ação dos médicos que se dedicam à formação de futuros médicos cujas habilidades e competências aprendidas serão postas em ação em contextos semelhantes aos ilustrados nos módulos.

A proposta de ação dos médicos visa causar um efeito nos médicos em formação, despertando-os para questões de ordem social que possam vir a mudar a prática médica e, de acordo com nossos estudos sobre a sociologia de Bourdieu, vir a provocar mudanças no habitus médico, para uma relação mais centrada no paciente que transmita mais igualdade e acolhimento. Para isso, os autores dos módulos frisam a importância de se manter no mesmo nível corporal dos pacientes, ou seja, sentar-se de frente ou lado sem uma mesa ou objeto de separação, olhar nos olhos, ouvir o paciente com atenção, repetir o que o paciente disse como forma de demonstrar compreensão.

Figura 12. Exemplo da natureza performativa da plataforma.

Oi Fernanda Udinal: [atividades](#) [account info](#) [log out](#)



doc.com Brasil

- Identificando emoções
 - Tristeza medo raiva
 - Emoções do médico
 - Fazendo as emoções tra
- Respondendo a emoções
 - Tristeza intensa
 - Outras considerações
 - Raiva intensa**
 - Vídeo 1
 - Vídeo 2
 - Outras considerações
 - Medo intenso
 - Vídeo 3
 - Vídeo 4
 - Outras considerações
 - Conclusões
 - Lista de Comportamentos
 - Referências

Created with TreeMenu
Show URL of this page

prev home next

Raiva Intensa

A raiva é uma resposta normal a uma ameaça percebida, mas pode ser contraproducente quando ela aliena aqueles que poderiam ajudar. Ainda, se os médicos respondem com declarações ou questões defensivas ou agressivas, a raiva dos paciente pode realmente aumentar. Lembre-se deste fator fundamental: você pode expressar sua compreensão sem concordar com os pacientes.

Os pacientes podem expressar raiva dos médicos por muitas razões, incluindo:

- **erros médicos**, do médico ou qualquer um da equipe médica;
- médicos que parecem não se importar com o paciente, arrogantes ou preconceituosos;
- às vezes, os pacientes estão com medo ou bravos **por sua situação médica**, mas direcionam a raiva para a equipe médica.



Clique no quadro acima para assistir a um filme que demonstra uma comunicação **ruim** com um paciente com raiva.



Clique no quadro acima para assistir a um filme que demonstra uma **melhor** comunicação com um paciente com raiva.

A maioria dos médicos acha difícil tentar compreender e expressar empatia a um paciente por quem nos sentimos atacados, mas as mesmas habilidades úteis em outras situações são igualmente úteis nesses casos. Assim como com a tristeza, declarar sua empatia com pacientes com raiva pode requerer calibragem. Por exemplo, quando o paciente está "fervendo" de raiva mas não sente que é apropriado revelá-la, a **reflexão** vai ajudar a trazer sua preocupação para

13: **Respondendo a emoções fortes** - pelo Dr. Barry Egner

Fonte: *DocCom Brasil*.

À luz das informações expostas acima, a título de ilustração, usaremos um extrato do *Módulo 21: Comunicação e Relacionamento com Crianças e Pais*, denominado Objetivos de Aprendizagem, item presente na estrutura de todos os módulos, que visa resumir as ações que os alunos serão capazes de desenvolver a partir de seu aprendizado. Manter o uso dos verbos nos infinitivos é uma forma de indicar a noção de instrução para a ação. Essa forma, nesta seção específica, foi mantida nos 12 módulos:

Learning goals:

At the conclusion of this module, you will be able to:

- Describe the rationale for including children in the interview and demonstrate skills for engaging them.
- Describe the typical illness concepts of preschool children and school-age children.
- Describe techniques for communicating with children of varying ages including the use of play and rapport-building strategies.
- Elicit the child's and parents' perspectives on the illness / problems as well as their understanding of treatment plans.
- Invite and elicit feelings of parents and children; acknowledge and accept those emotions.
- Describe ways to show empathy in the pediatric interview.
- Share diagnostic and treatment information gently, with respect and compassion; avoid jargon.

Objetivos de aprendizagem:

Ao término deste módulo, você será capaz de:

- Descrever a justificativa para incluir as crianças na entrevista e demonstrar habilidades para envolvê-las.
- Descrever as concepções típicas de pré-escolares e escolares sobre a doença.
- Descrever técnicas para comunicação com crianças de várias idades incluindo o uso de brincadeiras e estratégias para construção de vínculo.
- Obter a perspectiva da criança e dos pais sobre a doença/os problemas, bem como sua compreensão sobre os planos terapêuticos.
- Encorajar e estimular os pais e as crianças a expressarem seus sentimentos; reconhecer e aceitar tais emoções.
- Descrever meios para demonstrar empatia na entrevista pediátrica.
- Compartilhar de maneira compassiva informações sobre o diagnóstico e tratamento, com respeito e empatia; evitando jargões.

Outro exemplo, dessa vez, em vídeo, mas também com o mesmo caráter performativo, pode ser visualizado no *Módulo 6: Construindo a relação*:

Doctor: Getting a patient's perspective is important from so many points of view. And in particular, it builds the relationship because often it opens a window into the patient's world and gives you access to information about their personal family and background that might otherwise never occur.

Médico: Obter a perspectiva do paciente é importante por várias razões. Em especial, isso constrói a relação porque geralmente abre uma janela para o mundo do paciente e lhe dá acesso a informações sobre seu contexto familiar que poderiam não vir à tona de outra maneira.

Todas as questões apresentadas aqui estão interligadas, assim como todos os aspectos do ato performativo na tradução, na ação tradutória, todas as suas instâncias e todos os seus desdobramentos e efeitos.

5.6 O papel do tradutor e sua contribuição para a formação do habitus médico

Elencamos até aqui alguns exemplos e situações que tiveram que ser cuidadosamente analisadas e decididas para que o texto de chegada pudesse cumprir seu propósito e levar o público de chegada à aquisição de conhecimento e mais especificamente, em nosso caso, levar o médico em formação a desenvolver habilidades de comunicação e inclui-las em sua prática médica, à sua ação.

Embora nem sempre reconhecido, o tradutor passa a ser um agente essencial na produção e transmissão de conhecimento. Assim, a tradução é um meio de difusão de conhecimento. Seja ela técnica, religiosa ou literária, cabe ao tradutor a ação de preparar-se, escolher referências e buscar recursos para que o texto traduzido satisfaça sua função na cultura de chegada.

Podemos dizer, portanto, que a difusão de conhecimento depende, em grande medida, da tradução. Todas as ciências, sendo elas biológicas, humanas ou exatas, bem como todo o conhecimento por elas produzido foram ao longo dos séculos transmitidos entre culturas e, consequentemente, traduzidos. (ESTEVEVES, 2012, p. 75).

No caso de nosso objeto de estudo, as tradutoras, ao refletirem sobre o processo, sobre a terminologia, sobre as diferenças culturais e sobre as formas de interação social entre os agentes, contribuíram para a formação daquele médico e se mantiveram constantemente atentas à sua responsabilidade de agir na produção do texto de partida com relação aos fatores intra e extralinguísticos e atentas às interpretações do que poderiam levar adiante para mediar o processo de aprendizado dos médicos em formação e ao efeito que as escolhas de tradução teriam na ação desses futuros médicos. Essa perspectiva da tradução como ação, como ato performativo, faz que se amplie a complexidade do processo tradutório e que o tradutor se posicione em suas escolhas. Na produção de um texto como o DocCom Brasil, um tradutor desatento e alheio às marcas culturais e relações sociais poderia negligenciar suas possíveis implicações no texto de chegada junto aos receptores.

De acordo com Gouanvic (2007), o tradutor técnico pertence mais ao campo para o qual traduz do que para o campo da tradução, assim, por meio de sua atuação, ele se torna um mediador ativo e importante na transmissão de conhecimento dentro daquela área, contribuindo com a formação e desenvolvimento do habitus profissional dos receptores dos textos.

O agir em tradução das profissionais envolvidas, neste projeto de tradução, sempre atentas às nuances linguísticas, culturais e sociais presentes na prática tradutória, pautou-se na dedicação à preservação do objetivo da plataforma e em seu aspecto mais humanizado, sempre privilegiado pelos idealizadores da plataforma, e, dessa forma e em certa extensão, colaborou para formação do habitus médico dos estudantes de medicina que tiveram a oportunidade de ter acesso a esse importante recurso educacional.

6. Considerações finais

Ao tomarmos a tradução como um ato, dentro da dimensão da performatividade, podemos concluir que traduzir é agir, é fazer escolhas, é fazer coisas com palavras, é mediar o contato entre as culturas e os povos, é propagar o conhecimento e o avanço da humanidade.

No entanto, apesar da importância de a tradução ser inegável, ao longo dos séculos, é possível notar que ela ainda passa despercebida ou impregnada por uma certa impressão de que é um mal necessário. A dicotomia original versus tradução sempre negou à tradução seu devido reconhecimento e conferiu um descrédito ao ofício secular do tradutor que, em geral, é tido como invisível ou quando visto, muitas vezes, é alvo de críticas ou chistes, como se traduzir fosse sempre uma operação tão fácil de tirar uma palavra e colocar outra no lugar. O senso comum, salvo algumas exceções, ignora, no sentido de não conhecer, todas as instâncias complexas envolvidas na tradução, o processo cognitivo e linguístico, atravessado a todo momento por fatores históricos e socioculturais.

No que concerne à tradução técnica, geralmente, não se pensa na figura do tradutor e tampouco em todo o processo de tradução, como se tudo já estivesse ali pronto, *prêt-à-porter*, a menos quando a tradução seja considerada ruim. No caso dos profissionais de legendagem, ou legendadores, eles são “vistos”, mas nem sempre “vistos com bons olhos”, pois há sempre alguém questionando suas escolhas e apontando seus supostos erros de tradução, desconsiderando todos os fatores linguísticos e extralinguísticos e ignorando problemas de limitação de tempo e espaço, que permeiam a atividade do legendador. Assim, como coloca Daniel Simione (1998), as histórias do folclore da tradução sempre acabam em uma piada ou em um insulto às custas do tradutor, isso talvez porque o habitus do próprio tradutor sempre internalizou disposições de submissão frente ao original, aos autores, às normas, aos clientes, conferindo a posição de segundo lugar ao tradutor e levando a sua invisibilidade e seu baixo status social.

Mediante toda a complexidade do assunto, nosso trabalho buscou reivindicar o lugar da tradução técnica na pesquisa acadêmica e, a partir de uma metodologia de pesquisa narrativa, trazer instâncias práticas, suportadas por uma visão teórica integrada, no intuito de mostrar a ação de duas tradutoras na construção do habitus de médicos ainda em formação.

A ação das tradutoras estava focada, a todo momento, nos receptores do texto de chegada, em seu contexto social e cultural, dentro da realidade brasileira, e buscou contribuir com a formação do habitus médico dos estudantes de medicina. Em outras palavras, as

tradutoras agiam com base na função da plataforma educacional *DocCom* que era ajudar os estudantes de medicina a desenvolverem, a partir de textos teóricos e vídeos demonstrativos, habilidades e competências de comunicação com o paciente, dentro de uma perspectiva mais humanizada e centrada na pessoa a receber o cuidado em saúde. Para tanto as profissionais responsáveis pelo projeto de tradução, ao longo do processo tradutório, buscavam entender e conhecer o contexto e como se estabeleciam as relações e interações sociais entre os agentes do campo da medicina e da educação médica para estabelecer suas estratégias e escolhas de tradução, tendo como foco o aluno de medicina e considerando todos os possíveis aspectos históricos, sociais e culturais da realidade brasileira.

À luz do exposto acima, os exemplos das escolhas e estratégias de tradução, apresentados no presente trabalho, evocam uma realidade prática e mostram a ação das tradutoras na tentativa de produzir um texto de chegada que estivesse o mais próximo possível da realidade cultural brasileira, uma vez que os vídeos refletem a realidade das pessoas no contexto estadunidense, e somente por meio da tradução seria possível criar uma vinculação com o universo brasileiro, até mesmo de uma forma afetiva. Embora ainda possa haver muitas marcas da cultura de partida no texto de chegada, a tentativa de recriação das marcas socioculturais, pautadas ao máximo nos princípios de humanização e respeito ao paciente, dentro do contexto brasileiro, buscou aproximar os médicos em formação daqueles pacientes sendo atendidos nos vídeos, ajudando-os a fincarem suas raízes na realidade cultural brasileira, de modo que eles se identificassem com as pessoas naquelas situações, de uma maneira empática, e refletissem sobre o desenvolvimento de suas habilidades e competências para aplicá-las no futuro quando estivessem diante das situações apresentadas.

Assim, a recriação dessas marcas socioculturais, com base em estratégias e escolhas, sempre demonstrou respeito e inclusão, respeitando o caráter humanizado da plataforma educacional *DocCom*, contribui para a formação de um habitus médico humanizado, porque necessariamente o estudante de medicina vai refletir sobre as características e especificidades da cultura brasileira, sobre a vida e os possíveis problemas que o paciente brasileiro poderia trazer. O processo de produção do texto de chegada almejou a todo momento um conhecimento que alicerçasse a formação do habitus do futuro médico. Uma tradução descuidada com relação aos aspectos culturais e não orientada pelos princípios de humanização, respeito, empatia e inclusão, poderia emitir sinais confusos e contraditórios para o estudante de medicina e, assim, impactar negativamente a forma de aprendizado proposta pelo *DocCom* e comprometer a aquisição das habilidades e competências necessárias para sua atuação na prática médica no futuro. Por exemplo, a escolha das tradutoras em usar “dependente químico” ou até mesmo

“usuário” para o termo *addicted* já demonstra que se privilegiou um grau de respeito e inclusão, tendo em vista que o uso do termo “viciado” poderia trazer uma noção de julgamento e um tom mais ofensivo no texto de chegada e, certamente, não seria recomendável que nenhum médico usasse nenhum termo desrespeitoso para falar com ou sobre seu paciente. Manter-se alinhado aos princípios educacionais da plataforma e à necessidade e realidade do receptor do texto de chegada contribuiu para a reprodução dos valores de humanização e respeito e reconhecimento e aquisição dos mesmos pelo médico em formação.

Na e para a produção do *DocCom* Brasil, é possível observar que, de certa forma, os *habitus* se cruzam e dialogam entre si para garantir o desenvolvimento do campo da educação médica, o *habitus* dos médicos professores e autores dos módulos, o *habitus* dos editores e desenvolvedores da plataforma, o *habitus* dos docentes iniciadores do projeto no Brasil, o *habitus* da médica tradutora, enquanto também iniciadora do projeto, docente, tradutora e revisora, o *habitus* da tradutora profissional, enquanto tradutora experiente e responsável pelo desenvolvimento do projeto de tradução e implementação da plataforma em sua versão brasileira, e o *habitus* do médico em formação, que a todo momento foi o foco do projeto.

Em particular, a união do *habitus* da médica tradutora, com suas disposições pessoais e conhecimentos linguísticos e na área de educação médica, e do *habitus* da profissional de tradução, com suas disposições pessoais e experiência na área de tradução na área de saúde, foi de extrema valia para a tradução do *DocCom* para língua portuguesa, com o objetivo de colaborar com a formação de um *habitus* médico mais humanizado e disseminar conhecimento e valores e princípios no que tange à ética, respeito, empatia e humanização entre os estudantes de medicina.

Diante da relevância de todos os esforços empreendidos nessa jornada, transformá-la em uma pesquisa narrativa possibilitou reflexões que podem contribuir com o avanço da área da tradução, em sua atividade prática, e também com seu ensino na formação de estudantes de graduação e pós-graduação. E, portanto, nosso trabalho mostra a importância de incluir a tradução técnica e de textos especializados no rol dos Estudos da Tradução para entender melhor a tradução em sua dimensão de ato, seu impacto nas áreas do conhecimento e a figura do tradutor.

Assim, como futuros desdobramentos do projeto de tradução e deste estudo, seria interessante o desenvolvimento de estudos de recepção, junto ao público de chegada, contemplando a parte da tradução audiovisual, que pudessem contribuir para um feedback em relação ao trabalho desenvolvido pelas tradutoras.

Da mesma forma que se faz importante o desenvolvimento de mais pesquisas, na área dos Estudos da Tradução, ou Estudos do Tradutor, a partir de uma perspectiva sociológica, como proposto por Chesterman (2014), que investiguem as traduções como produtos em um mercado internacional, a sociologia dos tradutores como agentes e a sociologia do traduzir e o processo de tradução, explorando o ato tradutório, os procedimentos (de trabalho, de controle de qualidade e de revisão), as equipes, as relações com outros agentes, e todos os níveis envolvidos na cadeia de trabalho do tradutor e, desde as questões de remuneração até as questões de gênero, orientação sexual, relações de poder, que poderiam afetar o trabalho e as atitudes dos tradutores, além do discurso político da tradução que poderia contribuir para difundir melhor e contribuir com a imagem pública da profissão.

Assim, à guisa de conclusão, enfatizamos a necessidade de se conhecer melhor o habitus do tradutor, a partir de estudos acadêmicos, para repensarmos sobre sua servidão às normas, aos clientes, aos autores e aos originais e avançarmos em busca do devido reconhecimento do nosso papel como mediadores na disseminação do conhecimento e no avanço da humanidade.

Referências

- ARAÚJO, L. B. A. F.; MARTINS, M. A. P. Um olhar sociológico sobre a tradução. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, v.20, n.34, 2018, p.2-11. Disponível em: <http://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/468/470>. Acesso em: 20 jan. 2020.
- ARROJO, Rosemary. **Oficina de tradução: a teoria na prática**. São Paulo: Ática, 2000.
- AUBERT, Francis. A tradução cultural e os recursos multimídia: um esboço e um experimento. **The Specialist**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 31-41, 1999.
- AUBERT, Francis. Indagações acerca dos marcadores culturais na tradução. **Revista de Estudos Orientais**, São Paulo, v. 5, p. 23-36, 2006.
- AUBERT, Francis. Tradução técnico-científica e terminologia: um ensaio exploratório. **TradTerm**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 41-42, 2001.
- AUBERT, Francis. Traduzindo as diferenças extralinguísticas - procedimentos e condicionantes. **Tradterm**, São Paulo, v. 9, p. 151-172, 2003.
- AUSTIN, John L. **Quando dizer é fazer: palavras e ação**. Tradução e apresentação de Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- AZENHA JUNIOR, João. Text linguistics and translation: redefining the concept of "cultural mark". **Tradterm**, v. 14, p. 51-71, 2008.
- AZENHA JUNIOR, João. **Tradução técnica e condicionantes culturais**. Primeiros passos para um estudo integrado. 1ª. ed. São Paulo: Humanitas - FFLCH/USP, 1999. v. 1. 158p.
- AZENHA JUNIOR, João. Tradução técnica, condicionantes culturais e os Limites da responsabilidade do tradutor. **Cadernos de Tradução (UFSC)**, UFSC, Florianópolis, v. 1, n.1, p. 137-149, 1997.
- AZENHA JUNIOR, João. Transferência cultural em tradução: contextualização, desdobramentos, desafios. **Tradterm**, v. 16, p. 37-66, 2010.
- BALMER, Dorene F.; RICHARDS, Boyd F.; VARPIO, Lara. How students experience and navigate transitions in undergraduate medical education: an application of Bourdieu's theoretical model. **Advances in Health Sciences Education**, v. 20, p. 1073–1085. 2015.
- BAKER, Mona. **Routledge Encyclopedia of Translation Studies**. London/New York: Routledge. 1998.
- BORGES, T.A.P.; VANNUCHI, M.T.O.; GROSSEMAN, S.; GONZALEZ, A.D. Adaptação transcultural para o Brasil do módulo on-line *DocCom*: comunicação para o trabalho em equipe. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 25. Ribeirão Preto. Sep. 21, 2017. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rlae/a/RVYdLQVGwrSScHN5XTGg3WN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 jul. 2022.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. 7a. ed. Tradução de Sergio Miceli et al. São Paulo: Perspectiva, 2013.

BROSNAN, Caragh; TURNER, Bryan S. **Handbook of the Sociology of Medical Education**. New York: Routledge, 2009.

BURKE, P.; HSIA, R. Po-chia. (Ed.). **A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna**. Tradução de Roger Maioli dos Santos. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

CATANI, A.; NOGUEIRA, M. A et al. (Orgs.) **Vocabulário Bourdieu**. São Paulo: Autêntica, 2017.

CHESTERMAN, Andrew. O nome e a natureza dos Estudos do Tradutor. Trad. Patrícia Rodrigues Costa; Rodrigo D'Avila Braga Silva. **Belas Infiéis**, v. 3, n. 2, p. 33-42, 2014. Disponível em: periodicos.unb.br/index.php/belasinfiéis/article/download/13003/9152. Acesso em: 15 jan. 2020.

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F.M. **Pesquisa Narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa**. 2. ed. rev. Tradução Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia, MG: EDUFU, 2011.

COMPASSIONATE. IN: Longman Dictionary of Contemporary English. London: Pearson. Disponível em <https://www.ldoceonline.com/dictionary/compassionate>. Acesso em: 03 jun. 2022.

COULTHARD, James. **Rethinking back-translation for the crosscultural adaptation of health-related questionnaires: expert translators make back-translation unnecessary**. 2013. Tese de doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina.

ESTEVES, Lenita M.R.A. **Atos de tradução: éticas, intervenções e mediações**. São Paulo: Humanitas: FAPESP, 2014.

EWING, Wallace K. The Mentalist Theory of Language Learning. **Foreign Language Annals**. 1972, v. 5, n. 4, p. 455-462.

FLORIANI, Ciro Augusto; SCHRAMM, Fermin Roland. Casas para os que morrem: a história do desenvolvimento dos hospícios modernos Análise. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, 17 (suppl. 1), jul. 2010. Disponível em <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/GBPNNCRyLb69gZX8ppXpKPR/?lang=pt>. Acesso em: 16 jul. 2022.

GOMES, A. P.; Rego, S. Pierre Bourdieu and Medical Education. **Revista Brasileira de Educação Médica**. 2013. 37 (2): 260-265.

GOUANVIC, Jean-Mark, Objectivation, réflexité et traduction. In: WOLF, Michaela; FUKARI, Alexandra. **Constructing a sociology of translation**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2007

GROSSEMAN, S.; PATRÍCIO, Z.M. Relação médico-paciente terapêutica e a formação médica: proposta para um construto com foco na ética, na cidadania e no cuidado nas interações. In: **Educação Médica: gestão, cuidado, avaliação**. MARINS, J.J.N.; REGO, S. (org.). São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Educação Médica, 2011, p. 131-173.

GROSSEMAN, S.; PATRÍCIO, Z.M. Relação Médico-Paciente: Evidências de fragilidades e possibilidades de sua superação pelo ensino de habilidades em comunicação na atenção à saúde. In: **Educação Médica: gestão, cuidado, avaliação**. MARINS, J.J.N.; REGO, S. (org.). São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Educação Médica, 2011, p. 223-257.

GUARDIANSHIP Versus Custody: Differences & Similarities. CustodyXchange. Disponível em <https://www.custodyxchange.com/topics/custody/legal-concepts/guardianship-vs-custody.php>. Acesso em: 01 jul. 2022.

HEILBRON, Johan; SAPIRO, Gisèle. **Por uma sociologia da tradução**: balanços e perspectivas. Graphos. João Pessoa, v. 11, n.2, dez./2009.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez Editora, 2010.

MATON, Karl. Habitus. p. 75 In: GRENFELL, Michael. Pierre Bourdieu: **Conceitos Fundamentais**. Tradução de Fábio Pinheiro. Petrópolis: Vozes, 2018.

MONTGOMERY, S. **Science in Translation**: Movements of Knowledge Through Cultures and Time. Chicago; London: University of Chicago Press, 2000.

MONTEIRO, José Marciano. **10 lições sobre Bourdieu**. Petrópolis: Vozes, 2018.

MOUNIN, Georges. **Les problèmes théoriques de la traduction**. Paris: Gallimard, 1986.

MOURA, Luís César Souto de. **A face reversa da educação médica**: um estudo sobre a formação do habitus profissional no ambiente da escola paralela. Porto Alegre: AGE: SIMERS, 2004.

MUNDAY, Jeremy. **Introducing Translation Studies** – Theories and Applications. London/New York: Routledge, 2012. p. 215-241.

NEWMARK, Peter. **A textbook of translation**. New York: Prentice Hall, 1988.

NORD, C. **Análise textual em tradução**: bases teóricas, métodos e aplicação didática. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2016.

OLIVEIRA E PAIVA, V. L. M. A pesquisa narrativa: uma introdução. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, 2008. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rbla/a/gPC5BsmLqFS7rdRWmSrDc3q/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 jul. 2022.

OLSSON, Caroline; KALEN, S.; PONZER, S. Sociological analysis of the medical field: using Bourdieu to understand the processes preceding medical doctors' specialty choice and the influence of perceived status and other forms of symbolic capital on their choices. **Advances in Health Sciences Education**. v. 24, p. 443-457. 2019.

OTTONI, Paulo. John Langshaw Austin e a visão performativa da linguagem. **DELTA**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 117-143. Disponível em <https://www.scielo.br/j/delta/a/ysBDL9Cr4ZqBPP96MgkVyGG/?lang=pt>. Acesso em: 10 abr. 2022.

PANTIN, I. O papel das traduções nos intercâmbios científicos europeus nos séculos XVI e XVII. In: BURKE, P.; HSIA, R. Po-chia. (Ed.). **A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna**. Tradução de Roger Maioli dos Santos. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

PYM, Anthony. **Explorando teorias da tradução**. Tradução: Rodrigo Borges de Faveri, Claudia Borges de Faveri, Juliana Steil. São Paulo: Perspectiva, 2017.

PYM, Anthony. Material Text Transfer as a Key to the Purposes of Translation. In: NEUBERT, A.; SHREVE, G.; GOMMLICH, K. (org.). **Basic Issues in Translation Studies. Proceedings of the Fifth International Conference Kent Forum on Translation Studies II**. Kent, Ohio: Institute of Applied Linguistics, 1996, p. 337-346. Disponível em: https://usuaris.tinet.cat/apym/on-line/translation/1996_material.pdf. Acesso em 05 nov. 2022.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. O Austin do qual a Lingüística não tomou conhecimento e a Lingüística com a qual Austin sonhou. **Cad. Est. Ling.**, Campinas, (30):105-115, jan./jun. 1996. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637045/4767>. Acesso em 05 nov. 2022.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. A insustentável seriedade da leveza: uma análise desconstrutivista do humor em J. L. Austin. **DELTA**, São Paulo, v. 8, n.2, p. 291-301, 1992.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Dos dizeres diversos em torno do fazer. **DELTA**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 291-301, 1990.

REISS, Katharina; VERMEER, Hans J. **Towards a General Theory of Translational Action: Skopos Theory Explained**. Translation Christiane Nord. New York: Routledge, 2014.

REZENDE, Patrick. Atos de tradução intersemióticos, performatividade e constituição de identidades. **PERcursos Linguísticos**, Vitória-ES, v. 6, n. 13, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/14702/10269>. Acesso em 05 nov. 2022.

SANTIAGO ARAÚJO, V. L.; ALVARENGA, L. **A Tradução de Textos Audiovisuais: a legendagem e a legendação**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1999.

SIMEONI, Daniel. The Pivotal Status of the Translator's habitus. **Target**, 10:1, 1998.

SNELL-HORNBY, Mary. **The Turns of Translation Studies: New paradigms or shifting points?** Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2006.

SNELL-HORNBY, Mary. **Translation Studies: An integrated approach**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1988.

THOMSON, Patrícia. Campo. In: GRENFELL, Michael. (ed). **Pierre Bourdieu: conceitos fundamentais**. Tradução de Fábio Ribeiro. Petrópolis: Vozes, 2018. ROBERT

VARPIO, L. (2013). AM last page. How Pierre Bourdieu's theory and concepts can apply to medical education. **Academic Medicine**, 88, 1189.

VINAY, J. P.; DARBELNET, J. **Stylistique comparée du français et de l'anglais**. Paris: Didier. 1958.

U.S. DEPARTMENT OF HEALTH AND HUMAN SERVICES. **What is the difference between Medicare and Medicaid?** Disponível em <https://www.hhs.gov/answers/medicare-and-medicare/what-is-the-difference-between-medicare-medicare/index.html>. Acesso em 15 de julho de 2022.

U. S. GOVERNMENT. *Food assistance*. Disponível em <https://www.usa.gov/food-help>. Acesso em 15 de julho de 2022.

WOLF, Michaela. The sociology of translation and its “activist turn”. **Translation and Interpreting Studies**, 7:2, 129-1433, 2012.

WOLF, Michaela; FUKARI, Alexandra. **Constructing a sociology of translation**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2007.

ANEXO A - Autorização para uso do *DocCom* no estudo

November 25, 2019

Dear Fernanda,

As Editor of DocCom, I am happy to give you permission to use our resource in the furtherance of your Masters' degree. I understand the following:

Title of proposal: TECHNICAL TRANSLATION AND PERFORMATIVE ACT OF RECREATING SOCIAL AND CULTURAL MARKERS ON THE TRANSLATION AIMED AT MEDICAL EDUCATION

Graduate student: Fernanda Teresinha Udinal

Institution: UNESP (Universidade Estadual Paulista - São José do Rio Preto-SP)

Term (for Master degree): 24-30 months

DocCom use: linguistic corpus from the 12 modules translated into Portuguese (language terms, sentences, subtitle examples to discuss translation process, issues, and strategies)

Authorization to: mention DocCom on project, dissertation, any conference abstracts, and/or any publication incurred from the project or the process of translation into Portuguese

Note: The use of DocCom translated into Portuguese shall not represent any violation. There will be no public exhibition of DocCom content (videos/full texts). No breach of license. No access by other institutions or third parties other than the ones that signed the License Agreement. No reproduction. Maintenance of confidentiality.

Please keep me apprised of your progress. I would also request that you coordinate with Dr. Suely Grosseman, since she has been the leader of our efforts to translate DocCom in Portuguese and to pilot test it in Brazilian medical education settings.

All best wishes,

Dennis H. Novack, M.D.
Editor, DocCom
Professor of Medicine
Associate Dean of Medical Education
Drexel University College of Medicine
2900 Queen Lane
Philadelphia, PA 19129
Phone: 215 991 8537